

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LAFAYETTE BATISTA MELO

CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO VIRTUAL NA INTERNET
Como as pessoas se localizam em ambientes de chat

Recife
2004

LAFAYETTE BATISTA MELO

CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO VIRTUAL NA INTERNET

Como as pessoas se localizam em ambientes de chat

Tese apresentada ao programa de Pós-graduação em
Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco para
obtenção do título de Doutor

Área de concentração: Psicologia Cognitiva
Orientador: Prof. Dr. Luciano Rogério de Lemos Meira

Recife
2004

FOLHA DE APROVAÇÃO**FOLHA DE APROVAÇÃO**

Lafayette Batista Melo

Construção do Espaço Virtual na Internet – como as pessoas se localizam em ambientes de chat.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de Doutor.
Área de Concentração: Psicologia Cognitiva

Aprovado em: 16 de junho de 2004

Banca Examinadora

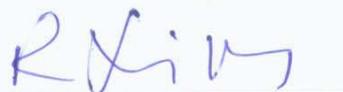
Prof. Dr.: Luciano Rogério de Lemos Meira
Instituição: U.F.PE

Assinatura:



Prof. Dr.: Rômulo Campos Lins
Instituição: UNESP

Assinatura:



Prof. Dr. Luiz Antonio Marcuschi
Instituição: U.F.PE

Assinatura:



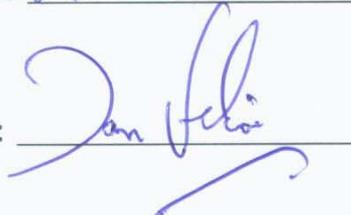
Profa. Dra. Selma Leitão Santos
Instituição: U.F.PE

Assinatura:



Prof. Dr. Jorge Tarcísio da Rocha Falcão
Instituição: U.F.PE

Assinatura:



AGRADECIMENTOS

Ao professor Luciano Meira, orientador desta tese, por ter aberto um novo horizonte de estudos para mim, pelos conhecimentos oportunizados em tecnologia e na linha sócio-cultural da psicologia, pelo apoio e pela liberdade que me deu para tratar do assunto aqui desenvolvido e da forma como foi feito, o que mostrou sem dúvida nenhuma que sem a sua orientação este trabalho não seria possível.

Ao professor Luiz Antonio Marcuschi, pela generosidade, pelas maravilhosas aulas que me deu a oportunidade de assistir, pelos conhecimentos que me passou em linguagem e filosofia, por confirmar algumas convicções teóricas adquiridas com os livros e com meu orientador e também por trazer novos problemas e contestações, que não só enriqueceram grande parte deste trabalho, mas também trouxeram grandes orientações de vida profissional e acadêmica. Por também ser uma pessoa incansável nos seus estudos e convicções e ao mesmo tempo evoluir sempre e mudar quando preciso. Por passar o que ele é para todos os seus alunos e motivar sem precisar dizer que está motivando. Por trazer um ímpeto de justiça e luta contra preconceitos mesmo sem precisar dizer que assim está fazendo. Por reunir as qualidades mais nobres de um professor, de um estudioso e ao mesmo tempo não se colocar à distância de quem quer que seja. Por ser uma pessoa próxima, sendo um referencial teórico. Por ser um grande teórico e uma referência de pessoa. Por ser humano e transmissor não só de conhecimentos, mas também de garra e de prazer pelas atividades que escolhemos. Ao professor Luiz Antonio Marcuschi tenho um agradecimento especial.

Aos meus colegas e amigos de dentro e de fora do doutorado, cujas conversas, discussões e atividades compartilhadas trouxeram alento, gosto e ânimo pela minha pesquisa. Em nome de todos, agradeço a Paulinha pela sua consciência, por ser tão correta e íntegra e pelo tempo que me acompanhou pacientemente nos estudos e nas demais tarefas que realizei, a Flávia por me ouvir sempre e me dar retorno sobre preocupações que sejam ou não acadêmicas, a Dênio pelos momentos enriquecedores de grandes conversas nas mais diversas áreas do conhecimento e por seu companheirismo incondicional e a Jorge Baiano pela companhia tranqüila e amiga.

À minha família pelo apoio e preocupações compartilhados, pelas discussões do dia-a-dia com meus pais (Hélio e Socorro) e pelos caminhos que têm me dado, pelas conversas sobre tecnologia com os meus irmãos (Geraldo e Víncius) devido às questões práticas que eles me mostraram, pelas preocupações e alertas profissionais de minha irmã (Cláudia), pelo referencial de educação que é minha tia (Lenilda) e pela sua ajuda na fase de revisão da tese; enfim a todos da família que de uma ou de outra maneira me ajudaram, incluindo particularmente meu sobrinho Arthur que, mesmo com poucos meses de nascido, possibilitou-me ver outros lados da psicologia de forma contundente e emocionante.

Ao Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba e à Coordenação de Informática, que me liberaram para fazer este doutorado, e pelos grandes profissionais, colegas e amigos desta instituição, que de alguma maneira trouxeram e possibilitaram novas reflexões e estudos.

Agradeço, assim, considerando que todos os que foram citados e mesmo os que não foram lembrados não só participaram do meu período de doutorado, mas comigo construíram a tese, sendo essas pessoas muitas vezes mais importantes do que os referenciais formais que

emprego explicitamente no trabalho, para que eu reflita, analise e diga o que penso. A todos agradeço também por reconhecê-los no espaço virtual do qual trato nesta tese, através das linhas escritas e relidas, com um prazer muito maior do que qualquer bem material possa proporcionar.

RESUMO

MELO, L. B. M. **Construção do espaço virtual na Internet – como as pessoas se localizam em ambientes de chat**. 2004. 230 f. Tese (Doutorado) – Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

O objetivo deste trabalho é explicar a construção do espaço virtual na Internet, especificamente em ambientes de chat, a partir de uma abordagem sócio-cultural da psicologia. Através desta abordagem, o espaço virtual foi visto como um espaço relacional em contínua transformação, no qual as pessoas se localizam e localizam as outras em um ambiente computacional. Os ambientes tratados neste estudo são os chats, definidos como recursos da Internet que possibilitam comunicação síncrona entre indivíduos. A partir de releituras do enfoque sócio-cultural, do materialismo dialético e de estudos lingüísticos, bem como da prática de utilização de chats, foi construída uma unidade de análise denominada *intercal(ação) de marcadores espaço-virtuais*. Esta unidade de análise envolve elementos de localização (basicamente aqueles com uma função dêitica) e seqüências interacionais (em termos de mensagens que possibilitam a construção do espaço), além de estar associada às transformações de expectativas e pressuposições dos participantes do chat. Foram analisados chats com atividades previamente definidas (encontros acadêmicos realizados no contexto da plataforma Virtus, entrevistas *on-line* e serviços de suporte realizados no Website da UOL) e chats sem uma atividade previamente definida (bate-papos nos sistemas Terra, mIRC, Paltalk e Yahoo Messenger). A análise definiu sete categorias relacionadas às estratégias psicológicas de construção do espaço virtual pelos usuários dos sistemas (conexão, engajamento, emergência, manutenção, imergência, desengajamento e desconexão). Algumas conclusões da análise são: as estratégias psicológicas dos usuários tornaram possível que eles entrassem, permanecessem e saíssem do espaço virtual por meio de elementos dêiticos relacionados aos movimentos virtual-físico e virtual-virtual; os elementos dêiticos têm funções próprias em cada categoria e chats com atividades previamente definidas e sem atividades previamente definidas determinam a construção do espaço virtual bem como o tipo de atividade. Outras contribuições deste trabalho, além da análise de construção do espaço virtual, são as investigações teóricas para o estudo da abordagem sócio-cultural com base em fundamentos do materialismo dialético, o entendimento de como ambientes específicos como aqueles com atividades educacionais têm seu próprio espaço e a compreensão da interface de ambientes computacionais em uso através da observação do processo de construção do espaço virtual.

Palavras-chave: espaço virtual, chat, Internet

ABSTRACT

MELO, L. B. M. **Construction of the virtual space on the Internet – how people locate each other in chat environments**. 2004. 230 f. Thesis (Doctoral) – Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

The objective of this work is to explain the construction of virtual space on the Internet, specifically in chat environments, from a psychology social-cultural approach. Following this approach, virtual space was understood as a relational space in continuous transformation, in which people locate each other in a computer environment. In this study, chats are defined as resources on the Internet, which make the synchronous communication possible among people. After investigations concerning the socio-cultural approach, the dialectical materialism, linguistic studies and practices in chats, an analysis unit was built, named *intercalation of virtual space marks*. It involves localization elements (with deitic function), interaction sequences (message sequences that make the construction of virtual space possible) and is associated with the transformations of user's expectations and assumptions in the chat activity. The analysis was made with planned activities (academic meetings in Virtus system, on-line interviews and support services in UOL Website) and in chats without planned activities (meetings in Terra, mIRC, Paltalk and Yahoo Messenger systems). The analysis defined seven categories in respect to the psychological strategies of the construction of the virtual space by the users of the systems (connection, engagement, emergency, maintenance, disengagement and disconnection). Some conclusions of the analysis are: the psychological strategies of the users make possible them enter, stay and leave virtual space by means of deitic elements in relation to the movements virtual-physical and virtual-virtual; the deitic elements have proper functions in each category and chats with and without planned activities define the construction of virtual space as the kind of activity. Other contributions of this work, beyond the analysis of construction of virtual space, are the theoretical investigations to the study of socio-cultural approach in basis of dialectical materialism foundations, the understanding of how specific environments as those with educational activities have their own spaces and the comprehension of the computational environments interface in use by observation of the process of virtual space construction.

Key-words: virtual space, chat, Internet

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1.1 - EXEMPLO SIMPLES DE CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO VIRTUAL NO CHAT	13
QUADRO 6.1 – CONEXÃO E ENGAJAMENTO EM CHAT DO VIRTUS.....	150
QUADRO 6.2 – CONEXÃO E ENGAJAMENTO EM CHAT DA UOL	153
QUADRO 6.3 - EMERGÊNCIA EM CHAT DO VIRTUS	158
QUADRO 6.4 – SEQÜÊNCIA ANTES DE EMERGÊNCIA EM CHAT DO VIRTUS.....	159
QUADRO 6.5 - EMERGÊNCIA COM REFERÊNCIA A MOVIMENTOS EM OUTRO CHAT DO VIRTUS..	162
QUADRO 6.6 - EMERGÊNCIA COM MOVIMENTOS ENTRE O FÍSICO E O VIRTUAL.....	168
QUADRO 6.7 - MANUTENÇÃO EM CHAT DO VIRTUS	173
QUADRO 6.8- MANUTENÇÃO EM ENTREVISTA DA UOL	175
QUADRO 6.9 - IMERGÊNCIA E DESENGAJAMENTO EM CHAT DO VIRTUS	178
QUADRO 6.10 – IMERGÊNCIA, DESENGAJAMENTO E DESCONEXÃO EM CHAT DA UOL.....	182
QUADRO 6.11 - CONEXÕES E ENGAJAMENTO EM CHAT DO TERRA	184
QUADRO 6.12 - EMERGÊNCIA EM CHAT DO TERRA	189
QUADRO 6.13 – IMERGÊNCIA, DESENGAJAMENTO E DESCONEXÃO EM CHAT DO TERRA	190

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1.1 - CICLO METODOLÓGICO ADAPTADO PARA ESTA PESQUISA	15
FIGURA 2.1- O ESPAÇO DE UMA "PARTE" MAIOR DO QUE O ESPAÇO DE UM "TODO"	23
FIGURA 2.2 -ESPAÇO DESENHADO COM HIERARQUIA DAS POSIÇÕES (EM HTTP://WWW.RICARDOCOSTA.COM/PUB/AMOR.HTM).....	26
FIGURA 2.3 – PINTURA DE FRA ANDRÉA POZZO COM O DESENHO DE UM ESPAÇO TRIDIMENSIONAL E VAZIO (EM HTTP://WWW.DUKE.EDU/~GIFTWRAP/VIRTUALPERSPECTIVE.HTML).....	27
FIGURA 2.4 - ORGANIZAÇÃO DO TEMPO	39
FIGURA 2.5 - RELAÇÃO ESPAÇO DA INTERFACE DO CHAT E ESPAÇO VIRTUAL DO CHAT.....	48
FIGURA 5.1 -INTERFACE DE ENTRADA DO CHAT DO VIRTUS	143
FIGURA 5.2 - INTERFACE DE CHAT DO TERRA	144
FIGURA 6.1 – CONEXÃO E ENGAJAMENTO EM CHAT DAUOL	156
FIGURA 6.2 - EMERGÊNCIA EM ENTREVISTA DA UOL COM ÁUDIO E VÍDEO.....	170
FIGURA 6.3 - ENTRADA DE DADOS DE CHAT DO SUPERIG COM ÁUDIO, VÍDEO E FOTO	187
FIGURA 6.4 -INTERFACE DO PALTALK COM POSSIBILIDADE DE ÁUDIO E VÍDEO.....	187
FIGURA 6.5 - INTERFACE DO YAHOO MESSENGER COM POSSIBILIDADE DE ÁUDIO (FALAR) E VÍDEO (WEBCAM)	188

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1 - FASES DO PSIQUISMO E ESPAÇO	86
TABELA 2 - FASES DO PSIQUISMO, ESPAÇO E LINGUAGEM	136

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	13
2	A PROBLEMÁTICA DO ESPAÇO.....	21
2.1	O ESPAÇO FÍSICO	22
2.2	A IMPORTÂNCIA DO TEMPO	34
2.3	O ESPAÇO VIRTUAL NA INTERNET	41
3	A ABORDAGEM SÓCIO-CULTURAL DA PSICOLOGIA E O ESPAÇO VIRTUAL NA INTERNET.....	51
3.1	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS.....	52
3.2	DIALÉTICA DO ESPAÇO VIRTUAL NA INTERNET	56
3.3	MATERIALISMO E VIRTUALIDADE	64
3.4	O PAPEL DOS INSTRUMENTOS E DOS SIGNOS.....	71
3.5	O PAPEL DA ATIVIDADE	78
4	LINGUAGEM E ESPAÇO VIRTUAL NA INTERNET.....	91
4.1	FALA, ESCRITA E LINGUAGEM DOS CHATS.....	93
4.2	MARCADORES ESPAÇO-VIRTUAIS	105
4.3	DINÂMICA DA INTERAÇÃO NOS CHATS	120
4.4	CONTEXTUALIZAÇÃO	126
5	CONSTRUÇÃO DA UNIDADE DE ANÁLISE.....	137
6	FORMAÇÃO ESPAÇO-VIRTUAL: CONEXÃO, ENGAJAMENTO, EMERGÊNCIA, MANUTENÇÃO, IMERGÊNCIA, DESENGAJAMENTO E DESCONEXÃO	147
6.1	FORMAÇÃO ESPAÇO-VIRTUAL EM CHATS COM ATIVIDADES PREVIAMENTE DEFINIDAS	148
	<i>Conexão e engajamento.....</i>	<i>148</i>
	<i>Emergência.....</i>	<i>157</i>
	<i>Manutenção.....</i>	<i>172</i>
	<i>Imergência, desengajamento e desconexão.....</i>	<i>177</i>
6.2	FORMAÇÃO ESPAÇO-VIRTUAL EM CHATS COM ATIVIDADES NÃO PREVIAMENTE DEFINIDAS	183
	<i>Conexão e engajamento.....</i>	<i>183</i>
	<i>Emergência e manutenção.....</i>	<i>188</i>
	<i>Imergência, desengajamento e desconexão.....</i>	<i>189</i>
6.3	ALGUMAS CONCLUSÕES SOBRE A FORMAÇÃO ESPAÇO-VIRTUAL	192
7	CONTRIBUIÇÕES E TRABALHOS FUTUROS.....	200
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	214

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O objetivo deste trabalho é explicar como é construído o espaço virtual na Internet, especificamente em ambientes de chat. O espaço virtual é tomado aqui como um espaço relacional em contínua transformação, no qual as pessoas se localizam e localizam as outras, mediadas por um ambiente computacional.

Os ambientes tratados neste estudo são os chats ou salas de bate-papo, definidos como recursos existentes na Internet, que possibilitam comunicação síncrona entre os indivíduos (Setzer, 1996; Sobral, 1999; Tajra, 1998; Crystal, 2001). De uma maneira geral, os chats tornam possível a comunicação a distância entre as pessoas, através de mensagens visualizadas na tela do computador. Uma pessoa digita uma mensagem, a envia e as outras pessoas vêem essa mensagem na tela e digitam novamente uma mensagem, como resposta ao que foi enviado. As mensagens ficam dispostas seqüencialmente na tela do computador, de modo que pode ser visto o que foi anteriormente discutido. Existem canais ou salas de chat com os mais diversos assuntos para se discutir: educação, ensino de diversas matérias e cursos, sexo, esportes, variedades, religião etc.

Um exemplo da construção do espaço virtual pode ser observado no quadro a seguir que demonstra uma interação típica em chat.

<p>A: cheguei! Alguém quer falar comigo? B: oi A, tudo bem?</p>

Quadro 1.1 - exemplo simples de construção do espaço virtual no chat

Neste caso simples, nota-se que o indivíduo A emite uma mensagem, a qual já vem com a indicação de que A está naquele espaço (o texto “A:” é do próprio sistema), A enfatiza que está “lá” (diz “cheguei”), procura alguém que supostamente estaria “lá” também (pergunta se alguém quer falar com ele) e B responde (mostra que está “lá” e que localizou A). Outros casos mais complexos acontecem e no desenvolvimento da interação surgem várias outras formas de construção do espaço virtual.

As justificativas para o desenvolvimento deste trabalho não se encontram apenas no fato de se supor a temática interessante, tendo em vista que as relações entre psicologia, Internet e a própria idéia de espaço são muitas vezes polêmicas e relativamente novas. A principal justificativa para a realização deste trabalho é contribuir para novos estudos relacionados ao modo como a psicologia trata os fenômenos psicológicos mais emergentes e, neste caso, entender as estratégias psicológicas utilizadas na construção do espaço virtual. De modo que fosse alcançado esse intuito, houve a pretensão de se associar o conhecimento adquirido com uma visão mais geral de mundo, ou seja, houve a necessidade de se relacionar os conhecimentos do mundo acadêmico com os conhecimentos do dia-a-dia. Embora se considere que este fato normalmente ocorre, reconhece-se que ele não é assumido. Normalmente, a vida fora da academia é vista como algo totalmente à parte. Com base no ciclo metodológico de Valsiner (2000), procurou-se mostrar como o objetivo desta pesquisa será atingido. Este ciclo foi adaptado para esta pesquisa e está demonstrado na figura a seguir.

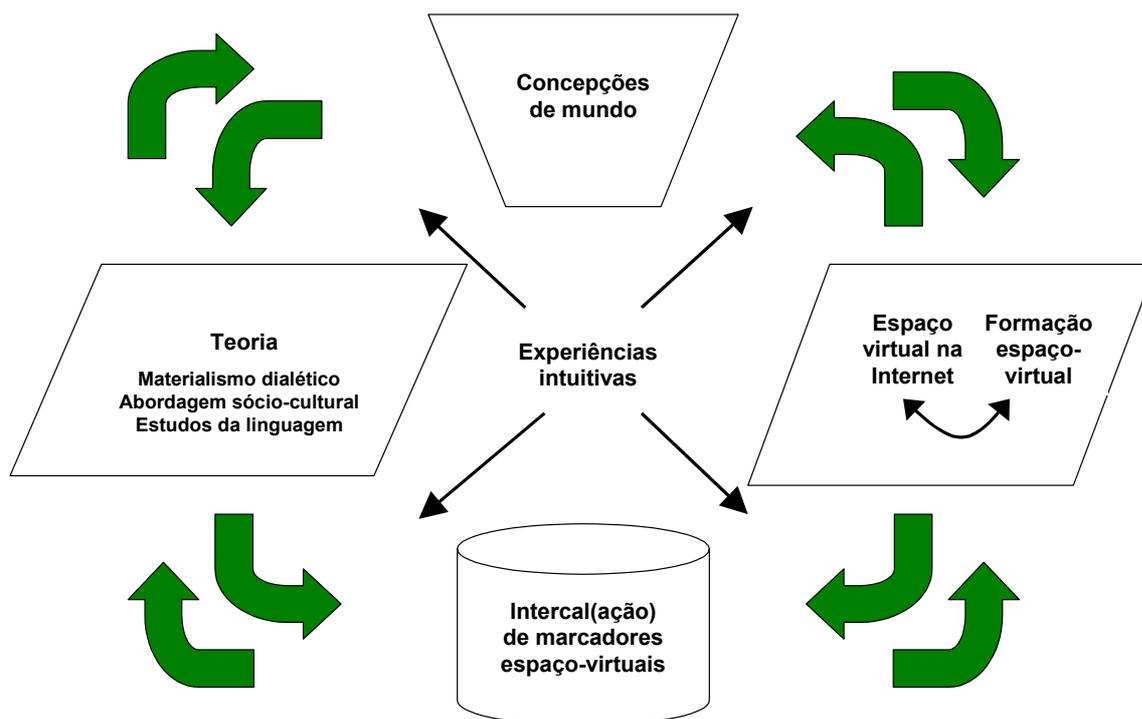


Figura 1.1 - ciclo metodológico adaptado para esta pesquisa

De acordo com o ciclo, verifica-se que há um conjunto de concepções de mundo que influenciam na escolha das teorias (psicologia sócio-cultural, materialismo dialético e teorias da linguagem) e no estudo do fenômeno (o espaço virtual da internet em chats). Além disso, essas teorias e a forma de entender o fenômeno estão relacionadas com a forma como os dados são relacionados com os métodos (o que resultou nesta pesquisa na unidade de análise compreendida como a intercal(ação) de marcadores espaço virtuais). Durante todo o processo, as experiências intuitivas influíram nas relações representadas. Tais experiências podem ser entendidas neste trabalho como surgidas a partir das leituras, observações e experimentações gerais dos chats.

Ao final do desenvolvimento do trabalho, entendeu-se que o ciclo de Valsiner (2000) poderia mostrar com uma certa clareza a idéia que é aqui defendida, mas que algumas

adaptações seriam necessárias. As setas verdes estão em igual espessura, mostrando que houve uma influência mútua e de graus não necessariamente mais intensos entre os diversos fatores apresentados. Também aconteceu um fato peculiar, que está relacionado à apresentação deste trabalho. A abordagem sócio-cultural em psicologia aqui defendida precisou de subsídios em suas raízes (no materialismo dialético) e encontrou uma extensão para a sua utilização em algumas teorias da linguagem. Neste momento, observou-se que toda a inter-relação mostrada poderia sofrer algum impacto na apresentação, já que, se fosse adotado como ponto de partida qualquer um dos pontos do ciclo para que a apresentação fosse iniciada, sempre faltaria uma explicação relativa aos outros pontos.

Como, de qualquer maneira, precisa-se partir de algum ponto, optou-se por iniciar, descrevendo a problemática envolvida na pesquisa. Esta decisão não é “inocente”, no sentido de que as visões de mundo, as experiências intuitivas e as teorias são vislumbradas no trabalho de pesquisa para se buscar uma definição de espaço adequada, e não simplesmente “verdadeira”. No capítulo 2, de acordo esta perspectiva, fala-se da problemática do espaço com o intuito de esclarecer em que noções de espaço esta pesquisa se enquadra. Procura-se esclarecer ao leitor as posições existentes sobre espaço e as discussões específicas sobre espaço virtual para se definir com maiores detalhes qual é o espaço a que se refere esta pesquisa. É claro que, com a perspectiva deste trabalho, o problema, a abordagem e a análise dos dados foram tratados a todo tempo em idas e vindas, em reciprocidade. O fato de se apresentar primeiro a problemática do espaço virtual é apenas uma opção de exposição da pesquisa, que não deixa de lado o fato de a própria abordagem do problema, tratada no capítulo posterior, também ser determinante na definição do problema. As questões relativas ao espaço físico, as discussões sobre o virtual, a característica relacional do espaço, o tempo e a linguagem, tratados no capítulo 2, também estão mutuamente associados de modo a

contribuírem na redefinição do espaço para esta pesquisa. Nos capítulos seguintes ao capítulo 2, as relações de reciprocidade também existem, mas aparecem mais exemplos obtidos tanto da experiência do autor quanto dos dados mais explicitamente definidos e categorizados, que são tratados no capítulo 6. As experiências e a teoria são assumidas como fatores que podem contribuir dialeticamente no processo de investigação do espaço virtual.

De forma que o objetivo do trabalho pudesse atender suas justificativas, optou-se por uma abordagem sócio-cultural, e se chegou a uma situação na qual a própria abordagem precisou ser revista, pois não só os fundamentos sócio-culturais precisaram ser adaptados ao fenômeno estudado, mas também foi considerado que o enfoque teórico adotado está hoje sujeito a polêmicas oriundas das mais diversas interpretações. Houve a necessidade de rever as fontes (não só os autores contemporâneos que tratam delas) e, principalmente, a exigência de se rever os fundamentos das fontes (o materialismo dialético). Esta radicalização, no sentido marxista, trouxe um grande impacto na forma de lidar com a teoria, de um modo que a pesquisa pudesse explicar o mais fielmente possível o fenômeno.

A partir dessas considerações, é importante compreender que as motivações deste trabalho não se encerraram em um interesse de análise e aplicação da tecnologia nas atividades humanas. Tais motivações foram concebidas ainda a partir do próprio anseio de se repensar a aplicação do enfoque teórico sócio-cultural da psicologia. Algumas posições foram tomadas, mudadas e reavaliadas constantemente no processo da pesquisa, as quais serão esclarecidas no decorrer do texto.

Contudo, algumas questões, como a relação teoria-metodologia, foram apresentadas de maneira que se pudesse haver um proveito maior para o tipo de estudo proposto. A idéia de se

buscar as bases das teorias ocorre também devido à indefinição e redefinição constante dos estudos psicológicos e da linguagem em relação aos seus conceitos. Procuraram-se definições mais sólidas. Isso não quer dizer que a psicologia e os estudos da linguagem são entendidos como áreas cujas tarefas mais marcantes sejam as de delimitações e redefinições de si próprias. Entende-se algo mais específico: que a posição assumida neste trabalho está altamente direcionada à compreensão mais efetiva, ou ao menos idealmente mais próxima do objeto da pesquisa, que é o espaço virtual.

No capítulo 3, trata-se da abordagem sócio-cultural da psicologia e do espaço virtual na Internet, apresentando-se algumas considerações epistemológicas norteadoras para o trabalho, pois as concepções epistemológicas, ao definirem uma visão de conhecimento de mundo, especialmente tratando-se do materialismo dialético, também definem como este mundo é tratado. Ao se falar de uma concepção dialética do objeto de pesquisa, entende-se que suas transformações devem ser analisadas, conseqüentemente deve ser considerada a mudança, o processo, o tempo, as leis dialéticas do objeto etc. Ao se falar de uma concepção materialista do objeto de pesquisa, entende-se que ele deve ser analisado, considerando-se seu substrato material, a transformação do material deve repercutir na transformação do objeto, já que se considera também a concepção dialética. Em especial, tratar-se-á no capítulo 3 das noções de instrumento, signo e atividade segundo o enfoque sócio-cultural da psicologia, revisado em suas bases, de modo que se possa relacionar sempre que possível, com exemplos, como essas noções em conjunto com suas raízes do materialismo dialético podem repercutir na idéia de espaço, de espaço virtual da Internet e, mais especificamente, no espaço virtual do chat.

Considerações à parte sobre os estudos da linguagem são feitas no capítulo 4, pois ficou entendido que os estudos sócio-culturais em psicologia apontam para a linguagem como um signo de grande importância, mas não se observou como tais estudos tratam de modo mais específico os elementos lingüísticos. Foi necessário recorrer a estudos na lingüística que pudessem ser tratados dentro da abordagem psicológica escolhida, para que as características dos chats relativas à linguagem fossem mais profundamente trabalhadas quanto a suas repercussões no espaço virtual. São cruciais, assim, as questões relativas à fala, à escrita e ao modo como a linguagem dos chats deve ser tratada, já que possui características tanto de fala quanto de escrita. Após ser definido o papel no qual se encontra a linguagem utilizada nos chats, procura-se especificar que elementos próprios dela estão especialmente voltados para a construção do espaço virtual, ou seja, que marcadores apresentam características essencialmente relacionadas à criação de um espaço deste tipo. Há ainda dois fatores de extrema importância associados às transformações do objeto de pesquisa: a dinâmica da interação nos chats e o papel do contexto. Esses fatores implicam na análise de como os pressupostos psicológicos dos indivíduos se formam e mudam em função da atividade realizada com os outros.

No capítulo 5, as questões do capítulo 4 são retomadas em conjunto com os pressupostos sócio-culturais da psicologia e do materialismo dialético, no intuito de se mostrar como foi criada a unidade de análise da pesquisa, isto é, foi considerada uma unidade mínima de análise da constituição do espaço virtual nos chats, envolvendo ao mesmo tempo teoria e análise dos dados, a intercal(ação) de marcadores espaço-virtuais no contexto do chat.

No capítulo 6, as análises mais formais e as conseqüentes categorizações de conexão, engajamento, emergência, manutenção, imergência, desengajamento e desconexão do espaço

virtual foram feitas, utilizando-se da unidade de análise explicitada no capítulo 5, em função das atividades e do tipo de chat empregado. Foram consideradas as especificidades de atividades em que havia mais ou menos expectativas de como seriam realizadas. As funções não só textuais, como também os usos dos signos próprios de cada interface computacional disponível em cada chat foram detalhados.

Uma descrição de como as idéias deste trabalho podem e estão sendo empregadas foi feita no capítulo 7, que trata das contribuições e dos trabalhos futuros. Procuraram-se algumas contribuições mais efetivas deste trabalho, relacionadas às suas justificativas, ou seja, foram relacionados trabalhos que podem ser continuados tanto na psicologia quanto na lingüística, na informática e na educação.

Breves comentários não contemplados em outros capítulos são colocados no capítulo 8, de considerações finais, almejando não uma conclusão de todas as tarefas realizadas no trabalho, mas observações que, ao contrário, remetem a pressupostos dialéticos do próprio processo de realização da pesquisa. São feitas algumas reflexões sobre a pesquisa realizada bem como sobre o processo de pesquisa em geral.

2 A PROBLEMÁTICA DO ESPAÇO

Neste capítulo, é detalhado o conceito de espaço e como ele se aplica nesta pesquisa. São consideradas as características gerais e específicas do espaço para a delimitação do objeto de pesquisa e para se compreender essencialmente como este objeto deve ser tratado. No escopo deste trabalho, é importante que se considere de antemão que a problemática do espaço está altamente relacionada com a teoria, os dados e a experiência do pesquisador, não necessariamente nessa ordem.

O fato de a problemática do espaço virtual ser tratada no segundo capítulo do trabalho não significa em nenhuma hipótese que a pesquisa em questão começou pela definição do problema e depois seguiu os demais percursos sem voltar para a definição. Neste trabalho, definiu-se o problema, analisaram-se os dados, estudaram-se as teorias, definiu-se o problema e foram refeitas estas ações de forma recíproca e constante. É importante, portanto, que o leitor tenha em mente que as várias questões postas neste capítulo dependem também dos outros capítulos, mas que houve a necessidade de se optar por uma ordem de apresentação e que qualquer ordem apresentaria dificuldades semelhantes. Assim, é crucial notar que há uma busca de interpretações do espaço, desde a sua dimensão física até a sua dimensão virtual, na Internet e nos chats e que outras questões serão levantadas posteriormente, esclarecendo ainda mais as relações demonstradas.

Considerando a perspectiva deste trabalho, que será posteriormente melhor detalhada, uma definição de dicionário não supre o que aqui se almeja. Entender o espaço virtual nos chats precisa remeter a uma visão científica e ao mesmo tempo situada no dia-a-dia das pessoas. O espaço físico, tomado como parâmetro do espaço como categoria geral, será

referido adiante apenas no intuito de se dizer o que nele é essencial para se entender o espaço em sua essência e o que dele não deve ser considerado nos parâmetros da pesquisa em voga.

2.1 O espaço físico

A idéia de espaço físico como questão primordial do conhecimento e da existência encontra reflexões básicas, como a maioria das questões filosóficas, no pensamento grego clássico. As idéias dos gregos são pressupostos que definem em larga escala como o espaço pôde ser visto e estudado na história da humanidade.

Platão concebia o espaço como algo idealizado e que o mundo das idéias seria o responsável pelo mundo físico. Os elementos essenciais do mundo seriam o fogo, o ar, a água e a terra, representados por figuras geométricas cuja mistura resultaria nos demais elementos do mundo. Haveria uma série de regras, fundamentalmente matemáticas, que seriam a essência de funcionamento do espaço físico (Zingano, 2002; Wertheim, 2001; Andery, 2002). Hoje em dia, essa idéia é ainda defendida por alguns físicos, como Roger Penrose (Penrose, 1993 e 1998), que vê o mundo físico como algo que não tem existência por si só, mas como algo que precisa ter existência a partir das leis físicas e matemáticas, as quais, para ele, seriam tão fundamentais, que determinariam inclusive o funcionamento da mente humana. Aristóteles não entendia o espaço como uma determinação total do mundo das idéias, mas como algo que ocorria também a partir da experiência que se tinha com a matéria e com a forma (Zingano, 2002; Andery, 2002). Os quatro elementos do mundo estariam relacionados com seus lugares de origem. Uma pedra, por exemplo, se fosse jogada para cima, teria a tendência de descer, porque seu lugar natural seria a terra. Além disso, Aristóteles concebia que o mundo era o centro do universo e que em volta dele haveria esferas concêntricas que

sustentariam os demais corpos celestes. Acima da última esfera, haveria um espaço cujos elementos essenciais não seriam o fogo, o ar, a água ou a terra, mas o éter. Para ele, o mundo e o universo eram hierárquicos e finitos.

As idéias de Platão e Aristóteles são base das demais idéias sobre o espaço no mundo, sejam elas no sentido físico ou psicológico, porque o mundo físico sempre tinha, de uma ou de outra forma, uma relação com o mundo das idéias. As concepções de Aristóteles foram modificadas após a idade média, porém sua contribuição para o pensamento científico em relação à experiência na formação do espaço continua tendo um papel fundamental. Uma das heranças de Aristóteles, combatida a partir do século XIV, contudo, foi a sua idéia de espaço como superfície ou delimitação. Partindo-se deste pressuposto, observa-se a incoerência do espaço de uma “parte” ser maior do que o espaço de um “todo”, como é demonstrado na figura a seguir.

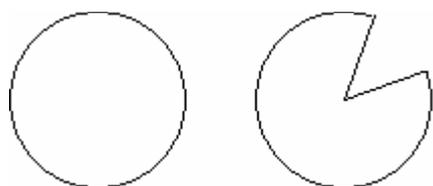


Figura 2.1- o espaço de uma "parte" maior do que o espaço de um "todo"

Wertheim (2001) aponta outra incoerência no espaço aristotélico. Esta autora se refere às considerações de Crescas: “Em termos aristotélicos, o ‘espaço’ da atmosfera terrestre é seu limite circundante com a primeira das esferas celestes. Mas se é assim, disse Crescas, qual é o espaço de uma pequena parte da atmosfera?” Tal consideração leva a outra polêmica: a localização do espaço. Se a localização do espaço mostra-se difícil de ser determinada, pensá-lo como delimitação, ou lugar, talvez não fosse uma saída adequada.

Tomadas as idéias centrais de Platão e Aristóteles a respeito do espaço, faz-se necessária sua associação com o espaço específico da Internet. As idéias de Platão estão longe do que seria considerado essencial no espaço como objeto desta pesquisa. Aristóteles, tomando as idéias de Platão e as contestando traz algumas considerações que podem ser analisadas neste trabalho. Mesmo assim, há também alguns pontos de Aristóteles que não serão considerados. No chat, há algo primordial para que o espaço seja deflagrado: a matéria e a forma. Ao contrário do que poderia se pensar, não é o simbólico ou o imaterial a base considerada neste trabalho para o espaço virtual. O ponto de partida, em qualquer situação, seja para vivenciar ou analisar o espaço virtual, é aquilo que é visto na tela do computador: as formas simbólicas dispostas na tela, mesmo que efêmeras, a interface. Há vários conceitos de interface, mas o que será utilizado neste trabalho é o de Johnson (2001). Este autor fala em interface como sendo informação da informação, e, ao mesmo tempo, a entende simplesmente como "representação" – a lixeira que aparece na tela de abertura do sistema, as barras dos menus, as opções dos menus, as janelas, os textos, enfim, todas as imagens, sons e palavras que podem ser trabalhados pelo usuário. Em Johnson (2001) também há uma consideração sobre a evolução das interfaces e uma comparação das interfaces comuns usadas nos computadores com as que são apresentadas nos jogos. Nesse último caso, são considerados objetos manipuláveis da interface tudo o que pode aparecer em um jogo: aviões, aranhas, armas, tubos, vasos etc. O autor citado tenta juntar duas acepções de interface:

No sentido mais simples, de manual, diríamos que a interface consiste em clicar um mouse em certos objetos para ativá-los, clicar em direções para movê-los, clicar e arrastar para interagir com eles. Sem dúvida é disso que se trata. Mas minha definição, a definição que se estende por toda Cultura de interface, pressupõe que a interface é na realidade todo o mundo imaginário de alavancas, canos, caldeiras, insetos e pessoas conectados – amarrados

entre si pelas regras que governam esse pequeno mundo.(Cultura da Interface, p. 5).

Fica entendido, então, que há um ponto de partida material indispensável para a constituição do espaço, porém há de se considerar a sua delimitação, o que nos faz pensar sobre o espaço como superfície, definido por Aristóteles. Apesar de se constituir a partir da matéria, o lugar, ou melhor, o local virtual ultrapassa seus limites, pois o simbolismo com o qual está arraigado não se resume à interface, mas é algo que as pessoas pensam e compartilham a partir do que fazem com a interface. Além disso, devido à diversidade das interfaces, há uma diversidade grande de espaços na Internet. Este último ponto é uma razão para se especificar o espaço virtual nos chats e não na Internet como um todo e será debatido no decorrer do texto. Todavia, em termos de onde o espaço em geral ou o espaço virtual se localizam, é crucial que se discuta suas formações essenciais, considerando-se não só a delimitação, mas também a extensão. As idéias de Aristóteles vingaram por um longo período e foram revistas em uma época de altíssima efervescência científica e cultural, caracterizada pela Revolução Científica e pelo Renascimento. Nesta época, Galileu retomou as noções de Copérnico sobre a formação do universo, Newton defendeu suas idéias sobre o espaço absoluto, Descartes tratou o espaço e sua extensão e Leibniz se referiu ao espaço como um ordem relacional. Cada um desses pontos será discutido abaixo com base em alguns autores (Wertheim, 2001; Andery, 2002; Thuillier, 1994; Zingano, 2002;) de uma forma resumida, para depois serem feitas algumas relações com o chat.

Galileu – foi o primeiro a rearticular o espaço em uma visão científica pós-idade média. É notável também que nesta época o avanço nas artes proporcionou novas formas de concepção do espaço e Galileu foi um dos primeiros a ser influenciado pelos novos conhecimentos. Com a inspiração da pintura renascentista, concebeu uma noção de espaço

tridimensional, homogênea e contínua. Na idade média, muitas pinturas apresentavam desenhos que representam até o tamanho das pessoas relacionado a uma ordem hierárquica ou simbólica (como o da figura 2.2). No final deste período, os desenhos apresentaram alguma tridimensionalidade, mas cada figura tinha um espaço separado que não estava relacionado com o espaço de outra figura na mesma pintura. Giotto revolucionou as técnicas e a expressão, trazendo figuras tridimensionais que ocupavam um mesmo espaço, sendo representadas de forma proporcional, confundindo com a realidade do espaço físico ao redor dos quadros (figura 2.3 baseada nas técnicas de Giotto).



Figura 2.2 -espaço desenhado com hierarquia das posições (em

<http://www.ricardocosta.com/pub/amor.htm>)

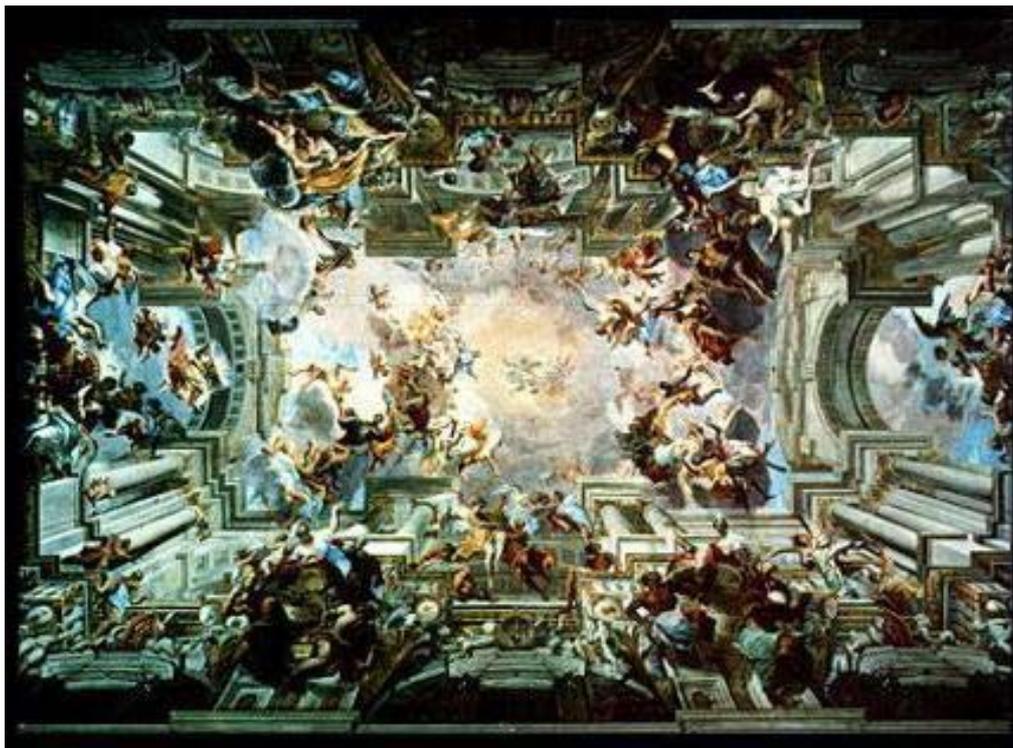


Figura 2.3 – pintura de Fra Andréa Pozzo com o desenho de um espaço tridimensional e vazio (em <http://www.duke.edu/~giftwrap/VirtualPerspective.html>)

Para Galileu, com o que foi proporcionado pelas técnicas da perspectiva, o vazio passou a ser base de toda realidade. O espaço físico, então, começou a ser visto como um espaço euclidiano, matematizado em uma geometria de 3 dimensões, e a “verdade” da realidade era a matéria em movimento em um espaço vazio.

Outro fator importante na concepção de Galileu foi a relação do espaço com os instrumentos que o faziam ser concebido. O telescópio inventado por ele, por exemplo, transformou as formas de mediação com o espaço celestial e outra questão foi levantada: a relação instrumental do espaço, já que os instrumentos puderam, posteriormente, mostrar novas adequações de como concebê-lo e até hoje assim o fazem.

Newton – este cientista trouxe novas contribuições sobre o modo de entender o espaço. Com a invenção de um novo telescópio, com técnicas diferentes do de Galileu, descobriu objetos novos no espaço celestial. O espaço de uma maneira geral, para ele, era ainda infinito e vazio. O éter era entendido como algo rarefeito ao infinito, chegando ao vácuo. Pensou sobre a matéria e suas formas de atração e criou uma base matemática para entender o espaço como nenhum outro cientista. Haveria ainda uma quantidade de movimento no universo que não seria constante devido à inércia e à gravitação. O espaço seria absoluto, sem qualquer relação com mudança, sempre imóvel. Tanto o espaço quanto o tempo seriam absolutos diferentes do senso comum sensível.

Descartes – aqui houve uma nova inversão sobre as noções espaciais. No espaço, haveria uma quantidade de movimento constante entre os corpos e a justificativa para isso era a de que o espaço seria matematizado externamente. Havia uma referência total à matemática e à geometria como formas de mensuração. A matéria seria aquilo com comprimento, largura e espessura. No movimento, eram consideradas a trajetória, a direção e a posição. O movimento seria translação no espaço – passagem dos corpos de um lugar para outro. O movimento era visto em entrechoques, já que Descartes admite a divisão da matéria e não aceita o espaço vazio e o vácuo. Descartes não se pergunta, como Galileu e outros, sobre como é a natureza, mas que curso ela deve seguir, ou seja, não propriamente como é o espaço, mas como ele funciona.

Leibniz – rejeitou a gravidade de Newton como “uma qualidade escolástica oculta”. Newton tentou explicar as forças em função do movimento dos corpos no espaço, mas esse movimento, segundo Leibniz, precisava ser explicado com base em forças que operavam sobre os corpos. A física cartesiana tentou explicar todos os fenômenos do espaço em termos

de matéria (ou extensão) em movimento, mas a matéria, para Leibniz, nada mais era do que “força passiva primitiva”, a capacidade de resistir à penetração, o movimento era uma mera manifestação de relações cambiantes entre os corpos como resultado de uma “força passiva primitiva” (*vis viva*). Leibniz propôs uma visão dos corpos em que a atividade era parte inseparável de sua essência. Para Newton, Deus dava princípios ativos aos corpos; havia matéria extensa, mas não ativa. Para Leibniz, o espaço no mundo seria constituído não de átomos, mas de mônadas (criaturas dotadas de corpo e alma) com atividade própria. Leibniz, em suas discussões contra Newton, disse que se o espaço ou a tridimensionalidade fosse um atributo de Deus, isso significaria que Deus seria formado de partes, o que ele considerava um absurdo. Para Leibniz, então, o espaço seria um mero conceito relacional, uma ordem de coexistências. Extensão, forma e movimento eram aparentes. Seríamos nós, como observadores, que imporíamos extensão ao mundo. Um Deus absoluto não poderia ter nada a ver com um espaço relativo.

Como vimos, portanto, a passagem da visão de mundo medieval do espaço para o mundo mecanicista pós idade média sofreu como mudança fundamental a perda de sua finitude. Depois que a idéia das esferas celestes foi abandonada, não houve motivos para se pensar em qualquer tipo de limite. Com um espaço físico infinito, ficou difícil de se pensar em qualquer outra realidade. A essência física do espaço invadiu os outros espaços possíveis. Pôde-se notar mesmo a confirmação de uma inevitabilidade de se tratar do espaço como algo físico de uma ou de outra forma. Searle (2000) diz que mesmo que acreditemos na realidade como algo não físico, ao explicá-la não conseguimos tratá-la não fisicamente. Pensamos na dimensão da alma não física, mas mesmo assim a tratamos como algo que flutua, que atravessa paredes etc. Neste ponto, é válido analisar a seguinte passagem de Wertheim (2001), quando fala de espaço virtual da Internet denominado por ela ciberespaço:

Num determinado sentido, revelamos com o ciberespaço uma espécie de espaço eletrônico da mente. Quando “vou” ao ciberespaço, meu corpo permanece em repouso na minha cadeira, mas algum aspecto de mim viaja para outra esfera. Não quero sugerir com isto que deixo meu corpo para trás. Pessoalmente, não acredito que mente e corpo possam se separar – seja durante a vida ou após a morte. O que estou sugerindo é que, quando estou interagindo no ciberespaço minha posição não pode ser fixada puramente por coordenadas no espaço físico. Estas são certamente parte da história, mas não da história inteira – se é que alguma vez o são. Quando estou on-line, a questão de “onde” estou não pode ser plenamente respondida em termos físicos. (Uma história do espaço de Dante à Internet, p. 30)

Com esta passagem, é óbvia a observação de que não há como se desprender da dimensão física para poder “entrar” na Internet. Porém, este “entrar” é assimilado por muitas vezes como algo que representa ou tem origem na dimensão física. Ao analisarmos um chat, podemos observar que uma mensagem indica que a pessoa está na sala e é crucial notar o aspecto da materialidade, mas não do corpo físico. O aspecto material da interface substitui o corpo e também não responde plenamente em termos físicos como funciona o espaço virtual, mas é a forma de mediação primordial para que as pessoas criem simbolicamente um espaço.

Especificando um pouco mais, dentro do escopo desta pesquisa, podem ser feitas as seguintes considerações em relação ao espaço virtual no chat, relacionando-se também aspectos essenciais ao conceito de espaço em geral e ao espaço virtual na Internet:

- A idéia de espaço absoluto está totalmente descartada neste trabalho. Além de o espaço na Internet e nos chats não ser absoluto (ele não está em algum lugar), há uma diferença entre os espaços, dependendo do instrumento que for utilizado. Há mais

propriamente espaços na Internet do que um espaço na Internet. Os instrumentos dos quais se faz uso na Internet não são apenas os teclados, as linhas de comunicação, o monitor de vídeo etc. Os instrumentos utilizados na Internet são mais propriamente a interface computacional com sua matéria e forma física peculiar. Entende-se que há instrumentos dos mais diversos para se observar e se construir o espaço. Os instrumentos tecnológicos fazem parte, neste sentido, de todos os conjuntos de instrumentos e as interfaces têm peculiaridades tão intrínsecas que a construção do espaço se dá nelas de modos bem diferenciados (a interface da web e do chat, por exemplo).

- O movimento ocorre no espaço da Internet, mas de uma forma diferenciada do que ocorre no espaço eminentemente físico. As mudanças ou movimentos das pessoas no espaço virtual são evidenciados pela linguagem utilizada que expressa quem chegou, quem saiu, quem está em um determinado espaço, entre outros eventos.
- O espaço é relacional e várias relações são constituintes de sua formação. O uso dos instrumentos pelos indivíduos, a linguagem na comunicação entre as pessoas, o tipo de instrumento e de ação que será realizada com ele, as relações mais diversificadas dos tipos de linguagem e da forma como se dá seu desenvolvimento etc. Fundamentalmente, há relações que são constatadas no uso, ou seja, na atividade não das mônadas de Leibniz, mas das pessoas que ali se engajam.

Sobre o espaço físico é importante ressaltar que seu caráter absoluto ou relacional é ainda hoje motivo de polêmicas. No século XX, algumas considerações foram feitas sobre este assunto e, segundo Wertheim (2001), repercutem nas idéias mais gerais de espaço ainda

hoje em dia, incluindo o ciberespaço. Silva (http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und/404_6.htm) diz que o universo em movimento, influenciou decisivamente a concepção de espaço que temos hoje – não apenas do universo, como também do espaço do pensamento, assim como do ciberespaço. O ciberespaço para esta autora está em constante movimento como o espaço de Einstein e possui, assim como o dele, uma conformação, uma arquitetura de rede. A autora considera, como Wertheim (2001), as várias dimensões do espaço em toda a sua história, desde a sua representação artística representacional, passando por Galileu, até chegar a Einstein. Sobre este espaço serão relacionadas algumas questões adiante com base na literatura (Penrose, 1993, 1998; Lacey, 1992; Piettre, 1997; Thuillier, 1994).

Einstein, ao criar a teoria da relatividade, definiu espaço e tempo como relativos segundo a posição do observador. A teoria da relatividade é dividida em duas partes, a especial e a geral.

A teoria especial da relatividade opõe-se ao espaço e tempo absolutos de Newton. Ao estudar os fenômenos envolvendo a velocidade da luz, Einstein descobriu que esta velocidade permanecia constante em qualquer situação. A soma ou diferença das velocidades uniformes, relacionadas respectivamente à mesma direção ou a direções diferentes que dois corpos percorriam, eram utilizadas para determinar a velocidade total, de acordo com as teorias de Newton. Porém, considerando a velocidade da luz, este cálculo da velocidade total não fazia mais sentido. Para Einstein, portanto, espaço e tempo absolutos precisariam ser desconsiderados. Em vez de cada pessoa partilhar um só espaço e tempo universais, cada um precisaria ocupar seus próprios espaço e tempo privados. O tempo estaria tão intrinsecamente

relacionado ao espaço tridimensional que foi considerado uma quarta dimensão do espaço e demonstrado assim por Minkowski.

A teoria geral da relatividade surgiu da necessidade de Einstein expandir seus estudos para fenômenos nos quais as velocidades não fossem uniformes, ou seja, surgiu a necessidade de estudar os efeitos da aceleração no espaço e no tempo. A teoria geral da relatividade, entre outras coisas, deu uma base teórica de sustentação para explicar o universo em contínua expansão e fundamentou o que é hoje conhecido como a explicação da origem do universo, do tempo e do espaço: o “big bang”. O espaço passou a ter um papel mais ativo e a gravidade tornou-se um subproduto de sua forma. A metáfora corrente de Einstein para explicar o espaço e o seu papel na gravidade é a de uma membrana na qual uma bola de bilhar seria colocada, criando uma depressão que faria com que bolas menores que circulassem em suas proximidades também fossem tragadas pela depressão. Esta é a idéia de curvatura do espaço-tempo.

Depressões profundamente distorcidas, os buracos negros, tornados famosos pelos trabalhos do físico Stephen Hawking, seriam aquelas que sugariam tudo a sua volta, incluindo a luz, o espaço e o próprio tempo. Para Stephen Hawking, como as leis físicas são simétricas, a cada buraco negro deve corresponder um buraco branco do qual tudo sairia e que estaria ligado a um buraco negro através de um tubo conhecido como buraco de minhoca.

Surgiram ainda uma série de especulações sobre como as pessoas poderiam passar por um buraco de minhoca e chegar a outros espaços, outros tempos e até a outros universos. Enfim, começaram a ser estudadas as várias dimensões do espaço, que hoje em dia chegam a onze. Também contribuiu para novas discussões a física quântica, que trouxe discussões

fundamentais sobre a aplicação da teoria da relatividade no espaço das partículas que é, ainda hoje, motivo de polêmica e indefinição. A física quântica também trouxe novas considerações sobre o papel do tempo, já que questões como o surgimento do tempo e do espaço e a irreversibilidade do tempo foram fortemente retomadas. Há, inclusive, defesas de que o espaço e o tempo seriam condições apriorísticas humanas. Tempo e espaço começaram a ser cada vez mais discutidos em conjunto. O papel do tempo e sua relação com o espaço, na perspectiva deste trabalho, serão discutidos na próxima seção.

2.2 A importância do tempo

A quarta dimensão do espaço, o tempo, não é vista neste trabalho da forma exata como é explicada na teoria de Einstein. O tempo aqui não é entendido como uma quarta dimensão privada, apesar de haver uma forma particular de experimentá-lo. Com o intuito de explicar melhor esta afirmação, é buscado alicerce nas discussões de Piettre (1997), que analisa o modo como Bergson tratou da questão do tempo e de suas ligações com o espaço. Bergson considerava um tempo da experiência, da duração que escapa da relatividade e da física newtoniana. Este tempo de Bergson não é o tempo da medida dos físicos. Esses dois tempos, inclusive, têm linguagens diferentes, de acordo com o que postulou Lacey (1972). O tempo de Bergson é aquele cuja percepção da duração ocorre quando há uma duração da percepção. Bergson, citado em Piettre (1997), diz:

(...) Por que devo esperar que o açúcar dissolva (no meu café)? Se a duração do fenômeno é relativa para o físico, enquanto ela se reduz a um certo número de unidades de tempo e que estas unidades são quantas se queira, esta duração é um absoluto para minha consciência, visto que coincide com um certo grau de impaciência. (Filosofia e ciência do tempo, p. 47)

A impaciência pode ser compreendida como a espera ou a expectativa, que são fatores primordiais na ação humana. Este fato precisa ser considerado na análise do espaço nos chats pelo fato de cada pessoa ter alguma expectativa antes de “entrar” no chat, mas ao mesmo tempo saber que esta expectativa se transforma e, conseqüentemente, o espaço transformar-se a partir do momento que houver uma interação (por exemplo, pode haver a expectativa de um lugar de encontro no chat e este lugar mudar em função de já haver uma, várias ou nenhuma pessoa). A simples expectativa inicial constituiria um espaço e tempo kantianos. Vale a pena destacar neste instante o que é o espaço de Kant, pois as idéias deste autor trazem conseqüências perturbadoras para a análise do espaço em sua essência e dialogam com as teorias dos físicos clássicos e com a teoria da relatividade, bem como deixam margem para novas discussões na física quântica.

Jézio Gutierre, em Miguel (1996), diz que Kant teve como pano de fundo para a sua definição de espaço as discussões entre Newton e Leibniz, mas que procurou uma definição própria na qual a possibilidade de percepções exteriores, enquanto tais, pressuporia, e não criaria, o conceito de espaço. As coisas no espaço se apresentariam aos sentidos, mas o espaço por si só não poderia ser derivado dos sentidos. Kant (2002) fala em espaço e tempo como criados *a priori*, como condições subjetivas para a sensibilidade da qual derivaria qualquer intuição. O espaço e o tempo kantianos têm as seguintes características: não são abstraídos de experiências externas, são representações a priori necessárias que fundamentam as intuições externas e não são conceitos discursivos, mas intuições puras. O espaço e o tempo de Kant não podem ser percebidos, só intuídos, e desta forma esses dois conceitos participam em conjunto das condições básicas da intuição humana a partir da qual outros conceitos poderiam

ser relacionados. Espaço e tempo são, neste enfoque, formas e não conteúdos da intuição e por isso não podem ser representados.

Ligando o que foi falado a respeito das considerações de Bergson em relação às teorias de Einstein com as idéias de Kant, algumas observações podem ser feitas sobre o espaço virtual no chat. A idéia de um tempo privado de Einstein reforça a importância da posição do sujeito, como observador e participante de um fenômeno. O sujeito, ao experimentar determinada forma de espaço, no tempo de desenvolvimento de sua interação no chat, é passível de experimentar espaço e tempo bem peculiares. Não é só o desdobramento de um novo espaço o que surge. Um novo tempo surge e contribui para a construção do espaço. Esse tempo obedece a uma sincronia diferente de outros recursos, mas não é uma sincronia idêntica à que ocorre em uma interação face a face. Quando uma pessoa escreve um texto a ser enviado para o ambiente, outra pessoa pode estar escrevendo outro texto e ambas não vêem o texto do outro. O encadeamento das mensagens no ambiente, então, às vezes mostra uma aparente incoerência pelo fato de poder surgir, por exemplo, uma pergunta sobre algo que já foi explicado antes. O tempo é, portanto, fundamental na constituição do espaço. Neste sentido, pode-se entender que no chat as pessoas têm uma experiência particular de tempo, mas constroem o espaço em torno de expectativas. Como no tempo de Bergson, de esperas, há uma idéia não de uma quarta dimensão de espaço que é tempo e é privado. O tempo é de expectativas que são relacionadas a como as pessoas vão se encontrar em algum lugar no futuro. A própria expectativa já é um ponto de partida para o espaço virtual, mas ele é totalmente diferente do espaço kantiano, o qual não é absoluto nem construído em função de relações, mas tem como saída a idéia de ser uma forma a priori da intuição. No espaço interativo do chat, a expectativa se transforma e com ela se transforma o espaço virtual. Há diferenças básicas do espaço virtual do chat em relação ao espaço kantiano: depende da

experiência externa, não há representações a priori e é totalmente discursivo, seja no desenvolvimento ou nas formas lingüísticas próprias, fato este que merecerá uma atenção especial no capítulo 4.

A física quântica também trouxe contribuições novas para se entender o espaço e suas relações com o tempo e algumas considerações podem ser feitas com base na literatura (Penrose, 1993, 1998; Lacey, 1992; Piettre, 1997). Passado, presente e futuro, como vimos, têm pouca relação com o tempo vivido pela consciência, o tempo da experiência. Porém há em comum neles a propriedade da irreversibilidade. Durante determinado período, a evidência subjetiva da irreversibilidade impediu que lhe fosse atribuída um valor objetivo. A termodinâmica começou a conferir com mais força a irreversibilidade a partir do conceito de entropia que, em resumo, é a organização dos corpos em um sistema isolado que aumenta com o tempo, antes de atingir um equilíbrio máximo. Um copo que quebra, por exemplo, estaria inicialmente em um estado de organização que iria se desorganizando, se pensarmos nas partículas que o compõem. Houve, contudo, um problema relacionado a como as equações funcionam na física: elas são simétricas no tempo, podem ser utilizadas tanto em relação ao passado quanto em relação ao futuro. O problema é que esta forma de funcionamento explicaria um copo quebrado voltando ao seu estado de “não quebrado”, o que contraria a experiência subjetiva. As teorias do caos, contudo, vieram a comprovar a irreversibilidade do tempo nos processos dinâmicos. Hoje em dia, com a física quântica, tem se observado que não importa tanto localizar, individualmente, elétrons, fótons ou outras partículas. Uma partícula pode funcionar como corpúsculo ou onda ou até como não sendo nem um nem outra (um “quantum”). As investigações na física quântica mostraram que espaço e tempo não são elementos de base. As partículas fundamentais não existem no espaço e no tempo, mas estes existem em função daquelas.

Uma série de discussões poderia ser feita, relacionando a física quântica com a teoria da relatividade e a idéia de espaço e tempo de Kant. Contudo, como este não é o objetivo deste trabalho, apenas um ponto a mais será considerado em relação à física quântica: o tratamento que é dado em conjunto para a tríade matéria-espaço-tempo. Neste trabalho, esta tríade pode ser melhor adequada na relação corpo-espaço-tempo ou, mais propriamente, sujeito-espaço-tempo. A presença do sujeito, em um chat, evidentemente constitui o espaço virtual. Tal fato deverá ser considerado, nesta pesquisa, na atividade que está sendo realizada e na forma de utilização da linguagem. A interface tem também outras formas de dispor o sujeito, além da linguagem textual, como o vídeo e o som, e esses modos de apresentação devem ser analisados. As formas contraditórias de disposição dos sujeitos, assim como são tratadas no estudo das partículas, também devem ser ressaltadas. A constituição do espaço na visão do materialismo dialético já previra alguns avanços na quântica (Engels, 2000; Cheptulin, 1982; Kosik, 2002). A direção deste trabalho tem um posicionamento voltado para o espaço virtual na Internet que não vislumbra a quântica nem como uma desbravadora da mente e do espaço e nem como inspiradora de metodologias com uma abordagem sócio-cultural. Para a primeira situação, há uma descrição feita por Penrose (1993) e, para a segunda, é importante atentar para algumas ponderações feitas por Valsiner (2000).

Em Penrose (1993), são feitas considerações sobre a relação que as pessoas têm com o espaço e o tempo e os seus modos de referência. Uma pessoa que tenha o conhecimento de um fato, em um espaço definido, pode entendê-lo como estando em um passado “fixo”. Outra pessoa que tenha conhecimento da possibilidade deste mesmo fato, em um espaço provável, pode entendê-lo como estando em um futuro “incerto”. A partir daí, o autor tece algumas

idéias com base na teoria da relatividade e na física quântica para explicar como o tempo flui e para dizer se as pessoas estão no mesmo espaço e em tempos diferentes.

Em Valsiner (2000), há o entendimento de que o tempo, localizado em um espaço - que pode ser, inclusive, simbólico - não é naturalmente unidirecional e progressivo. Porém, a forma como as pessoas se apropriam da idéia do tempo está totalmente relacionada ao modo como categorias homogêneas são criadas. Valsiner (2000) concebe o tempo em relação à história do indivíduo e ao processo de categorização. Dessa forma, as lembranças não são entendidas como recuperação de fatos ao longo de um tempo unidirecional, mas como recuperação de categorias que o indivíduo constrói na sua vida pelo fato de ter a capacidade de lembrar que lembrou de determinados fatos ocorridos em espaços determinados. Assim, o ser humano pode categorizar as atividades que realiza no dia-a-dia (acordar, escovar os dentes, tomar café da manhã, ir ao trabalho, etc) e, conseqüentemente, encadear essas tarefas, trazendo para si a noção de tempo. Valsiner (2000) esquematiza o tempo em um gráfico de acordo com o que está mostrado a seguir.

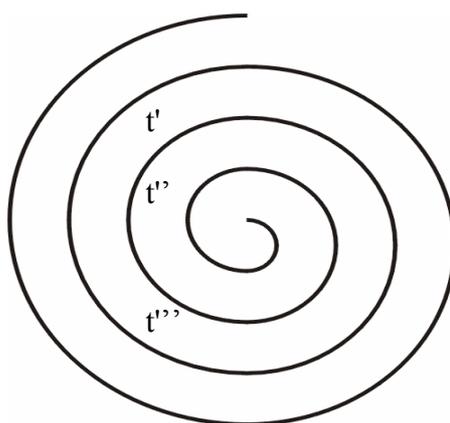


Figura 2.4 - organização do tempo

Na figura, para cada um dos fatos semelhantes (t' , t'' e t''') é estabelecida uma categoria, o que dá a noção de organização do tempo para o indivíduo.

Logo, neste trabalho, as considerações sobre a física quântica são utilizadas apenas para entender como o espaço aqui investigado pode ser visto a partir dos seus contraditórios, bem como para reforçar a idéia de participação do sujeito como fundamental na constituição do espaço, ou seja, como ele age para organizar o espaço e o tempo a sua volta. Surge, então, a dúvida sobre até que ponto se pode falar em novas relações espaço-temporais. Entender que o tempo não é uma unidade estática requer a sua localização em um determinado espaço. Esta visão advém hoje não só das ciências humanas, de uma maneira geral, como também dos paradigmas adotados na física quântica e em outros ramos da ciência. Em Bergé (1996), há uma descrição de como o tempo é entendido na história, para se chegar a sua definição a partir da teoria do caos. É notavelmente entendido que a noção do tempo passa de indivíduo para indivíduo. Durante a infância, o tempo parece se estender indefinidamente, mas depois ele se acelera com os anos. O tempo parece, inclusive, desacelerar, quando estamos mais entusiasmados com o que vivemos. Porém, a noção de tempo não está relacionada apenas com a vida interior e, sim, com a nossa cultura. Esta noção se baseia, a todo momento, na memória coletiva e nos pontos de referência objetivos. Partindo desse pressuposto, é que Bergé (1996) fala das idéias do tempo na história, desde a Antiguidade com os egípcios e os gregos, até hoje em dia, ressaltando a marcação do tempo nos mais diferentes dispositivos. Tal ponto, desde Galileu, tem rendido discussão. É neste sentido que o trabalho aqui proposto relaciona espaço com instrumento (a interface) e vê que no instrumento há também novas formas de entender as relações temporais que, por sua vez, também constroem o espaço. Há uma gama de relações que se modificam com o tempo e no espaço e que serão mais detalhadas em relação ao uso dos instrumentos no capítulo 3.

2.3 O espaço virtual na Internet

Tomadas as considerações sobre o espaço físico e o tempo para a constituição do espaço em geral, é primordial salientar o espaço virtual e a sua especificidade na Internet em função dos recursos utilizados para que seja feita uma definição que interesse a esta pesquisa. Neste sentido, esta seção tratará da forma como os teóricos discutem o espaço virtual na Internet ou, como é denominado pela maioria deles, o ciberespaço, para só então especificar a definição de espaço virtual desta pesquisa, com base também no que foi falado anteriormente sobre o espaço físico e o tempo.

A primeira questão desta seção, o ciberespaço no ponto de vista dos teóricos, merecerá antes uma explicação em prol do que se entende neste trabalho como um equívoco que tem acompanhado a maioria deles. Este equívoco não advém de linhas ideológicas, metodologias específicas ou da opinião de a Internet ser boa ou má. Aliás, todos os teóricos se colocam de alguma forma como não sendo excessivamente otimistas ou pessimistas em relação à Internet. O equívoco, de uma maneira geral, ocorre devido ao que será explicado adiante.

Seja qual for a posição do autor, há alguma dicotomia que impede uma análise mais interdependente das relações espaciais. Com base no raciocínio feito em Searle (2000) sobre ciência e consciência, este trabalho criticará a posição da maior parte dos autores que tratam do ciberespaço. Searle (2000) diz que a maioria dos cientistas parte da idéia de ciência como algo objetivo e consciência como algo subjetivo para chegarem à conclusão falaciosa de que não pode haver ciência da consciência. Em relação aos autores do ciberespaço, há a seguinte linha de raciocínio, mesmo não declaradamente assumida por eles:

- 1 – o mundo físico é objetivo por definição (dado o seu caráter material);
- 2 – o mundo virtual é subjetivo por definição (dado o seu caráter simbólico);
- 3 – logo, não pode haver no mundo físico o mundo virtual e vice-versa.

É importante observar que este raciocínio não tem a ver com a relação realidade-virtualidade, a qual é discutida por Pierre Lévy (1996, 1997) e que é considerada correta neste trabalho. De acordo o autor, o virtual é freqüentemente aquilo que não está presente, mas não o contrário do real. O virtual existe, não se opõe ao real, opõe-se ao atual. Pode-se dizer que o virtual está na ordem do imaginado, enquanto que o real está na ordem do percebido. Em Lévy (1997), há uma citação de Michel Serres, com referência ao tema do virtual, como sendo uma "não-presença" e, da imaginação, como sendo um dos vetores do virtual. Deve-se esclarecer, entretanto, que o virtual tem somente uma pequena afinidade com o falso, o ilusório, o imaginário. Ao contrário, Lévy (1996) considera o virtual um modo de agir.

A questão do virtual, como oposto ao atual, é traduzida em potencial. Há vários graus de virtualidade, que vão desde o virtual da fala, da escrita, até o dos instrumentos de comunicação e informação. Há virtuais que não são da Internet.

Portanto, no dilema físico-virtual, há outra questão: uma cisão de mundos notavelmente assumida no dia-a-dia das pessoas e assumida implicitamente pelos grandes teóricos. Assim, a conclusão da linha de raciocínio sobre o ciberespaço, anteriormente exposta, está errada pela mesma razão que aponta Searle (2000) nas suas discussões sobre ciência e consciência. Em primeiro lugar, o autor diz que há uma ambigüidade gerada pelo uso das palavras objetivo e subjetivo, pois a primeira é aplicada no sentido epistemológico e, a segunda, no sentido ontológico. O sentido epistemológico se aplica a afirmações, o sentido

ontológico se refere ao modo de existência. Montanhas, rios e praias têm um modo objetivo de existência porque seu modo de existência não depende de ser experimentado pelo sujeito. Dores, sentimentos e pensamentos têm um modo subjetivo de existência porque existem apenas ao serem experimentados por alguém. A falácia gerada pelo raciocínio anterior é a de que já que o mundo virtual tem um modo de existência ontologicamente subjetivo (depende da experiência do sujeito pelo fato de ser simbólico) não pode ser visto como o mundo físico porque este é epistemologicamente objetivo. O raciocínio analisado parte de um domínio ontológico para chegar a uma conclusão no domínio epistemológico e, portanto, gera uma afirmação falaciosa. O mundo físico é de fato epistemologicamente objetivo, pois ele existe independentemente dos sentimentos e pensamentos, bem como do mundo virtual. Porém, tal objetividade epistemológica não exclui a subjetividade ontológica das pessoas nem o mundo virtual que elas criam. Alguns exemplos desses tipos de raciocínio são descritos a seguir.

Lévy (1996, 1997) fala que a evolução das tecnologias da inteligência (a escrita e a informática) possibilitou um grau de mobilização dos homens cada vez maior. A informática, inclusive, não faria uma reduplicação em um território, mas traria uma mobilização permanente. O autor coloca em Lévy (1997) que os textos tinham antes uma “territorialização”, que acabou com o advento da Internet. Em outras palavras, ele diz que agora não há mais o limite das margens, pois “a página furtou-se”. Ele ainda diz que um documento virtual pode ser dado sem ser perdido e que a transformação da comunicação eletrônica reaproxima os indivíduos através da oralidade. Em recente artigo, Lévy (2003) retoma a questão da mobilização e diz que no período paleolítico o homem vivia em um nomadismo proporcionado pelo tipo de sociedade caçadora-coletora da época, que foi substituído no período neolítico pela sociedade agrícola, mais avançada tecnologicamente e criadora da escrita. Segundo ele, houve depois uma mutação que se acentua hoje com a

informática em um mundo altamente conectado, mobilizado e com intensificação de contatos em uma escala planetária. Haveria uma mobilização que não seria igual a do nomadismo paleolítico. É importante observar, na perspectiva aqui adotada, que as mensagens escritas em papel traziam alguma mobilização, mas em uma velocidade menor do que nas interações *on-line*. Mesmo na sociedade oralizada sem escrita alfabética há uma mobilização proporcionada pelos signos existentes, sejam eles da cultura oral ou de inscrições pictográficas. As relações entre fala e escrita serão discutidas com mais detalhes no capítulo 4, mas o que importa observar aqui é que as relações espaciais descritas pelo autor não levam em consideração a própria mobilização que proporciona a escrita sem a Internet (por exemplo, as cartas) e mesmo a mobilização sem a escrita (por exemplo, a passagem dos mitos através das gerações). Há, assim, um tipo de virtualidade que o autor até admite nos seus textos, mas que exclui nos exemplos quando compara sociedades com certa relação no mundo físico sem o mundo virtual da Internet com sociedades que têm o mundo virtual da Internet. No mundo físico, há virtualidade e o mundo de hoje é físico e continua com virtualidades como a da Internet e é tão físico quanto antes que um documento virtual pode ser perdido, bastando que os aparatos físicos quebrem, levando consigo as informações “virtuais”.

Mesmo visões não otimistas sobre o espaço virtual, como a de Pierre Lévy, pecam na relação físico-virtual. Paul Virilio (1993) ataca o desenvolvimento tecnológico, o responsabilizando pelo “falso dia eletrônico”. O autor aponta para uma transformação tecnológica do espaço e do tempo virtuais que substituiriam o espaço e o tempo reais. É importante assinalar que desde que o homem começou a utilizar instrumentos e transformar a natureza, mesmo não sendo no âmbito tecnológico, ele tem transformado o espaço (físico ou não) e o tempo a sua volta, seja com o fogo, o arado ou o computador. Virilio (1993) ataca a teoria da relatividade que seria o fundamento das inovações tecnológicas. Em Virilio (2003),

ele acrescenta que é inútil voltar ao espaço de Galileu e que mesmo o tempo de Einstein hoje em dia não seria inteiro, mas sofreria de um fracionamento proporcionado pelos novos instrumentos de comunicação. Para ele, tal situação começou com a perda do tempo absoluto, pois “com a concepção relativista de mundo, é a velocidade da luz que baliza o real, e a luz da velocidade que ilumina a realidade”. Com a tecnologia, haveria um problema ainda maior para o autor, devido a um declínio da importância do tempo extensivo e das durações longas de experiência. Algumas observações de Ribeiro (http://www.revistacriacao.hpg.ig.com.br/o_espaco_critico_virilio.htm) corroboram com o que é discutido aqui. Este autor mostra que Paul Virilio defende a idéia de que a era digital distancia o que se sente do que se conhece, ou seja, opõe visões ontológicas subjetivas a visões epistemológicas objetivas.

Outros autores, como Baudrillard (2002) atacam a tecnologia pelo fato de abolir a distância, eliminar a interação e trazer um espaço muito fragmentado. Para ele, todo e qualquer espaço virtual tem a característica de ser vazio e logo suscetível de ser preenchido com qualquer coisa, fazendo com que em tempo real as pessoas entrem em “interação com o vazio”. Tal pensamento está longe de ser assumido nesta pesquisa, pois o espaço virtual na Internet é entendido não como algo que “já está lá” e muito menos vazio. O espaço virtual surge quando as pessoas agem. Também não é desta pesquisa o ponto de vista assumido por esse autor de que a virtualidade elimina sub-repticiamente a referência às coisas. A virtualidade não elimina de nenhuma maneira a referência, seja em uma carta ou em um chat, as pessoas estão se referindo e se localizando todo o tempo e não há a necessidade de compartilhar um espaço físico para isso. Dreyfus (2001) também critica o espaço virtual na Internet, pois, para ele, a eliminação da distância e a ubiquidade causariam falta de comprometimento e anonimato. Haveria ainda um nivelamento que faria com que as pessoas

agissem como se soubessem e discutissem tudo igualmente com todo mundo. Tal fato repercutiria negativamente em atividades como a educação. No final do seu livro, Hubert Dreyfus (2001) diz que se alguém estiver comprometido com uma causa, a Web pode aumentar o poder de ação. Seja na Web, no chat ou no plano físico, este trabalho assume que um espaço de interação surge quando as pessoas estão empenhadas em uma atividade. As pessoas podem estar mais ou menos comprometidas, mas o espaço adquire importância de acordo como engajamento na realização de alguma tarefa. É por isso interessante também que se investigue o tipo de comprometimento que as pessoas têm e o quanto ele repercute na constituição do espaço virtual.

De uma maneira ou de outra, é importante observar que os autores citados fazem críticas em cima do que eles chamam de diminuição ou eliminação das distâncias, ou seja, o quanto a velocidade proporcionada pela tecnologia pode atrapalhar na constituição do espaço. O espaço é aqui assumido como tão fundamental que qualquer velocidade nunca poderia eliminá-lo. Se alguma distância é diminuída, as pessoas criam um espaço e o fazem localizando umas às outras como ocorre no chat. A experiência de localizar cria o conhecimento de que existe alguma distância ou algum espaço. Desse modo, o espaço virtual específico de um recurso da Internet é definido como aquele que tem as seguintes características:

- não tem matéria e forma, mas delas surge, na matéria e forma da interface do recurso;

- é mobilizado pela manipulação do instrumento, representado pela interface do recurso;

- é relacional, relativo às expectativas que as pessoas têm e que vão se transformando com a experiência, conseqüentemente também mudando o próprio espaço;
- está altamente relacionado com o tempo na medida em que muda com ele e que também muda nele. A localização no espaço também é uma localização no tempo (da experiência de uso do instrumento);
- as mudanças e movimentos e conseqüentemente a sua criação relativa a essas mudanças e movimentos são constatada pelo uso da linguagem;
- é essencialmente um espaço de localização, não importando se à distância ou não, pode ser um local, mas não é um lugar aristotélico.

Como a Internet é um conjunto de tecnologias e não uma tecnologia ou um recurso, foi preferível especificar neste estudo um recurso da Internet e as estratégias de construção do espaço virtual relacionadas a ele. Como foi visto anteriormente, as características de construção do espaço virtual estão altamente relacionadas às especificidades do recurso. A construção do espaço na Web, em e-mails ou nos chats, tem diferenças muito bem marcadas relacionadas à forma como a interface foi construída e a como o tempo é experimentado. O que é essencial para considerar o objeto desta pesquisa como realmente um espaço é a sua organização para localização, fato que ocorre com qualquer tipo de espaço. A interface de um chat, como a demonstrada abaixo não é o espaço virtual, é um espaço físico na tela do

computador, mas não é só isso. É o ponto de partida sobre o qual o espaço virtual se organiza, já que este é simbólico ou, em outras palavras, mental, e um não elimina o outro.

Espaço da interface do chat:



Espaço virtual do chat:



Figura 2.5 - relação espaço da interface do chat e espaço virtual do chat

Ryle (1984), semelhantemente a como Valsiner (2000) vê o tempo, esclarece a questão da organização do espaço, dizendo que há um problema crucial que advém do uso inapropriado das categorias mente e corpo, herdado do cartesianismo. Diz-se que as coisas e os eventos que pertencem ao mundo físico, incluindo o corpo, são externas enquanto que o funcionamento da mente é interno. O autor diz que objetos materiais são situados em um campo comum conhecido como “espaço” e o que acontece com um corpo em uma parte do espaço é conectado mecanicamente com o que acontece com outros corpos em outras partes do espaço. Apenas através de um mundo físico público é que a mente de uma pessoa pode fazer diferença para a mente de outra. Ryle (1984) então mostra que se uma pessoa for conhecer um lugar como uma universidade e vir a biblioteca, os departamentos e outras partes, causaria estranheza se perguntasse onde estaria a universidade. Isso aconteceria porque a pessoa estaria usando inapropriadamente a categoria. Ligando essa metáfora às questões de epistemologia e ontologia, discutidas antes, pode-se notar que a pessoa que pensasse assim estaria confundindo o seu conhecimento com a sua experiência. A idéia espacial da

universidade, de qualquer outro lugar físico, bem como do espaço virtual na Internet está associada a uma epistemologia objetiva que não pode excluir uma ontologia subjetiva.

Ryle (1984) ainda diz que os teóricos usam inadvertidamente as suas categorias, voltando-se para um reducionismo materialista ou idealista. Como foi visto, com os teóricos do ciberespaço não poderia ser diferente. É neste ponto que esta pesquisa pretende destacar a forma como se procederá para a compreensão do seu objeto. As teorias do ciberespaço não foram feitas em sua maioria por psicólogos, mas há uma repercussão direta para como o indivíduo pensa e vive o espaço virtual e este tipo de relação não tem sido feita. Além disso, como foi visto a partir de Ryle (1984), este problema ocorre diretamente devido ao mau uso de categorias relacionadas à mente e ao corpo e, conseqüentemente, ao estudo em psicologia.

Este trabalho tem a proposta de, a partir de uma abordagem sócio-cultural da psicologia, entender o espaço virtual em um chat sem os problemas anteriormente discutidos. Sabe-se que há uma fundamentação do materialismo dialético nesta abordagem, o qual, aqui entendido, não reduz os seus questionamentos à matéria.

Uma explicação mais detalhada para abordar a questão do espaço virtual não só com um enfoque sócio-cultural da psicologia, mas tendo em vista também os seus fundamentos no materialismo dialético – que, neste trabalho, estão de acordo com as idéias de Ryle (1984), ocorre não apenas devido a um problema de ordem epistemológica, mas também devido às polêmicas relativas às verdadeiras influências na psicologia sócio-cultural. Com isso, pretende-se, no próximo capítulo, resolver outras questões: esclarecer mais sobre o porquê de procurar as origens da psicologia sócio-cultural, entender como o conceito de dialética está relacionado com o espaço virtual e como o materialismo está associado à virtualidade e, mais

especificamente em psicologia, desvendar o verdadeiro papel dos instrumentos, dos signos e da atividade, sempre relacionando essas questões com o uso de chats.

3 A abordagem sócio-cultural da psicologia e o espaço virtual na Internet

O espaço virtual na Internet, especialmente nos chats, será abordado nesta pesquisa a partir de uma linha sócio-cultural da psicologia. Isto significa que este estudo está baseado em uma concepção fundamentada nos pressupostos de estudiosos russos, como Vygotsky e Leontiev. Tais pressupostos, em linhas gerais, são de caráter interacionista e entendem a formação da mente humana como constituída do social, do cultural e da atividade. Dentro deste tipo de enfoque, há a idéia de que a mente humana é mediada e não pode ser separada do meio no qual está. A forma principal de mediação é a linguagem, o que faz com que seja necessário considerar quais são as especificidades da linguagem na Internet e como esta linguagem está associada à construção do espaço virtual.

É importante assinalar que a linha aqui defendida não só tem noções consideradas adequadas a esta pesquisa, como também dá ensejo para que se entendam em seus fundamentos os princípios adotados pelos estudiosos russos. Os princípios adotados pelos estudiosos russos fundamentam-se em uma visão dialética da ciência. O objeto de estudo desta pesquisa – o espaço virtual nos chats – deverá, portanto, ser compreendido dialeticamente. Os princípios, bem como os conceitos, adotados pelos estudiosos russos, deverão ser aproveitados em função de que a compreensão do objeto da pesquisa seja muito mais norteadora para este estudo do que simplesmente seja defendida uma linha sócio-cultural da psicologia.

A seguir, é justificada uma visão dialética da ciência, como paradigma epistemológico, bem como é exemplificada esta visão para se estudar o espaço virtual na Internet. Também são abordados conceitos sócio-culturais próprios da psicologia, de forma a relacioná-los mais amplamente com os estudos desta pesquisa. Serão analisados os papéis das ferramentas psicológicas e materiais e como elas estão relacionadas com o objeto investigado e com a atividade humana. As características desta atividade, de acordo com alguns conceitos sócio-culturais, serão relacionadas com o espaço virtual na Internet e nos chats. A linguagem, devido às várias questões que suscita, merecerá uma atenção à parte no capítulo 4. É importante ainda assinalar que devido à orientação desta pesquisa, na qual cada assunto está inter-relacionado com o outro, o espaço virtual, tratado no capítulo anterior, tinha já em vista uma busca de acordo com os princípios do materialismo dialético. Contudo, como foi optado apresentar a problemática da pesquisa inicialmente, o materialismo dialético foi apresentado em maiores detalhes apenas no capítulo presente.

3.1 Algumas considerações epistemológicas

Serão feitas as considerações propostas neste sub-título devido a duas razões principais: 1) a de esclarecer e justificar em quais linhas gerais da ciência está sendo utilizada a abordagem empregada nesta pesquisa e 2) a de compreender como as orientações metodológicas e os conceitos utilizados para o objeto da pesquisa estão fundamentados na origem da abordagem sócio-cultural da psicologia. Tais razões e considerações estão detalhadas a seguir.

Esclarecer e justificar as linhas gerais da ciência na qual este estudo se aplica – É importante que se verifique em que linha mais geral da ciência este estudo se aplica pelo

seguinte motivo: a linha sócio-cultural da psicologia e os trabalhos que dela se utilizam dão margem a muitas incompreensões de como se deve abordar o objeto de pesquisa. Alguns trabalhos não enriquecem a compreensão do fenômeno estudado e outros relacionam inadequadamente teoria com metodologia. Este fato ocorre, de acordo com o que tenho observado, por não se entender como situar a psicologia sócio-cultural no panorama geral das ciências de forma a se trazer novos e enriquecidos entendimentos ou por se pensar na psicologia sócio-cultural de uma forma muito eclética, misturando concepções teóricas e abordagens metodológicas incompatíveis. Exemplos dos dois casos são explicados a seguir.

Muitas vezes, o pesquisador parte de uma linha sócio-cultural e tira conclusões sobre o seu objeto não só dentro do escopo sócio-cultural, mas também repetindo o que sua fundamentação teórica estabelece. Antaki (<http://www.shu.ac.uk/daol/articles/v1/n1/a1/antaki2002002-paper.html>.) chama atenção para este aspecto como um ciclo que faz com que o estudo não traga enriquecimento sobre o objeto ou fenômeno que se está estudando.

Em outras vezes, pode-se verificar uma utilização de concepções sócio-culturais e uma metodologia correspondente inadequada. É importante notar que as diversas concepções de estudo em psicologia engendram metodologias diferenciadas e, muitas vezes, incompatíveis. Valsiner (2000) estabelece uma série de razões para as quais o pesquisador deve atentar e aponta falhas em relação ao fato de se partir da idéia de psicologia do desenvolvimento como um enquadre teórico e se utilizar métodos inapropriados para investigações nesta psicologia.

Partindo do que foi anteriormente exposto e da idéia que se tenciona nesta pesquisa de envolver o objeto em todas as considerações que forem expostas, como foi discutido na

apresentação deste trabalho, é imprescindível que seja feita uma relação do objeto com a maneira como ele se situa nas linhas gerais da ciência, atentando-se para como a abordagem aqui adotada também se situa nessas linhas gerais.

Os dois problemas anteriormente expostos fazem com que o objeto desta pesquisa, o espaço virtual na Internet, precise ser entendido de uma forma que não fique colocado dentro de algo como o ciclo descrito e que não fique em meio a ecletismos incompatíveis. Para o primeiro problema, um exemplo a não ser seguido seria o de partir de uma abordagem sócio-cultural da psicologia, analisar as interações textuais na Internet e chegar à conclusão de que o espaço virtual é construído na linguagem. Tal conclusão não teria muito valor nem traria algo novo para o estudo do objeto como tal, pois pode ser entendida como uma premissa da abordagem utilizada, de forma que outras conclusões é que possam ser tiradas a partir dela. Para o segundo problema, um exemplo a não ser seguido seria o de utilizar uma concepção do materialismo dialético adotada pelos russos e misturá-la com teorias comunicativas que ressaltam o consenso, como a de Habermas, ou de ter um resultado de pesquisa eminentemente representado por análises estatísticas.

Na abordagem sócio-cultural, o fato de se pensar na pesquisa como algo científico foge muito dos padrões clássicos. Portanto, racionalismos ou positivismos são colocados de lado neste trabalho, pois admite-se que o objeto desta pesquisa é fruto de um conhecimento que está longe do que é única e eminentemente produzido pela razão.

Entretanto, o idealismo, como ciência, também é afastado do enfoque sócio-cultural. Pressupostos idealistas e metafísicos através dos quais a mente humana é concebida como algo pronto e acabado, verdades existentes por si próprias como uma descoberta mental, e

atividades cognitivas, vistas como algo pertencente a alguém, não cabem na abordagem cultural da psicologia. A ênfase na cultura, no social e na história faz com que a psicologia cultural continue interrogando o mundo - o que não é próprio da linha positivista - e ao mesmo tempo se baseie em atividades, práticas e ações - o que não é próprio da linha idealista. Vê-se então que a linha sócio-cultural da psicologia tenta fugir do positivismo e do idealismo.

Compreender como as orientações metodológicas utilizadas no objeto da pesquisa estão fundamentadas na origem da abordagem sócio-cultural da psicologia – A origem da abordagem sócio-cultural da psicologia é marxista. Contudo, as visões marxistas da ciência precisam ser sempre bem situadas e adaptadas para o objeto que se deseja investigar. Marx aprofundou os estudos da dialética com uma visão materialista para investigar a sociedade burguesa da época. Vygotsky e outros estudiosos aplicaram as noções da dialética materialista de Marx aos seus estudos e delimitaram como aplicar essas noções. É importante observar que entender ciência dentro de uma perspectiva dialética materialista remonta a uma série de polêmicas históricas. Tal fato faz pensar em como apreender o objeto de pesquisa de forma adequada, sem utilizar necessariamente categorias como a de “classe social”, que foi utilizada por Marx para estudar especialmente a sociedade do seu tempo em um espaço com características bem propícias para se entender o tipo de organização social que ele definiu. Isto não quer dizer que uma categoria como “classe social” não deve ser usada em um outro tipo de estudo que não seja o social, mas que as categorias deverão ser criadas de acordo com a vivência que se terá com o objeto de pesquisa. Esta preocupação baseia-se no fato de que Marx utilizou a sua dialética para entender o funcionamento da sociedade e que, neste caso, criou categorias próprias também para entender a sociedade. É preciso, então, que nos atenhamos às categorias que precisamos realmente criar sem confundir as categorias do

materialismo dialético para um certo tipo de visão da ciência, com as categorias feitas por Marx para o entendimento da sociedade daquela época. Vigotski (1996b) assinala suas preocupações neste sentido, quando diz que a psicologia precisa criar seu próprio “O Capital”. Este trabalho tem preocupações semelhantes e toda referência feita ao materialismo dialético terá como objetivo crucial entender o espaço virtual na Internet e estabelecer pontes teórico-metodológicas para se chegar a este entendimento. Ao mesmo tempo, este trabalho procura, de forma semelhante a que Vygotsky relacionou seu estudo com o de Marx, refletir sobre a psicologia do próprio Vygotsky e de outros estudiosos russos, de maneira não a adotar uma psicologia sócio-cultural em si, mas construir uma psicologia voltada para a questão do espaço virtual.

Considerando que racionalismos, positivismos e idealismos devem ser afastados da forma como este trabalho é desenvolvido, é imprescindível indagar como a linha sócio-cultural da psicologia tem procurado soluções em uma base epistemológica dialética e materialista, pelas razões anteriormente descritas e, a partir daí, entender como dever ser investigado o espaço virtual na Internet, especialmente nos chats. Considerando ainda que orientações metodológicas específicas, para a psicologia, advém de uma base epistemológica dialética e materialista, é necessário que se detalhe como estas orientações servirão especificamente para a compreensão das questões do virtual na Internet. É importante, por conseguinte, verificar como esta visão do materialismo dialético pode ser enquadrada no estudo de um determinado espaço virtual. Esta tarefa será realizada a seguir.

3.2 Dialética do espaço virtual na Internet

Depois de relacionadas as justificativas de se falar sobre a base que fundamenta os próprios fundamentos psicológicos deste estudo, como foi feito anteriormente, será feita agora uma relação desta base com o objeto desta pesquisa em particular. O materialismo dialético, a base desta pesquisa, se apóia em uma concepção de mundo e de fenômenos que possuem uma realidade objetiva e que estão em constante transformação (Konder, 1987; Cheptulin, 1982; Engels, 2000; Politzer, 1967; Andery, 2002; Kosik, 2002).

Assim, a linha que este trabalho invoca para estudar o espaço virtual na Internet requer compreender quais aspectos da realidade objetiva são necessários para investigar a sua construção em transformação contínua. É preciso entender que o espaço virtual no chat, por exemplo, precisa ser visto e analisado a partir de um uso real, não especulativo, e que as diversas mensagens inseridas na tela de um computador precisam ser observadas a partir da interação para que se tenha em vista como as transformações do espaço virtual ocorrem.

De uma maneira geral, a dialética se apóia em três leis (Konder, 1987; Cheptulin, 1982; Engels, 2000; Politzer, 1967):

1) **lei da passagem da qualidade à quantidade e vice-versa** – diz respeito às transformações qualitativas e quantitativas e às relações entre elas. Como é considerado que a realidade está em permanente movimento, o aumento ou a diminuição de quantidade nunca cessam e a cada um deles corresponde uma mudança de qualidade em determinado momento. O exemplo mais amplamente divulgado é o da água que, com o aumento de temperatura (quantidade) começará a ferver a 100° C (mudará a qualidade). A água fervida permanecerá em movimento de modo a mudar para uma outra qualidade. Vygotsky se utilizou desta idéia para desenvolver diversas categorias, dentre as quais pode-se destacar as das funções mentais

superiores e inferiores (Vygotsky, 1996a, 1996b, 2001). Os seres humanos, para este autor, vêm ao mundo com um aparato biológico próprio por meio do qual desempenham suas funções mentais inferiores e, a partir da interação com outros seres humanos e do uso de ferramentas culturais, começa a desenvolver suas funções mentais superiores. Considera-se que, com o aumento do uso de funções mentais inferiores, em uma determinada cultura, o ser humano passa a ter novas qualidades de funções mentais. Em se tratando de espaço virtual na Internet, pode-se inferir que esta relação entre quantidade e qualidade é observada quando se considera que este espaço necessita de elementos que o caracterizem em permanente movimento e que, ao aumentarem ou diminuírem, mudam a qualidade deste mesmo espaço. É importante salientar que os movimentos e as transformações do espaço virtual ocorrem em um plano que não corresponde e não tem que necessariamente corresponder ao espaço físico. Como bem enfatiza Politzer (1967), os movimentos e suas transformações, para a dialética, ocorrem na natureza, na sociedade e no pensamento de maneiras próprias. As bases da dialética expostas em Engels (2000) mostram de modo claro esta preocupação: “O movimento, em seu sentido mais geral, concebido como forma de existência, como atributo inerente à matéria, compreende todas as transformações e processos que se produzem no Universo, desde as simples mudanças de lugar até a elaboração do pensamento”. É provável que a freqüente não associação do movimento com o pensamento seja um legado da herança newtoniana, de acordo como o que foi visto no capítulo 2, a qual reforçou a idéia de movimento ao espaço físico, fazendo com que as ciências humanas se baseassem nos métodos das ciências exatas, sem considerar o movimento de uma forma apropriada nas suas aplicações, ou seja, o considerando apenas como uma mudança de lugar. O espaço virtual na Internet, simbolicamente construído, e, portanto, também concebido através do pensamento, requer que seja compreendido através do movimento e das suas transformações quantitativas e qualitativas. É importante notar neste ponto que as fundamentações dos estudos dos teóricos

russos complementam e são base de suas teorias, ao mesmo tempo em que são vistas assim como adequadas para esta pesquisa. A idéia de funções mentais – considerada sob a luz das questões de qualidade, quantidade e movimento – faz com que o espaço virtual na Internet seja denominado como uma “função mental superior” no cerne que caracteriza o que Vygotsky denomina função mental superior. Uma função deste tipo se caracteriza eminentemente pelo uso de signos, os quais são compartilhados pelos seres humanos e internalizados pelos indivíduos. A internalização não é cópia do que existe na cultura para a cabeça do indivíduo, mas sim uma re-construção do que há na cultura para a mente de cada pessoa. Desse modo, o espaço virtual é formado por signos culturais e também pela forma como estes signos são utilizados por cada indivíduo que os compartilha. Especificamente no chat, o signo predominante é a linguagem textual. Também são utilizados outros elementos simbólicos mostrados na tela do computador. Todos esses elementos, especialmente a linguagem textual, são utilizados de modo que aumente ou diminua quantitativamente determinados termos ou expressões. A esta mudança quantitativa é preciso relacionar uma mudança qualitativa e todas as mudanças são necessárias para se entender como é construído o espaço virtual no chat. Assim, para este estudo, a primeira lei da dialética orienta fortemente alguns aspectos, entre os quais se destacam **a quantidade de elementos lingüísticos na interação textual dos chats e as conseqüentes qualificações do espaço virtual**, como será visto no capítulo 6 em relação aos elementos com função dêitica, e **a quantidade de elementos específicos da fala, da escrita, dos marcadores de localização em geral, de formas da dinâmica interacional e das pressuposições específicas a cada contexto e as conseqüentes qualificações do espaço**, como será visto no capítulo 4. Dialeticamente, uma mudança qualitativa também proporciona mudança quantitativa, pois o espaço virtual bem como outros fenômenos estão em constante movimento e o novo estado qualitativo carrega

em si transformações internas que levarão a outras transformações. As conseqüências deste fato são explicadas nas duas leis seguintes.

2) **lei da interpenetração dos contrários** – como foi visto, devido ao movimento há transformação entre quantidade e qualidade. Essas transformações fazem com que aconteça algo novo, diferente ou contrário do que era antes. No mínimo, em determinada qualidade há alguma quantidade diferente da qualidade anterior. Algo que é muito, antes era pouco e vice-versa. Os contrários são necessários para se entender os fenômenos em transformação. Devido a esta necessidade, a dialética estabelece que a unidade de estudo a ser empregada em uma pesquisa deve ter os contrários atuando mutuamente. A idéia de totalidade é utilizada de modo que se entenda o todo não simplesmente como soma de partes ou de seus contrários, mas como algo no qual o todo só é concebido com as suas partes, atuando em movimento conjunto, e as partes só fazem sentido, atuando no todo. O todo e as partes não podem ser estudados separadamente. Um exemplo corrente, utilizado inclusive por Vygotsky, é o da água, que na sua fórmula molecular é H_2O . O hidrogênio (H) só faz sentido para estudar a água se estiver na sua fórmula naquela quantidade, pois sozinho está no ar. Já o oxigênio (O) sozinho ganha uma característica bem diferente daquela que tem a água: a combustão. Isto é, o todo e as partes da água só fazem sentido se estiverem em conjunto na fórmula molecular, que é a unidade de estudo mais apropriada. Vygotsky, entre outras unidades de estudo, utilizou a palavra, para ele a unidade que liga abstração (pensamento) à fala (linguagem), de modo que pensamento e linguagem só podem ser entendidos se estudados através desta unidade. O espaço virtual na Internet também não prescinde dos seus contrários. Contudo, nos ensina o materialismo dialético que as categorias dos contrários não podem ser metafísicas ou excludentes (absoluto/não absoluto, completo/ incompleto, bom/mau, dentro/fora etc). Tais categorias precisam estar relacionadas no todo e, devido ao movimento interno, uma pode

ficar no lugar da outra. Este tema parece ser mal compreendido, pois até categorias muito usadas como interno/externo não podem ser absolutas na visão dialética. É difícil, muitas vezes, precisar os termos adequados, mas o importante é saber que as categorias contrárias são interdependentes. A palavra, como unidade de estudo para Vygotsky, não é algo simplesmente como uma relação exterior/interior ao pensamento ou à linguagem, mas algo que mostra a sua interdependência. Desse modo, o espaço virtual na Internet precisa ser investigado não através de categorias como físico/simbólico de forma excludente. Pensar no espaço físico e no espaço simbólico para entender o espaço virtual da Internet não trará muitas conseqüências se assim for investigado. É necessário que se busque uma forma de investigação que não separe os contrários, mas que os entenda na sua totalidade, como a forma de Ryle (1984), apresentada no capítulo anterior. A linguagem textual em um chat, suas diversas mensagens em contínua transformação, engendra um espaço cujos contrários importantes ao seu estudo também precisam abarcar na totalidade categorias compreendidas a partir de uma unidade dialética. É verdade que muitas vezes se compara o espaço virtual da Internet com o mundo real físico. Contudo, se esta comparação for utilizada como artifício científico dividirá o que precisa ser estudado em conjunto. O mundo simbólico de um chat, por exemplo, é transformado através da manipulação de um texto da tela do computador, mas mesmo assim não perde seu caráter simbólico. Obviamente, o espaço virtual da Internet não é uma alternativa de vida ao espaço físico. Um não se transforma no outro, como foi indicado no capítulo 2. Os contrários do espaço virtual são aquelas categorias internas a ele. É preciso entender que as contradições são acima de tudo internas para o materialismo dialético. Deste modo, uma categoria interessante ao estudo do espaço virtual pode ser, por exemplo, a mensagem de chat que aparece na tela do computador com o nome de alguém. Esta mensagem mostra a noção que o indivíduo tem do outro e de si mesmo. Cada um sabe que é ele próprio na sua mensagem, mas sabe que é um outro para os outros e que os outros também

pensam assim. Ao visualizar a tela do computador e ver a sua mensagem, o indivíduo identifica uma marcação que diz que é ele que está simbolicamente no espaço virtual. Ele é um indivíduo de carne e osso e também simbólico, mas não é necessária uma averiguação de sua existência física. Assim, o pensamento dialético mostra através da unidade de contrários que é adequado para ser empregado nesta pesquisa em virtude do estudo de **vários contrários relacionados ao espaço virtual**, como os analisados no capítulo 2 (**virtual/real e virtual/físico**) e como os que serão debatidos adiante (**material/virtual, instrumento voltado para o externo / signo voltado para o interno, fala/escrita, elementos lingüísticos para entrada/saída no virtual/físico, dinâmica na interação como a de pergunta/resposta, contexto como algo dentro/fora da atividade ou da linguagem**).

3) **lei da negação da negação** – diz que o movimento geral da realidade faz sentido, não é um absurdo e que há não há uma perda eterna da tese na antítese após ser configurada a síntese. Em outras palavras, se há uma afirmação e depois uma negação, não é a negação que prevalece. Esta lei é consequência direta da luta dos contrários e mostra que o que prevalece não é a negação nem a afirmação, mas a própria síntese, entendida como um momento de superação. No exemplo das funções mentais de Vygotsky, observa-se que uma função mental superior não é a aniquilação de uma função mental inferior. A atenção voluntária não prescinde da percepção em sua forma biológica, mas esta adquire novos contornos quando o indivíduo passa a utilizar os signos e os demais instrumentos da cultura. Como esta lei tem sido alvo de muitas polêmicas, é necessário que se estabeleça aqui como esta pesquisa se posiciona ao empregá-la. A tese e a antítese, a afirmação e a negação, o estabelecimento de uma forma inferior e de uma forma superior levam a uma síntese ou superação. A síntese ou superação, como qualquer outro elemento da dialética, não é um momento acabado ou fixo, pois também está submetida ao movimento e a contínuas transformações. Há, contudo, uma

aparente confusão sobre o modo como denominá-las (fase, estágio, status, conceito etc). Para evitar maiores confusões, este estudo denominará os momentos de transformação do espaço virtual de categorias da **formação espaço-virtual**. Deste modo, ao se conceber um momento de transformação do espaço virtual e sua conseqüente superação, isto não significará que haverá uma fase fixa, bem delimitada e totalmente diferente da anterior. A formação espaço-virtual tem qualidades diferentes em suas transformações devido a diferenças qualitativas na interação, identificadas pelo fato de apresentarem contrários próprios, embora não fixos – elementos de cada categoria da formação espaço-virtual não são totalmente eliminados na passagem da tese para a antítese. A síntese, a nova formação, supera e continua em transformação. Portanto, no caso do chat, serão identificadas categorias que mostrem um salto qualitativo nas relações entre as mensagens que se refiram a formas de localização, ou seja, que caracterizem a construção de um espaço virtual. Para este estudo, além do que foi discutido em relação à formação espaço-virtual, a terceira lei se aplica a outras situações, como na **análise das transformações do espaço e de suas conseqüentes superações na história do psiquismo humano a partir do uso de instrumentos e da atividade**, segundo o que é mostrado no item final deste capítulo.

As leis da dialética anteriormente descritas são de grande importância para o tipo de formação do pensamento de uma psicologia sócio-cultural. Porém, essas leis não se bastam, pois a concepção de mundo a partir de uma perspectiva materialista traz novas contribuições em conjunto com o pensamento dialético. No próximo item, será feita uma discussão da visão materialista de mundo com o intuito de entender como a sua aplicação em conjunto com a dialética pode trazer um enfoque adequado para a questão do espaço virtual da Internet, tendo em vista como o fenômeno se desenvolve particularmente em ambientes de chat.

3.3 Materialismo e Virtualidade

É importante que seja um pouco melhor caracterizado o materialismo e sua relação com o virtual. A problemática do espaço, explorada no capítulo 2, e a sua idéia como algo eminentemente físico não supre os objetivos desta pesquisa e não mostra o que essencialmente seria a noção mais geral de espaço, principalmente devido a questões como cultura, linguagem e tecnologia. O materialismo que é tratado aqui não é de maneira alguma algo estático, mas sim dialético, em contínua transformação relacionada à sociedade, à natureza ou ao pensamento. Portanto, nesta pesquisa, o materialismo também não é respaldo para justificar o espaço fisicamente, mas uma forma de entender como o próprio espaço virtual, que é simbólico, muda e como suas mudanças ocorrem no pensamento.

O materialismo, de acordo com Politzer (1967), assim como é adotado neste trabalho, é uma concepção de mundo, uma maneira de compreender e interpretar a realidade, partindo de princípios definidos, os fenômenos da natureza e da vida social. Os princípios do materialismo adotados neste trabalho são assim: 1): o mundo é, por natureza, material e 2) a matéria é o dado primário, e a consciência é um dado secundário, derivado do primeiro. O materialismo procura considerar o mundo tal como é, sem nada acrescentar de estranho. O materialismo marxista se caracteriza por ser dialético e, devido a este fato, acrescenta uma visão de mundo ao materialismo não dialético. O materialismo dialético se opõe à aplicação das leis da dialética de um modo idealista. As leis da dialética foram inicialmente elaboradas por Hegel, mas sua visão idealista impedia uma compreensão real de alguns acontecimentos no mundo. Engels (2000) enfatiza bastante este fato ao dizer que, apesar de Hegel focar corretamente as transformações no mundo, ele fazia isto em um sentido contrário ao que deveria ser feito. Hegel se encontraria no mundo místico, não considerando a realidade

material tal como é; suas categorias apareciam pré-existentes e a dialética do mundo real seria apenas um reflexo do espírito. Este ponto é crucial para entender o materialismo dialético adequadamente. Ao mudarem o sentido da dialética idealista de Hegel para uma dialética materialista, Marx e Engels entenderam que o mundo deve ser compreendido a partir da sua realidade material e da sua reprodução no pensamento. Esta reprodução não é cópia idêntica, mas uma reprodução do movimento no pensamento. Além disso, esta reprodução passa por um processo dialético no qual o homem age ativamente na natureza. A seguinte passagem em Andery (2002) ajuda a esclarecer a questão:

A concepção materialista de Marx carrega em sua base uma concepção de natureza e da relação do homem com essa natureza. Para Marx, o homem é parte da natureza, mas não se confunde com ela. O homem é um ser natural porque foi criado pela própria natureza, porque depende da natureza, da sua transformação, para sobreviver. Por outro lado, o homem não se confunde com a natureza, o homem diferencia-se da natureza, já que usa a natureza transformando-a conscientemente segundo suas necessidades e, nesse processo, faz-se homem. Assim, Marx, a um só tempo, identifica e distingue o homem e a natureza, e naturaliza e humaniza o homem e a natureza. A simples compreensão da natureza não leva à compreensão do homem, mas, ao mesmo tempo, a compreensão do homem implica necessariamente a compreensão de sua relação com a natureza, já que é nessa relação que o homem constrói e transforma a si mesmo e a própria natureza. Por isto, pode-se afirmar que a natureza se torna humanizada e o homem na sua relação com ela “deixa de ser um produzido puro para se tornar um produzido produtor do que o produz”. (Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica, p. 403)

Esta idéia está nas concepções de Vygotsky quando ele fala de internalização. Deste modo, podemos verificar que as idéias ou o pensamento do homem não são negados pelo materialismo. As idéias e o pensamento existem, não são mera cópia e o ser humano é ativo

no seu pensamento, não está meramente respondendo aos estímulos do ambiente. Pode-se dizer que a característica social do ser humano não o impede de forma alguma de ser individual. Pode-se dizer ainda mais: que o indivíduo tem a sua individualidade e que a tem porque é um ser social. De acordo com Marx, citado em Konder (1987):

O indivíduo é um ser social, e é tão intrinsecamente social que somente ao longo de sua história em sociedade é que o homem, depois de muitos séculos, chegou a se individualizar (já que, nas comunidades mais primitivas, os indivíduos não contavam e existiam exclusivamente em função da coletividade a que pertenciam). (O que é dialética, p. 79)

Deve ser frisada a questão da individualidade por causa de suas conseqüências psicológicas. A abordagem sócio-cultural da psicologia não é uma forma de determinismo social. Reconhece-se a individualidade do ser humano e dentro de uma história. A citação anterior fala de um indivíduo como ser social e também histórico, o qual transforma a sua história através da materialidade da vida social. O ser humano é tal como é porque é social, mas também tem uma autonomia, ele depende da natureza a sua volta e compartilha signos com os outros, mas cada um tem a sua consciência. Neste instante, é fundamental entender o papel da história e da natureza bem como a maneira como uma sociedade dita tecnológica possibilita um espaço dito virtual através das tecnologias da Internet. Para Kosik (2002), o homem não vive em duas esferas diferentes: uma da natureza e outra da história. O homem está concomitantemente na natureza e na história, e como ser histórico-social ele humaniza a natureza, mas também a reconhece como pressuposto da humanização. A natureza existe como totalidade e a vida da sociedade tecnológica não prescinde da natureza. O homem muda tudo a sua volta assim como muda a natureza. Nas palavras de Kosik (2002):

Na indústria, na técnica, na ciência e na cultura, a natureza existe para o homem como natureza humanizada, mas isto não significa que a natureza em geral seja uma “categoria social”. O conhecimento da natureza e o domínio da natureza são socialmente condicionados, e neste sentido a natureza é uma categoria social que varia historicamente, mas a absoluta existência da natureza não é condicionada por coisa alguma e por ninguém. (Dialética do concreto, p. 249)

Esta citação não só dá suporte a uma investigação psicológica com uma ênfase sócio-cultural como também a uma idéia de um espaço que pode ser virtualmente construído e transformado. Se o espaço virtual na Internet é tratado pelos indivíduos como um lugar e que pode ser modificado, este lugar é resultado de uma atividade na qual são utilizados instrumentos tecnológicos e signos próprios da cultura tecnológica, logo de uma natureza humanizada. Podemos dizer, semelhantemente a Marx e de acordo com os pressupostos de Vygotsky, que o ser humano, ao modificar a natureza do espaço virtual, modifica a natureza do seu próprio pensamento.

É importante que se entenda em maiores detalhes a relação da materialidade do mundo com a virtualidade na Internet. Tal relação leva a concluir que o substrato material necessário ao espaço virtual não é em si mesmo o espaço virtual, mas o que por sua natureza material no mundo é uma contrapartida para este espaço. Pelo fato de o espaço virtual ser simbólico e não ser o mundo físico no qual vivemos, só podemos concluir que este substrato material é representado pelos textos, imagens, figuras e demais elementos específicos que são visualizados e manipulados na tela do computador. Logo, a contrapartida material só pode estar onde o indivíduo em conjunto com os demais configura um lugar de encontro; seu quarto, seu escritório, o *cybercafé*, enfim a sua realidade física não conta como algo intrínseco e suficiente.

Em resumo: 1) o mundo é material e está em constante transformação, 2) há uma derivação deste mundo em transformação no pensamento humano, mas isso não significa que o ser humano perde a sua individualidade, 3) uma dessas derivações é o próprio espaço virtual na Internet, 4) para o espaço virtual na Internet ser construído pelos indivíduos, precisa de símbolos e instrumentos próprios de uma cultura tecnológica na forma de uma natureza humanizada, 5) os substratos materiais desta cultura tecnológica humanizada pertencem a um mundo material representado pelos textos, imagens, figuras e demais elementos específicos que são visualizados e manipulados na interface e 6) a realidade física do indivíduo não conta como algo intrínseco e suficiente.

Para fechar este item é interessante que se veja em que escopo a realidade é referida aqui. Para o materialismo, o pensamento, a sociedade, a natureza - ou a natureza humanizada, como vimos anteriormente -, são aspectos reais do mundo. Portanto o materialismo admite o pensamento como algo real, mesmo não sendo palpável, o que nos leva a inferir que também admite o virtual, sendo este aspecto considerado uma forma potencial da realidade, do modo como foi tratado no capítulo 2. Este modo, o virtual como algo potencial, nos termos de Pierre Lévy (1996, 1997), faz pensar em que medida é mesmo algo da realidade pelo fato de não ser algo atual e, assim, supostamente não estar garantido. A questão é que o virtual, nos termos deste trabalho, é tratado como objetivo para os indivíduos que nele trafegam e o constroem.

Para não correr o risco de que a posição materialista aqui assumida seja, contraditoriamente, anti-realista, além de se considerar o virtual não como o contrário do real, mas do atual, este trabalho recorrerá agora ao conceito de objetivação e o relacionará com o que é discutido em Searle (2000) exatamente para contestar este autor. A objetivação, no

enfoque do materialismo dialético, é a forma como o ser humano vê o mundo objetivo, independente de nós. Contudo, para este mesmo materialismo, o ser humano se apropria de instrumentos da cultura para poder transformar sua realidade e a entende como uma realidade transformada, ou, como já foi falado anteriormente, uma natureza humanizada. Nesta perspectiva, há o aspecto objetivo da realidade transformada e o aspecto simbólico. Searle (2000) diz que os anti-realistas e até alguns pesquisadores que não se consideram anti-realistas adotam a seguinte estrutura lógica de raciocínio: 1) há um realismo externo real, ou seja, há um mundo real independente de nossa vontade, 2) se há um mundo real, há uma maneira objetiva de como as coisas são no mundo, 3) se há uma maneira de como as coisas realmente são, então deveríamos ser capazes de dizer como são e 4) se podemos dizer como as coisas realmente são, então aquilo que dizemos é objetivamente verdadeiro ou falso, dependendo de nosso êxito ou fracasso em dizer como são.

Para o autor em questão, aqueles que apóiam formas de subjetivismo ou relativismo e que desejassem rejeitar a quarta proposição ficariam embaraçados diante da primeira, que sentem que deve ser rejeitada ou questionada. Em primeiro lugar, é preciso dizer que a contestação a ele vem do fato de que esta pesquisa não é considerada subjetivista ou relativista, mas gostaria de rejeitar a quarta proposição. Em segundo lugar, nesta pesquisa é considerada a primeira proposição verdadeira pelo fato de se assumir aqui uma posição materialista, mas também não se assume a quarta proposição pelo fato de se considerar o seguinte equívoco no que é traçado pelo autor: a proposição 3 não pode ser garantida.

Para o materialismo dialético, a realidade objetiva é apropriada pelo ser humano, mas ela é apropriada em movimento e em um movimento próprio para cada indivíduo que tem a sua própria história. Uma maneira de dizer como as coisas realmente são não é possível

porque cada pessoa tem sua forma própria de se apropriar da natureza ou da natureza humanizada que é diferente em muitos aspectos, de pessoa para pessoa. O que faz, contudo, que os indivíduos se comuniquem é que eles supõem que há uma maneira como as coisas realmente são e que é compartilhada por cada um. Dizer que as pessoas supõem que há uma maneira de compartilhar como as coisas realmente são não significa que as pessoas compartilham efetivamente a maneira como as coisas realmente são.

No capítulo sobre a problemática deste trabalho se verificou o espaço virtual em termos de algo que é vivido e que é conhecido. Naquele momento, foi mostrada a inadequação de se pensar no espaço como algo essencialmente físico e no virtual como uma categoria dicotômica. Neste capítulo, parte-se do materialismo dialético para relacionar o material com o virtual e, de uma certa forma, não vê-los também como categorias dicotômicas, mesmo tendo como premissa que o mundo objetivo é material e o virtual é simbólico.

Um aspecto curioso neste trabalho é que as pessoas supõem que há um espaço virtual na Internet para que ele realmente exista e que, embora se saiba que é uma realidade simbólica ou do pensamento, é suposto como sendo uma realidade objetiva, independente do ser humano. Esta afirmação não é uma hipótese deste trabalho, mas um fundamento. Aspectos sobre como a suposição de um espaço virtual na Internet ocorre e é transformada serão tratados mais adiante, no item 3.5, quando se falar sobre atividade humana em uma abordagem sócio-cultural. Na ocasião, será feita uma discussão de como a atividade humana propriamente dita tem ocorrido na história e de como está relacionada com a idéia de espaço, no seu sentido mais primitivo até o espaço virtual na Internet, enfocando-se especialmente os

ambientes de chat. Os instrumentos e signos utilizados na atividade humana serão discutidos no próximo item, enfocando-se também os ambientes de chat.

3.4 O papel dos instrumentos e dos signos

O papel dos instrumentos e dos signos para Vygotsky (Vigotski, 1996a; Vigotski, 1996b, Vigotski, 2001; Vygotsky, 1998) é de fundamental importância. Neste trabalho, tais conceitos são imprescindíveis. Porém, de modo que haja um tratamento adequado dos instrumentos e dos signos, algumas considerações serão feitas sobre eles: 1) definições e semelhanças, 2) diferenças e 3) problemas decorrentes de sua aplicação no espaço virtual da Internet.

Definições e semelhanças entre signos e instrumentos

Para Vygotsky (Vigotski, 1996a; Vigotski, 1996b), os instrumentos são as ferramentas materiais utilizadas pelo homem para modificar a natureza, a fim de atender suas necessidades. A invenção e o uso dos signos, como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, escolher etc), é análoga à invenção e uso de instrumentos, só que agora no campo psicológico. O signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel do instrumento na atividade humana e por isso é também chamado de ferramenta psicológica.

Portanto, signo e instrumento são formas de mediação da atividade humana. Estas formas são características das funções mentais superiores, ou seja, não dependem meramente dos processos biológicos dos indivíduos, como assim dependem as funções mentais

inferiores. Em outras palavras, além de serem formas de mediação da atividade, os instrumentos e os signos estão relacionados aos aspectos interacionais, os quais são bastante enfatizados por Vygotsky (Vigotski, 1996a; Vigotski, 1996b, Vigotski, 2001; Vygotsky, 1998).

Desde o nascimento, o ser humano aprende através da interação com outros e, quando isso ocorre, cria formas qualitativamente diferentes das que tinha a princípio. Há uma precedência da função intermental em relação à função intramental. Nas palavras de Vygotsky, “toda função no desenvolvimento cultural da criança aparece duas vezes: primeiro, no nível social, e, mais tarde, no nível individual; primeiro entre as pessoas (interpsicológica) e, então, dentro da criança (intrapicológica). Isto se aplica igualmente à atenção voluntária, à memória lógica e à formulação de conceitos”.

É preciso que a interação na Internet seja analisada em conjunto com o uso de instrumentos e signos próprios da tecnologia utilizada e que seja também igualmente aplicada à noção de construção do espaço virtual como um fenômeno interpsicológico, que não deixa de ser intrapsicológico, mas que tem sua origem nos elementos disponíveis na cultura e na interação humana. A construção do espaço virtual é um fenômeno interpsicológico em sua essência e, assim como o são todas as funções mentais superiores, ocorre quando o uso dos instrumentos conflui com o uso dos signos.

É importante ressaltar que a mediação dos instrumentos existente na Internet está estratificada em diversos níveis. Entre um e outro usuário há o teclado, o monitor, os fios das linhas de telecomunicação, outros programas e outras redes de computadores. Contudo, deve ser considerado que determinados níveis da estrutura física estão transparentes para o usuário.

O usuário se localiza e localiza os outros eminentemente através das imagens do ambiente virtual e do entendimento de como o ambiente funciona.

Diferenças entre signos e instrumentos

Apesar da semelhança entre signos e instrumentos, é importante que suas diferenças sejam evidenciadas. A analogia entre signo e instrumento não implica uma identidade entre eles. Como o próprio Vygotsky (1998) afirma:

Não devemos esperar encontrar muitas semelhanças entre os instrumentos e aqueles meios de adaptação que chamamos signos. E, mais ainda, além dos aspectos similares e comuns partilhados pelos dois tipos de atividade, vemos diferenças fundamentais. Gostaríamos, aqui, de ser o mais preciso possível. Apoiando-se no significado figurativo do termo, alguns psicólogos usaram a palavra “instrumento” ao referir-se à função indireta de um objeto como meio para realizar alguma atividade. Expressões como “a língua é o instrumento do pensamento” ou “aides de memoire” são comumente, desprovidas de qualquer conteúdo definido e quase nunca significam mais do que aquilo que elas realmente são: simples metáforas e maneiras mais interessantes de expressar o fato de certos objetos ou operações terem um papel auxiliar na atividade psicológica. (...) Por outro lado, tem havido muitas tentativas de se dar a tais expressões um significado literal, igualando o signo com o instrumento. Fazendo desaparecer a distinção fundamental entre eles, essa abordagem faz com que se percam características específicas de cada tipo de atividade, deixando-nos com uma única forma de determinação psicológica geral. (A formação social da mente, p. 60)

Tal afirmação antecipa dois problemas nas ciências psicológicas e lingüísticas: 1) a utilização de metáfora como apenas alguma coisa que substitui outra e 2) e o fato de se igualar fenômenos psicológicos e não psicológicos, ignorando-se suas naturezas, papéis históricos e

em quais tipos de atividades são empregados (um exemplo é o uso do termo “artefato”). Ainda, de acordo com as palavras de Vygotsky (1998):

As distinções entre os instrumentos como um meio de trabalho para dominar a natureza, e a linguagem como um meio de interação social, dissolvem-se no conceito geral de artefatos, ou adaptações artificiais. (A formação social da mente, p. 61)

Em relação às distinções propriamente ditas entre signos e instrumentos, pode-se dizer que os signos possuem a característica peculiar de ação reversa, agem sobre o próprio indivíduo e não sobre o ambiente. Os signos são utilizados para que o indivíduo aja ativamente na regulação do seu próprio comportamento ou de outro indivíduo. Atividades das crianças, que dependem inicialmente de signos externos (do ambiente ou de outros indivíduos) são reconstruídas na criança de modo que ela adquira as funções mentais superiores. Ocorre assim o que é chamado de internalização, ou seja, a reconstrução interna de uma operação externa, nos termos do que foi discutido na seção 3.2. Como foi discutido anteriormente, a internalização não é uma cópia da realidade externa.

Em se tratando de espaço virtual na Internet, podemos verificar que determinados signos são utilizados para se fazer referência a um espaço simbólico. Tal espaço muda de acordo com as operações realizadas pelos indivíduos e os signos são os mais diversos nos vários recursos da Internet. Há algo crucial nesta questão que diz respeito ao modo como o uso do signo é orientado. Vygotsky (1998) diz o seguinte:

A diferença mais essencial entre signo e instrumento, e a base da divergência real entre as duas linhas, consiste nas diferentes maneiras com que eles orientam o comportamento humano. A função do instrumento é servir como

um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade; ele é orientado externamente, deve necessariamente levar a mudanças nos objetos. Constitui um meio pelo qual a atividade humana externa é dirigida para o controle e domínio da natureza. O signo, por outro lado, não modifica em nada o objeto da operação psicológica. Constitui um meio da atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo; o signo é orientado internamente. Essas atividades são tão diferentes uma da outra, que a natureza dos meios por elas utilizados não pode ser a mesma. (A formação social da mente, p. 62)

A diferença entre signo e instrumento merece uma atenção especial relacionada às questões do espaço virtual na Internet e em vista das preocupações com os fundamentos sócio-culturais deste trabalho. A abordagem dada ao problema não enfatizará a orientação do interno para o externo ou vice-versa – no sentido de distinguir instrumento de objeto -, mas procurará verificar as relações materiais com a atividade psicológica, como está descrito adiante, e analisar as peculiaridades desta atividade na construção de um espaço virtual específico na Internet, como será feito na seção seguinte.

Problemas decorrentes da aplicação dos conceitos de signo e instrumento no espaço virtual da Internet

A questão de como as noções de signo e instrumento são aplicadas na Internet remete a todo um estado evolutivo dos meios de informação e comunicação que faz surgir uma sociedade tecnológica bem diferenciada da que Vygotsky vivia. Este fato traz à reflexão a característica de como os signos são orientados. A partir do uso de formas escritas, do telégrafo, do telefone, da televisão, dos vários recursos da Internet etc, pode-se notar uma gama de novos signos necessários à realização das atividades humanas. No caso desta pesquisa, é considerado um espaço virtual na Internet no qual as pessoas se localizam através

de signos lingüísticos (mensagens textuais) e verificam-se formas peculiares de esta localização ser feita. Algumas das peculiaridades referem-se às questões de distância física discutidas no capítulo 2. Contudo, o que se focará aqui será a maneira propriamente dita de se localizar em decorrência não só do distanciamento físico, mas principalmente devido ao modo próprio de se utilizar os signos.

Nos termos de Vygotsky, poderíamos dizer também que as pessoas utilizam os signos com uma orientação interna como se fosse externa. As pessoas dizem que vão se encontrar com outras em um determinado lugar na Internet (se referem a este lugar como se fosse externo), mas este lugar é simbólico. Contudo, de acordo com o que foi discutido na seção 3.2, a idéia de se pensar em categorias como interno/externo pode trazer algumas confusões. A solução aqui será entender que existe um substrato material (o que aparece na tela do computador) e uma atividade psicológica (da própria criação do espaço virtual). Desta forma, preserva-se o pressuposto essencial da materialidade do mundo e pode-se considerar que o indivíduo orienta suas atividades para determinados objetos sem a necessidade de determinar que os mesmos são externos.

Esse raciocínio pode ser aplicado para as várias situações nas quais há instrumentos que sejam ou não sejam tecnológicos. Pode-se dizer que alguém “está na televisão” e isto não quer dizer necessariamente que alguém está próximo ao aparelho de televisão ou na estação que transmite a programação. Quando uma pessoa “está na televisão” pode significar que está em um espaço simbólico no qual outros a vêem e ouvem. De modo análogo, quando as pessoas “estão na Internet”, estão em um espaço simbólico com características relacionadas a um conjunto de tecnologias (vide capítulo 2). No caso da Internet, pelo fato de haver recursos muito variados, há formas bem diferenciadas de se relacionar instrumentos com signos e,

conseqüentemente, formas variadas de se construir um espaço virtual, formas de linguagem próprias ou signos lingüísticos específicos.

É imprescindível que se tenha em mente a relação entre linguagem e instrumentos (tecnológicos ou não) em uma totalidade. Não é só o instrumento ou o signo que determinam a maneira como o espaço virtual é construído. No dia-a-dia, as pessoas dizem que “estão no telefone” ou que “estão na mesa” (no caso, um instrumento não tecnológico) e é notável que culturalmente há suposições próprias sobre o que estão fazendo, por exemplo, conversando com o namorado ou esperando o almoço. Enfim, há uma série de fatores que devem ser considerados na totalidade da ação e da atividade do indivíduo e na situação específica.

Este trabalho, a exemplo de Wertsch (1991), considera que a ação está tão intimamente atrelada à interação quanto à mediação, que não se pode falar de uma sem falar da outra. O que significa dizer que, a exemplo do que é colocado nos trabalhos de Vygotsky, toda ação é mediada e assim deve ser analisada. O indivíduo não simplesmente faz alguma coisa, mas faz alguma coisa com algo e para alguém (mesmo que este alguém seja ele mesmo), supondo práticas culturais específicas. Não podemos propriamente dizer que estamos em uma "cultura" (a cultura da Internet) no sentido em que a abordagem sócio-cultural utiliza este termo. Diversos tipos de interação podem ser desenvolvidos em meio a várias formas de representação dos signos. As representações dos signos encontrados nos vários ambientes virtuais e na linguagem utilizada na Internet dão ao ambiente um contorno próprio no qual as atividades são desenvolvidas. Todavia, há ainda uma série de questões a serem levantadas sobre como estes signos são apropriados pelos indivíduos.

É primordial que seja considerado o papel da atividade mediada pelos signos e instrumentos. Em relação a isso, Vygotsky (1998) faz a seguinte consideração: "o uso de meios artificiais - a transição para a atividade mediada - muda, fundamentalmente, todas as operações psicológicas, assim como o uso de instrumentos amplia de forma ilimitada a gama de atividades em cujo interior as novas funções psicológicas podem operar". A categoria "atividade", sob o ponto de vista sócio-cultural da psicologia, trará novas luzes para as orientações metodológicas que aqui perpassam e será analisada na seção posterior.

3.5 O papel da atividade

Há uma série de visões diferenciadas e aspectos peculiares na teoria da atividade, que podem ser direcionados ao objeto desta pesquisa. As visões diferenciadas englobam polêmicas sobre a posição da teoria da atividade dentro da abordagem sócio-cultural. Os aspectos peculiares estão relacionados à análise da atividade no desenvolvimento da história do psiquismo humano, considerando a evolução dos instrumentos e signos, especialmente no que diz respeito aos meios de informação e comunicação. Dentro dessa evolução, é importante analisar como a atividade humana é desenvolvida conforme situações específicas para relacioná-las com a construção do espaço virtual na Internet. As visões e aspectos considerados serão discutidos a seguir.

Posições sobre a teoria da atividade e sua relação com o espaço virtual na Internet

Nos últimos tempos, tem havido uma série de polêmicas sobre a posição da teoria da atividade na psicologia e de sua relação com os pressupostos teóricos de Vygotsky e Leontiev, ou seja, a respeito da compatibilidade da teoria entre esses dois autores. Van Der Veer &

Valsiner (1996) apresentam uma série de fatos, mostrando como a teoria de Leontiev estaria afastada da teoria de Vygotsky. Em um de seus comentários, Van Der Veer & Valsiner explicitam a questão dos signos e do trabalho, como elementos diferenciados na abordagem dos psicólogos russos:

Leontiev distanciou-se das idéias de Vygotsky em um obituário escrito em 1934 (pp. 189-9), em que enfatizou que os processos de mediação baseiam-se em atividades materiais e sociais e renomeou a teoria histórico-cultural de “teoria histórico-social”.(...) Fica claro que, ao substituir a ênfase de Vygotsky nos signos como meios de mediação entre objetos da experiência e funções mentais pela idéia de que a ação física (trabalho) deve fazer a mediação entre o sujeito e o mundo exterior, Leontiev se manteve fiel à ideologia oficial. De acordo com os guardiões ideológicos o trabalho (atividade física) devia ter precedência sobre a fala. (Vygotsky: uma síntese, pp. 315-316)

Por outro lado, autores como Newton Duarte (Duarte, 2001) alertam que a consideração acima, ao reduzir a categoria trabalho à atividade física e desconsiderar a importância da linguagem e dos signos na perspectiva de Leontiev, incorre em um equívoco de interpretação sobre os fundamentos adotados pelo teórico russo. Friedrich (1999) interpreta que quando Leontiev fala de “atividade material” não está apenas falando em atividade física simplesmente, mas “no contexto em que a coisa aparece pela segunda vez”, ou seja, “uma coisa pode aparecer uma vez enquanto tal e aparecer uma segunda no contexto de uma atividade”. A possível separação entre a teoria de Vygosty e a de Leontiev ocorreria, no ponto de vista de Davydov e Radzikhovskii (1985), pelo fato de haver um Vygotsky “metodólogo” que se preocupava com as relações sociais e com questões como consciência de classe e um Vygotsky “psicólogo” que centrava suas pesquisas em interações sociais concretas, envolvendo duplas e pequenos grupos. Em Wertsch, os mecanismos concretos para ampliar as

idéias de Vygotsky no que diz respeito às origens sociais e à natureza social do funcionamento humano estariam não nas teorias de Leontiev, mas nas de Bakhtin.

Este trabalho, a despeito das várias interpretações e relações que se faz de Leontiev com Vygotsky, adota a posição de buscar nos fundamentos dos teóricos russos, ou seja, no materialismo dialético e nas palavras dos próprios teóricos, as explicações necessárias ao objeto desta pesquisa. Partindo de Engels (2000), pode-se pensar de maneira adequada sobre o papel dos instrumentos e dos signos na atividade humana, tendo em vista que este autor entende o homem como um ser que especializa suas atividades a partir de necessidades que lhe são inerentes. Estas necessidades surgem na relação que o homem faz de si com a natureza, desde os primórdios da humanidade, quando os instrumentos foram tomados como uma extensão do seu próprio corpo e ele se diferenciou dos outros animais:

A especialização da mão: ela significa a ferramenta; e a ferramenta significa a tarefa especificamente humana, a transformação do homem sobre a natureza, sobre a produção. Também os animais, entendidos num sentido limitado, possuem ferramentas; mas apenas como membros do seu corpo: a formiga, a abelha, o castor. (A dialética da natureza, p. 25)

Os instrumentos propriamente ditos apareceram quando o homem procurou satisfazer novas necessidades e criou novas habilidades. Com a faca, por exemplo, o homem libertou a mão para uma nova relação com a natureza. De acordo com Engels (2000), “a mão não é apenas o órgão do trabalho: é também um produto deste e somente pela atividade humana a mão adquiriu uma habilidade que fosse possível evoluir nas técnicas e nas artes”.

Este trabalho, bem como entende os estudos de Vygotsky (vide seção 3.1), se apóia nas afirmações de Engels não para analisar a atividade humana como determinada pela

materialidade física da natureza, mas considerando que a natureza pode ser humanizada. Esta natureza humanizada, como a natureza em si, é refletida no pensamento, que não é cópia dela, pois o homem faz parte da natureza, mas ao mesmo tempo dela diferencia-se. (vide seções 3.2 e 3.3). Assim, o espaço virtual na Internet não é simplesmente um produto direto da natureza, como não é unicamente um produto direto da natureza humanizada, como não é apenas um lugar no qual as pessoas se localizam; é também e principalmente um produto do uso das formas de localização, da atividade de se localizar. Esta atividade é engendrada pelo uso de mensagens textuais e pela manipulação de outros elementos (físicos) dos ambientes virtuais, mas não prescinde dos signos, já que os próprios elementos físicos adquirem diversas significações necessárias à criação de um espaço (exemplo: ao clicar em um botão, entra-se na sala de bate-papo).

Neste ponto, é importante analisar as peculiaridades da atividade psicológica na construção de espaços virtuais específicos que existem na Internet, como foi mencionado na seção anterior, quando se falou em trocar a idéia de orientação interna/externa dos signos e instrumentos pela relação materialidade/atividade psicológica. Em Jonsson (<http://www.ludd.luth.se/users/jonsson/D-essay/ElectronicDiscourse.html>), mostram-se algumas formas próprias de se utilizar os recursos da Internet que estão relacionadas à forma como o instrumento (o aspecto material) é manipulado. Por exemplo, nos e-mails é comum o uso de “citações” (a cópia de partes de uma mensagem ou de toda ela e o envio dessas partes na resposta), a “postagem transversal” (o envio de um e-mail igual para vários grupos de pessoas) e o “*thread*” (a ordenação de grupos de e-mails por critérios como o de assunto). Os programas de e-mail têm, inclusive, comandos próprios para facilitar cada um desses usos. No caso do chat, as formas próprias de utilização, dependendo do ambiente, podem incluir

mensagens para determinadas pessoas com a escolha da maneira como a mensagem vai ser enviada.

Para cada recurso, há um modo de se lidar com o espaço virtual, que pode interferir em sua construção. Se, no chat, alguém mantiver uma conversação “reservadamente” com outra pessoa, o espaço que emerge é inexistente para aqueles que estão no mesmo chat, mas não estão no espaço reservado. Esses modos de tratar o espaço virtual mostram o quanto ele é dependente dos recursos, tanto no sentido de instrumento (material) quanto no sentido de uso de signos (elementos que orientam o comportamento da pessoa e a conseqüente formação do espaço). Esses modos também mostram como signo e instrumento têm sua interdependência e sua especificidade.

A partir do que foi anteriormente exposto, nota-se que não se trata aqui de passar dos signos para a ação, mas de entender como a ação é realizada através de signos. Não se trata aqui de prevalecer o social em detrimento do cultural ou de supervalorizar a “materialidade”, mas de entender que o substrato físico (material) está altamente relacionado com as ações humanas envolvidas. É verdadeiro, contudo, que Leontiev estendia mais esta idéia, que a sua idéia de ação estava voltada para questões de divisão social do trabalho em um determinado momento do desenvolvimento humano. Para ele, o ser humano fazia parte de uma evolução na qual suas atividades, criações de instrumento e novas habilidades chegavam a um ponto no qual o que era criado e adquirido pela humanidade era separado daqueles que realmente criaram. Segundo o autor, “esta separação toma uma forma prática, a alienação econômica dos meios e produtos do trabalho em face dos produtores diretos. Ela aparece com a divisão social do trabalho, com as formas da propriedade privada e da luta de classes” (Leontiev, 1978).

Este trabalho, embora não desconsidere as afirmações de Leontiev, analisará a atividade humana de criação do espaço virtual na Internet sob a ótica de que a ação está totalmente relacionada com o uso de signos e instrumentos culturais para que o homem construa formas de espaço a sua volta. Até este ponto, considera-se que as idéias de Vygotsky e Leontiev estão relacionadas e são compatíveis. Um passo adicional nesta pesquisa, contudo, não será o de buscar o espaço relacionado com a divisão social de trabalho, mas o de tornar relevante os instrumentos de informação e comunicação, o surgimento da Internet e a forma peculiar de espaço que surge quando os instrumentos são utilizados e quando recursos específicos, como o chat, são inseridos nas práticas culturais. A seguir, serão tomadas as idéias de Vygotsky (dos signos e instrumentos), as quais serão colocadas na perspectiva do desenvolvimento do psiquismo, segundo Leontiev, até o momento em que surge a atividade humana, para então relacioná-las com formas de espaço adquiridas, incluindo as virtuais, as da Internet e as do chat.

Desenvolvimento do psiquismo e suas relações com o espaço

Na teoria da atividade de Leontiev, há uma série de aspectos importantes a serem ressaltados. O primeiro aspecto é o da atividade em si. Em Leontiev (1978), há toda uma descrição do psiquismo, na evolução histórica e dentro de comparações filogenéticas, o qual é detalhadamente diferenciado quando chega a um estágio humano. Uma primeira fase do psiquismo diz respeito às mudanças de um animal, de um meio pouco estruturante, para um meio aonde as coisas tomam forma; um meio que leva ao aparecimento dos órgãos da sensibilidade e permite um **psiquismo sensorial elementar**. Uma segunda fase do psiquismo se dá com a passagem dos animais ao modo de vida terrestre e o desenvolvimento do córtex

cerebral; aparece o reflexo psíquico de coisas inteiras, o **psiquismo perceptivo**. A terceira fase ocorre quando uma complexidade, acrescida das condições de existência que conduzem ao aperfeiçoamento dos órgãos de percepção e de ação, bem como do cérebro, cria nos animais a possibilidade de uma **percepção sensível das correlações objetivas** entre as coisas, sob forma de situações relativas aos objetos. Desse modo, para Leontiev (1978), a evolução da vida provoca uma transformação da organização física dos animais, o aparecimento de órgãos e o desenvolvimento do psiquismo. Nessas três primeiras fases, pode-se notar que os organismos ainda têm suas relações com o espaço, totalmente dependentes do aspecto físico.

No momento em que surge a atividade, a dependência estrita ao espaço físico muda. As reflexões objetivas sobre o mundo, de propriedades isoladas ou de coisas inteiras, começam a depender não apenas da evolução da vida no meio físico, mas da estrutura objetiva da atividade que liga, na prática, o homem ao mundo que o cerca. A **atividade** é uma nova fase. Para Leontiev (1978):

O aparecimento e o desenvolvimento do trabalho, condição primeira e fundamental da existência do homem, acarretaram a transformação e a hominização do cérebro, dos órgãos de atividade externa e dos órgãos dos sentidos (...) O órgão principal da atividade do trabalho do homem, a sua mão, só pode atingir a sua perfeição graças ao próprio trabalho. Só graças a ele, graças à adaptação a operações sempre novas é que a mão do homem atingiu este grau de perfeição que pode fazer surgir o milagre dos quadros de Rafael, as estátuas de Thornwaldsen, a música de Paganini. (O desenvolvimento do psiquismo, p. 70)

Para este estudioso, o trabalho é uma atividade especificamente humana que liga o homem à natureza ou o processo de ação do homem sobre a natureza. "Ao mesmo tempo que age por este movimento sobre a natureza exterior e a modifica, ele [o homem] modifica a sua

própria natureza também e desenvolve as faculdades que nele estão adormecidas" (Leontiev, 1978). Em uma formulação ulterior sobre a teoria da atividade, ele diz: "a sociedade produz a atividade dos indivíduos que ela forma". Nesta fase, ficam nítidas as relações diferenciadas do homem no espaço; o próprio espaço físico começa a ser tomado por relações que são feitas entre vários objetos percebidos através da percepção e, ao mesmo tempo, da fala, nos termos de Vygotsky (2001). Pode-se entender que há uma virtualização do espaço na fala, de acordo com Lévy (1997). De acordo com teóricos do materialismo dialético, o espaço é um conjunto de relações e possui a característica essencial de estar sempre em movimento, mesmo que seja o do pensamento, pois o movimento não é apenas mudança de lugar, fisicamente falando. Tais aspectos foram explorados no capítulo 2 e na seção 3.2.

A atividade humana, dessa forma, desempenha um papel de fundamental importância para o entendimento das funções psicológicas na história e das suas relações com o espaço. Na sua evolução, o homem passou por estágios que marcaram profundamente a produção, as representações simbólicas por ele utilizadas e a estrutura da sociedade como um todo. Há, em outra direção, transformações que marcaram os estados subjetivos do ser humano. Pode-se dizer que, antes da escrita, havia tipos de atividade, representações e interações notavelmente diferentes das que surgiram após a escrita. Conseqüentemente, também há uma diferenciação, antes e depois da escrita, em relação às funções psíquicas. Surge um espaço virtual possibilitado pelo advento de instrumentos novos de comunicação e informação. A fala deixa de ser a única forma de mediação na comunicação. Neste trabalho, entende-se que há uma fase da **atividade mediada por novos instrumentos de comunicação e informação** diferentes da fala.

Pode-se dizer também que as pessoas que vivem na sociedade atual, fruto da Revolução Industrial, da informatização e da Internet, possuem funções psicológicas transformadas em sua natureza. Quando alguém usa a Internet, transforma e modifica objetos da atividade (não necessariamente exteriores, como discutido anteriormente) e, ao mesmo tempo, transforma e modifica a sua natureza psicológica de formas bem mais diversas do que quando se tinha apenas a escrita em papel. Uma dessas formas diferenciadas é a de um novo espaço virtual que, neste instante, é engendrado em uma nova fase, aquela da **atividade mediada por instrumentos tecnológicos** (vide capítulo 2), na qual distância e velocidade de transmissão da comunicação adquirem novas relações. A Internet em si não é uma nova forma de enquadre do espaço virtual, mas possibilita que seus recursos (instrumentos tecnológicos) tenham características bem específicas de construção do espaço. Desse modo, o que foi dito nesta seção pode ser resumido de acordo com a tabela a seguir.

Fases do psiquismo	Sensorial	Percepção	Percepção sensível	Atividade	Atividade mediada por novos instrumentos de comunicação e informação	Atividade mediada por instrumentos tecnológicos
Espaço	Eminentemente físico			Construído a partir de relações virtuais geradas pela atividade e pelo surgimento da fala	Construído a partir de relações virtuais geradas pela atividade e por novos instrumentos diferentes da fala, principalmente a escrita e suas diversas manifestações (em pedras, pergaminhos, cartas, livros etc).	Construído a partir da atividade e de relações virtuais geradas pelos instrumentos tecnológicos que permitem uma nova relação entre distância e tempo, devido a uma maior velocidade na transmissão de informações (na televisão, no telefone, nos recursos da Internet etc). Dentro desta fase, a Internet se mostra peculiar por permitir que surjam recursos dos mais variados que aliam tecnologias das mais diversas. No chat, por exemplo, há fala, escrita, imagens transmitidas em alta velocidade e diminuição da distância física, engendrando o simbolismo do espaço virtual.

Tabela 1 - Fases do psiquismo e espaço

Apesar da relação aqui instaurada das idéias de signo, instrumento e atividade com a construção do espaço, é preciso que se coloque como os termos da teoria da atividade são tratados em situações específicas. Como bem lembra Kaptelini (1994), a atividade, na

perspectiva da teoria em questão, significa interação dentro de uma realidade objetiva, que pode ser, por exemplo, a interação mediada pelo computador. O fundamental na teoria da atividade é a sua aplicação em situações reais e específicas, nas quais os signos adquiram novas funções. No caso deste trabalho, estas funções são relativas ao espaço em um ambiente virtual e possibilitam, a cada momento, novas condições de sua formação. As considerações sobre o que acontece em uma situação específica serão discutidas a seguir.

A teoria da atividade em situações específicas

Para explicar a teoria da atividade em uma situação específica, Leontiev (1979) descreve uma parábola, a qual é resumida adiante para se entender os seus pontos principais.

Suponha que, em uma caçada coletiva primitiva, haja dois grupos de indivíduos. Um afugenta a caça em direção ao outro grupo que, por sua vez, é responsável pela captura da caça. Toda atividade animal possui relações diretamente biológicas, instintivas; é sempre orientada para objetos que podem satisfazer uma necessidade biológica e ser engendrada por esses objetos. O objeto da atividade se confunde com o seu motivo biológico. No caso da caçada, o grupo que afugenta a caça é estimulado pela necessidade de se alimentar, mas sua atividade está orientada para assustar a caça na direção do outro grupo e pára nesse momento. O outro grupo faz o resto da atividade coletiva. Aquilo para que estão orientados os processos da atividade humana não coincide necessariamente com os seus motivos. Ações são os processos nos quais os objetos e os motivos não coincidem. A caçada é a atividade do caçador e o fato de afugentar a caça é uma de suas ações. A ação só é possível em um processo coletivo agindo sobre a natureza e é a unidade principal da atividade, desencadeada pelo psiquismo humano, o sentido racional para o homem daquilo para que a sua atividade se

orienta. As ações são orientadas à consecução de metas e, a fim de atingi-las, o homem precisa realizar determinadas operações, as quais só são definidas de acordo com as circunstâncias objetivas do contexto. O sujeito tem consciência de que existe uma ligação entre o objeto de uma ação (seu fim) e o gerador da atividade (o motivo). Para atingir seu fim, como sujeito coletivo, o indivíduo precisa executar suas ações, compartilhando os motivos com os demais indivíduos e pressupondo também as ações deles.

Esta parábola mostra como alguns aspectos da atividade humana fazem com que surja a idéia de mente no processo de evolução dos organismos como algo direcionado à sobrevivência. Contudo, neste trabalho, considera-se que tais aspectos podem ser estendidos às demais atividades humanas. Kaptelini (1994) já mostrou formas de se entender a atividade no contexto da interação humana com o objetivo de analisar e produzir ambientes computacionais. Este trabalho pretende entender a atividade no contexto de construção de um espaço virtual na Internet. Para isso, é necessário que se entenda, como diz Kaptelini (1994), que há uma estrutura hierárquica da atividade, ou, como considera Leontiev (1979), que pode haver uma atividade principal, para a qual os indivíduos se direcionam mais explicitamente (caçar, conversar, estudar, tirar dúvidas, ter encontros amorosos) e uma atividade secundária, desenvolvida de uma maneira um pouco mais implícita. A atividade primária e a secundária estão relacionadas uma com a outra e os conceitos descritos na parábola e considerados fundamentais (ação, operação, motivos, fins e colaboração) se aplicam tanto a uma quanto a outra, além dos conceitos já conhecidos e não diretamente referidos: signo, instrumento e mediação.

Em se tratando de Internet, podemos utilizar as noções da teoria de Leontiev e aplicá-las ao âmbito dos ambientes virtuais, através dos quais determinadas atividades são

desenvolvidas mais explicitamente (por exemplo, ir a um chat para tirar dúvidas com o professor e demais alunos) e outras em um nível secundário (se localizar, criar um espaço virtual). Durante estas atividades, os indivíduos desenvolvem determinadas ações onde as atividades cognitivas adquirem contornos coletivos e colaboracionistas, na medida em que o indivíduo só executa suas ações em face da consciência de que "do outro lado" alguém se incumbirá de cumprir a outra parte da atividade. As pessoas realizam, então, suas ações (por exemplo, enviam mensagens) através de operações (digitação da mensagem e clique no botão "inserir mensagem") na expectativa de que o outro envie uma mensagem de resposta para discutir as dúvidas sobre o assunto de uma determinada aula, se for o caso. Esta discussão seria a atividade principal e uma atividade secundária seria a de localizar, encontrar outras pessoas, ou seja, construir um espaço virtual colaborativamente. Os motivos seriam os estudos acadêmicos e o que se quer quando se envia uma mensagem – quando uma ação é realizada, o seu fim – é a resposta para se tirar alguma dúvida que mostra, implicitamente e ao mesmo tempo, que alguém ainda está "lá", naquele espaço virtual. O instrumento é o ambiente virtual com todas as suas características físicas - as janelas, as barras de rolagem, os botões etc -, que no contexto da atividade também se tornam signos utilizados para mediar as ações. Há um signo lingüístico, no caso em questão, que é especial, não só pelo fato de ser o mais utilizado, mas também por demonstrar as ações específicas dos outros: a mensagem textual do chat.

Vê-se, portanto, que essa aplicação da teoria da atividade não mostra que há uma substituição da ênfase no signo pela ação. As ações dos indivíduos são realizadas através de suas mensagens textuais, que são as únicas formas compartilhadas. Pode haver casos nos quais os ambientes possibilitem também o compartilhamento de sons, imagens ou figuras. Contudo, a questão aqui é que a comunicação e a atividade estão intrinsecamente ligadas.

Para Leontiev (1978), atividade e formas de mediação na comunicação estão inter-relacionadas. O autor coloca, porém, que na história da humanidade houve uma precedência da atividade em relação à comunicação. Seguindo o que é afirmado por Engels (2000), Leontiev mostra que a partir do momento que o homem começou a realizar suas atividades em colaboração com os outros, ele sentiu a necessidade de criar não só instrumentos, mas também signos. Depois deste momento e, de acordo com o ponto de vista desta pesquisa, até hoje, a comunicação e a atividade, isto é, os signos e a ação humana estão totalmente inter-relacionados e não é possível compreender um sem compreender o outro. A construção do espaço virtual, neste sentido, sendo uma atividade colaborativa mediada por signos e instrumentos, não prescinde de uma análise que trate da ação de uma maneira totalmente relacionada com o uso de signos lingüísticos. A ação “entrar no espaço virtual”, por exemplo, está totalmente relacionada com mensagens textuais como “cheguei!” ou “estou aqui”. A unidade de análise que trata em conjunto as ações de construção do espaço virtual e a linguagem própria do chat para realizá-las será descrita no capítulo 5. É necessário anteriormente, contudo, que sejam analisadas as peculiaridades da linguagem textual do chat sob a luz de perspectivas lingüísticas que envolvam de alguma maneira as orientações teóricas até aqui esboçadas. Isso será feito adiante, no capítulo 4, ao se tratar dos elementos para a localização no espaço virtual, da sua dinâmica na interação e do papel do contexto, tendo em vista que a linguagem da Internet enfocada neste trabalho está em uma modalidade que não é propriamente fala nem escrita e que isso ocorre pelo fato de haver uma modalidade peculiar, relacionada aos novos instrumentos tecnológicos.

4 LINGUAGEM E ESPAÇO VIRTUAL NA INTERNET

No final do capítulo anterior e na tabela mostrada no mesmo capítulo foi feita referência ao chat como um recurso da Internet que ilustraria uma forma diferenciada de as pessoas se relacionarem com o espaço. O chat seria o resultado de várias transformações nas relações com o espaço, ocasionadas por várias modificações nas atividades humanas, que seriam realizadas através de novos instrumentos e signos. Dentre os signos, as mensagens textuais apresentariam características específicas pelo fato de surgirem em uma fase do psiquismo na qual a atividade seria realizada por meio de instrumentos tecnológicos.

Pela perspectiva aqui adotada, as fases do psiquismo não podem ser consideradas estanques, cada uma tem uma peculiaridade e algo da fase anterior. As transformações entendidas dialeticamente também fazem com que os espaços não sejam entendidos como excludentes e a vivência em um não elimine a experiência em outro, nos moldes que foi tratado no capítulo 2 (ver também leis da dialética no capítulo 3). Portanto, a linguagem utilizada na Internet também precisa ser analisada de uma forma dialética, sem desconsiderar o seu aspecto formal ou material, e, principalmente, sem ser considerada apenas como uma forma de escrita ou fala ou mesmo como uma forma totalmente diferente de linguagem. Suas semelhanças devem ser ressaltadas e suas diferenças devem ser consideradas de uma forma não dicotômica em relação à fala e à escrita.

Além dessas considerações, pelo fato de a linguagem desempenhar um papel fundamental nas relações humanas e mudar a própria maneira de ver a realidade, a ela devem ser explicitados os atributos que a ligam à atividade e ao instrumento. Tal ligação faz com que a linguagem seja aqui estudada não apenas como uma forma de mediação, mas ela em si

também como uma atividade (Koch, 2000). Há várias formas de entender a atividade da linguagem no chat. Em Melo (2003a), por exemplo, verifica-se a linguagem na interface textual como um processo argumentativo. No caso do objeto desta pesquisa, a linguagem do chat é vista como um processo de construção do espaço virtual: as pessoas entram no espaço da Internet através da linguagem e ao mesmo tempo o constroem na linguagem, adotada aqui não apenas como algo a ser entendido pela forma, mas pelas suas características relacionais paralinguísticas e metalinguísticas.

Para Baudrillard (2002) e, semelhantemente, para outros autores discutidos no capítulo 2, a linguagem textual utilizada nos mais diversos instrumentos tecnológicos e na Internet aboliria qualquer juízo de valor, pois eliminaria distâncias e faria com que a excessiva proximidade eliminasse a demonstrabilidade dos acontecimentos. Neste trabalho, sob uma perspectiva psicológica de entendimento da linguagem como uma atividade, nota-se que a linguagem recupera um espaço simbólico no qual a eliminação ou diminuição de suas distâncias só pode ser admitida se for comparada com a distância no espaço físico. No espaço virtual, as questões de distanciamento ou não distanciamento são irrelevantes. Os limites existem, não se pode fazer tudo como, a exemplo de Baudrillard, alguns autores afirmam. Os limites e os alcances existem de acordo com o tipo de recurso, da atividade realizada e da forma como a linguagem vai estruturando o espaço, enfim, de acordo com todo um conjunto de relações.

Entra-se, trafega-se e constrói-se um espaço na Internet por meio de certas marcas de localização da linguagem (que podem ter um uso semelhante ou não ao da fala ou da escrita mais tradicionais), através de sua dinâmica própria de transformação (entendida dialeticamente) e em uma relação com outros fatores não contemplados pela linguagem em si

(o contexto). Tais questões, além da relação da linguagem utilizada na Internet (especialmente nos chats) com a fala e a escrita, serão discutidas a seguir.

4.1 FALA, ESCRITA E LINGUAGEM DOS CHATS

A principal razão de se tratar da fala e da escrita e de relacioná-las com as linguagens da Internet neste trabalho é entender a associação entre linguagem e construção do espaço.

Algumas considerações importantes de Vygotsky (Vigotski, 2001; Vygotsky, 1998) fundamentam o papel da fala, diferenciando-a da escrita e colocando no meio termo a linguagem interior. Pode-se observar, inclusive, as relações que o autor faz da linguagem com o espaço.

Vygotsky entende que desde o momento em que o ser humano se insere na cultura, ou seja, quando internaliza os signos lingüísticos, ele começa a ter uma percepção do espaço não só a partir da visão, mas também da fala. Tal fato mostra que as crianças passam a ter, em um determinado momento, uma percepção verbalizada, na qual não só objetos são descritos e manipulados, como também o próprio comportamento da criança é controlado em relação aos objetos. O espaço é formado a partir de relações efetuadas por intermédio da linguagem. Depois de algum tempo, a descrição e a manipulação do espaço são feitas por uma linguagem interior, silenciada. Esta linguagem, no adulto, apresenta características específicas pelo fato de ter uma estrutura diferente da linguagem falada. Silenciosamente, nós não estruturamos orações como assim fazemos na relação comunicativa com os outros.

Na escrita, esta estruturação torna-se ainda mais elaborada e há um ganho de prolixidade. Essas diferenças, segundo Vygotsky, ocorrem devido à relação de proximidade com o interlocutor. Na linguagem interior não há necessidade de se nomear o sujeito para o comunicar a outra pessoa e, assim, ocorre um domínio da predicatividade. Na fala com o outro, é preciso nomear o sujeito, para que o outro fique a par do que se está falando. Na escrita, são utilizados alguns recursos adicionais, pois, além de se estar falando com um outro, não se está compartilhando com ele o mesmo tempo e espaço.

Das conclusões tiradas por Vygotsky, duas são bastante importantes para o nosso estudo. A primeira, é que a sua análise mostra que a **mudança funcional do discurso leva à mudança de sua estrutura**. A segunda, é que as suas experiências mostram que **o pensamento não se exprime apenas em palavras, mas nelas se realiza**.

Apesar da ênfase de Vygotsky (Vigotski, 1996a; Vigotski, 2001) nos estudos da fala, é importante entender que a fala é estudada por ele como um signo de mediação da atividade humana e que também estrutura esta atividade, e não simplesmente como um signo que tem valores maiores ou menores do que a escrita ou mesmo os gestos. Em Vygotsky (1998), o autor chega a falar da origem da escrita como também proveniente de movimentos gestuais. Por exemplo, as linhas de indicação e os rabiscos são originados, respectivamente, do dedo indicador e do movimento da mão com o lápis, este simulando o movimento do objeto que se rabisca. Tal fato reforça a idéia de que é necessário definir qual é o papel real dos signos na Internet ou, mais especificamente no chat, sem cair na atitude de querer classificar estes signos como uma fala, uma escrita, uma forma híbrida ou qualquer outra modalidade, mas essencialmente como elementos relacionados à construção de um espaço virtual.

Vários autores falam dos signos lingüísticos e das relações que têm entre si suas modalidades. Kato (1996) define leitura e escrita como sendo essencialmente atividades de comunicação verbal, passíveis de serem analisadas sob o mesmo tratamento funcionalista dado à fala e diz que não se pode fugir do fato de que os trabalhos de leitura e escrita extraem muitas de suas hipóteses daquelas dos estudos de compreensão oral e produção da fala. Olson (1997) traça um retrato da fala como anterior à escrita e destaca a escrita e outros “artefatos” como os mapas, tendo um papel fundamental de representação do mundo: as pessoas viveriam não só em um mundo, mas em um mundo tal como é representado pelos artefatos. Lévy (1996) fala do papel da oralidade primária (existente antes do início da escrita) e do surgimento da escrita, até chegar à informática. O autor diz que tecnologias intelectuais “antigas” tiveram e têm um papel fundamental no estabelecimento dos referenciais intelectuais e espaço-temporais das sociedades humanas, de tal forma que nenhum tipo de conhecimento seria independente do uso de tecnologias intelectuais. O autor ainda diz:

A escrita foi inventada diversas vezes e separadamente nas grandes civilizações agrícolas da Antiguidade. Reproduz, no domínio da comunicação, a relação com o tempo e o espaço que a agricultura havia introduzido na ordem da subsistência alimentar. O escriba cava sinais na argila de sua tabuinha assim como o trabalhador cava sulcos no barro de seu campo. É a mesma terra, são instrumentos de madeira parecidos, a enxada primitiva e o cálamo distinguindo-se quase que apenas pelo tamanho. O Nilo banha com a mesma água a cevada e o papiro. Nossa página vem do latim pagus, que significa o campo do agricultor. (As tecnologias da inteligência – o futuro do pensamento na era da informática, p. 88)

Pierre Lévy (1996) dá à escrita um papel de destaque como uma memória que poderia ser estocada, consultada e comparada, possibilitando “uma verdade independente dos sujeitos que a comunicam”, já que “pela primeira vez” os discursos poderiam ser separados das

circunstâncias particulares em que foram produzidos. Ele ainda afirma que a filosofia ou a racionalidade não são explicadas pela escrita, mas que esta condiciona a existência daquelas formas de pensamento, ou seja, que a escrita não é uma condição suficiente, embora seja necessária ao “projeto racionalista”. Por sua vez, para o autor, a informática se diferenciaria da escrita por não reduplicar a inscrição sobre o território, servindo à mobilização permanente dos homens e das coisas. Haveria um novo nomadismo, não mais o das sociedades com oralidade primária, mas aquele proporcionado pelo computador e pelo avanço nas telecomunicações, com uma nova reabsorção espaço-temporal da sociedade, uma nova maneira de tratar o espaço em volta das pessoas.

Este trabalho considera que há diferenças e semelhanças entre fala e escrita, mas que não é necessário assumir que na Internet há, preponderantemente, uma ou outra, em prol da investigação do espaço virtual. Entende-se, inclusive de acordo com o que é colocado por Lévy (1996), que nas sociedades orais primárias havia formas de o narrador adaptar sua narrativa em circunstâncias de enunciação bem diferenciadas das que surgiram com a escrita e com os instrumentos tecnológicos de informação e comunicação. Havelock (1995) reforça a idéia de que constitui um erro polarizar cultura e escrita, vendo-as como mutuamente exclusivas. O autor traça o caminho histórico da escrita, mostra os vários tipos que existiram, destaca o papel do alfabeto grego na escrita contemporânea e afirma que McLuhan fez uma avaliação negativa da imprensa comparada à mídia eletrônica, embora ainda diga o seguinte:

(...) essa realização epigráfica ocupou apenas um breve momento na linha evolutiva! O ser humano natural não é escritor ou leitor, mas falante e ouvinte. Isto é tão válido para nós quanto foi há sete mil anos. A cultura escrita, em qualquer estágio de seu desenvolvimento e em termos do tempo evolutivo, é mera “presunção”, um exercício artificial, um produto da

cultura, não da natureza, imposto ao homem natural. (Cultura escrita e oralidade, p. 27)

Neste trabalho, é fundamental entender que fala, escrita e qualquer forma da linguagem humana estão relacionadas com a atividade que é realizada, no sentido que foi explorado no capítulo anterior. A própria linguagem pode ser entendida como uma atividade ao notarmos os vários pressupostos compartilhados que existem no desenvolvimento do discurso. Neste sentido, Koch (2000) esclarece que visões da linguagem como código, ferramenta ou atividade têm prevalência, de acordo com o fundamento teórico que as embasa. Os aspectos sócio-comunicativos, supra e paralinguísticos estariam então altamente relacionados e seriam fundamentais para se entender a linguagem como atividade.

Este trabalho não considera que o ser humano é em sua essência escritor e nem “falante ou ouvinte” como é colocado na citação anterior, mas vê que a linguagem voltada para a realização de uma atividade e esta, como molde para a linguagem, fazem com que o processo interativo humano aconteça. Muito menos se consideraria aqui que os instrumentos em si seriam o determinante no desenvolvimento da linguagem. Por exemplo, Halliday (1985) diz que, com os processadores de texto, a distância entre fala e escrita seria eliminada. Tal afirmação não condiz com o fato de que, no editor empregado neste trabalho, determinados sinais de concordância normativa culta são imediatamente apontados ou corrigidos, considerando que o autor queria falar de um formalismo menor da escrita com o uso de instrumentos tecnológicos. Na verdade, o problema principal de uma afirmação deste tipo é a sua dicotomia, isto é, o uso de categorias de maneira excludente. Crystal (2001) também coloca de forma um tanto determinista, ao falar dos recursos em geral da Internet, que há uma nova linguagem, por algumas vezes “bizarra”, “semi-alfabética”, “mais semiótica do que outras” etc. O que se advoga aqui é que formalismos e informalidades ocorrem na fala e na

escrita. Dialeticamente falando, as afirmações dos autores citados perdem de vista o aspecto interdependente das categorias a serem utilizadas em um estudo de práticas textuais e a totalidade dos recursos da Internet, onde um recurso tem a sua peculiaridade, mas não a preponderância sobre o uso de instrumentos como um todo. Tal fato foi abordado em maiores detalhes no capítulo 3, no qual é mostrado também que para determinado estudo pode ser determinada uma ou outra categoria, dependendo do que se queira investigar.

Em termos de análise da escrita, é esclarecedor o fato de que Chartier (2001) aponta que diferentes categorias podem servir para diferentes análises. Ele mesmo usa um modelo baseado em disciplina e invenção e outro modelo baseado em distinção e divulgação para o estudo sócio-cultural na história da escrita, de forma a estabelecer “relações dinâmicas e fenômenos que se desenvolvem de maneira dialética”. Em outras palavras, as categorias não são propriedades intrínsecas ao objeto, mas atributos relacionados ao que se deseja fazer na pesquisa.

Para este trabalho, faz-se necessária uma abordagem que entenda categorias que podem ser vistas como contrárias por um lado, mas interdependentes por outro lado. De acordo com Marcuschi (1995), podemos considerar ainda mais essas relações de proximidade entre fala e escrita. O autor entende que fala e escrita não são sistemas discretos, mas obedecem a um contínuo. Um sermão, por exemplo, apesar de ser falado, tem características que não são da fala do dia-a-dia porque são lidos. Uma carta pessoal, por sua vez, apresenta muitas características da fala devido à familiaridade que têm destinatário e remetente. Na Internet, especificamente no chat, temos algo que, por um lado pode ser considerado como fala e, por outro, como escrita. As pessoas efetivamente digitam (escrevem) suas mensagens

textuais no chat, mas também colocam ou simulam nos seus textos hesitações, pausas, estados emocionais através de figuras criadas com caracteres etc.

O que importa, portanto, não é entender a escrita, a fala ou a ocorrência delas na Internet, mas como os textos circulam em cada tipo de uso de um determinado recurso. Marcuschi (1995, 2001, 2002) trabalha com esta idéia e mostra que o texto está nas práticas humanas e nas relações sociais transformando-se todo tempo e já aponta algumas questões novas a serem refletidas sobre os textos que circulam através da tecnologia digital. Estas transformações ocorrem tanto da fala para a escrita quanto da escrita para a fala, como também entre práticas dentro da escrita ou da fala. Lévy (1997) afirma que o texto é um objeto virtual e abstrato que se atualiza em múltiplas versões, traduções, interpretações, edições, exemplares e cópias. Na passagem oral do recado de uma pessoa para outra há alguma modificação no texto. No suporte escrito, pode haver uma série de atualizações, pois ele não é estanque como se poderia pensar, mesmo levando em consideração o que Lévy (1997) diz sobre a permanência de um texto em um objeto: “o texto inicial está lá, preto no branco, já realizado integralmente”.

Neste trabalho, entende-se que a afirmação anterior só vale para o texto que está inscrito em um objeto e que não seja conhecido. Quando um texto está sendo enunciado e ouvido ou lido, qualquer um dos participantes é um elemento ativo na atividade e, por conseguinte, o texto muda. Bakhtin (1992) trata em detalhes este aspecto, o qual será mais explorado na seção adiante que trata da dinâmica interacional nos chats. Por hora, é importante saber que as mudanças textuais podem ocorrer de duas formas: através da linha de mensagens que é exclusivamente vista pelo emissor (por meio de correções efetuadas através da digitação e do apagamento de caracteres) e através do que é visto na tela e compartilhado

por todos os participantes (por meio de correções efetuadas através de termos como “isto é”, “quero dizer”, “em outras palavras” etc).

Portanto, qualquer mensagem que é ouvida ou lida já começa a ser transformada pelos indivíduos participantes. Isso não poderia ser diferente no chat. A criação do espaço virtual neste recurso se dá no uso engajado, mútuo, compartilhado e ativo (para todos os participantes) das formas de utilização do ambiente virtual (vide capítulo 3, seção 3.5), sejam elas o envio de uma mensagem, o uso de formas previamente dispostas no ambiente, o encadeamento de mensagens ou a utilização em conjunto com os textos de sons, figuras ou vídeo. Enfim, a criação do espaço virtual no chat se dá em um conjunto característico de práticas textuais e não propriamente no uso planejado da fala ou da escrita.

As práticas textuais referidas estão totalmente voltadas para a interação humana e, conseqüentemente, para determinadas práticas lingüísticas. Crystal (2001) diz que a Internet tem, inclusive, um impacto maior nos modos de interação lingüística do que na tecnologia em si. Este aspecto reflete um fato que diz respeito ao modo como a tecnologia está associada à interação humana ou, antes disso, à distância que existe entre a concepção de um recurso e os seus reais usos que, na verdade, são o que deve ser analisado. A respeito disso, referindo-se especificamente a alguns tipos de chat, Marcuschi (2002) diz:

Nos bate-papos virtuais abertos são construídas identidades sociais muito diversas do que nas conversações face a face. Este aspecto não está no controle de nenhum engenheiro de software. O engenheiro pode, quando muito, controlar a ferramenta conceitual, mas não os usos e muito menos os usuários. Isto significa que os usos não podem ser controlados em toda sua extensão pelo sistema. Assim também ocorre com as línguas naturais de modo geral. (...) no caso dos usos de softwares interativos, que fundam usos

resultantes em gêneros textuais, as projeções dos engenheiros são ainda mais fracas. A rigidez do programa fica por conta de sua característica formulaica, já que em última análise todos os gêneros produzidos no contexto da mídia virtual têm um sabor de formulários mais ou menos discursivos e não de múltipla escolha. (Gêneros textuais emergentes e atividades lingüísticas no contexto da tecnologia digital, p. 9)

Não se afirma neste trabalho que há uma rigidez “formulaica”, pelo fato de se observar que os programas de computador estão hoje em um estágio evolutivo que os faz tornarem-se muito mais flexíveis. A partir da última afirmação, todavia, reforça-se a idéia do porquê este trabalho não está interessado em captar a linguagem no chat como uma fala, uma escrita ou mesmo como uma forma híbrida de linguagem. O importante é entender como a linguagem analisada está associada ao conjunto de atributos de uma atividade que faz engendrar um espaço virtual, ou seja, também é necessário entender a criação do espaço virtual como uma atividade lingüística. A idéia de “gêneros produzidos”, colocada na citação anterior, está ligada ao desenvolvimento da língua, segundo o que é referido em Bakhtin (1992). Este autor diz, por exemplo, que gêneros literários, ideológicos ou científicos são mutuamente marcados por gêneros de reuniões sociais e da linguagem cotidiana. Do mesmo modo que se entende que um gênero tecnológico está marcado pelo que se faz com a tecnologia, a linguagem de chat está mutuamente marcada pelo que se faz nesse recurso. Partindo deste pressuposto, a afirmação abaixo de Marcuschi (2001) traz três pontos a serem relacionados com o objeto desta pesquisa:

Veja-se hoje a questão tão discutida das comunicações escritas ditas “síncronas”, ou seja, em tempo real pela Internet, produzidas nos famosos bate-papos. Temos aqui um modo de comunicação com características típicas da oralidade e da escrita, constituindo-se, esse gênero comunicativo, como um texto misto situado no entrecruzamento de fala e escrita. Assim, algumas

das propriedades até há pouco atribuídas com exclusividade à fala, tal como a simultaneidade temporal, já são tecnologicamente possíveis na prática da escrita à distância, com o uso do computador. Este “escrever” tem até uma designação própria: “teclar”; tal é a consciência da “novidade”. No meu entender, a mudança mais notável aqui não diz respeito às formas textuais em si, mas sim à nossa relação com a escrita. Escrever pelo computador no contexto da produção discursiva dos bate-papos síncronos (on-line) é uma nova forma de nos relacionarmos com a escrita, mas não propriamente uma nova forma de escrita. (Da fala para a escrita – atividades de retextualização, p. 18)

O primeiro ponto da citação a ser relacionado com o objeto desta pesquisa é o da sincronia. O chat ou bate-papo, como é referido acima, apresenta uma característica que o torna peculiar no sentido de como as transformações no espaço são desenvolvidas. O fato de a comunicação ocorrer em tempo real não significa que seja exatamente igual à da fala. Alguns autores (Campelo, 2000; Parrish, <http://www.polisci.wisc.edu/~rdparrish/Chat%20Rooms%20for%20Web%20Site.htm>; Cicognani, <http://www.arch.usyd.edu.au/~anna/papers/caadf97.html>; Souza, 2001; Fonseca, 2001) ressaltam este aspecto ao falarem que a sincronia não implica em uma ordem como o da fala, além de em todas as experiências realizadas nesta pesquisa este fato ter se confirmado. Em outras palavras, pelo fato de poder haver simultaneidade no processo de construção do espaço (alguém pode estar escrevendo uma mensagem ao mesmo tempo em que outro), algumas mensagens poderão parecer desordenadas; por exemplo, uma resposta pode parecer não ter nenhuma relação com uma pergunta anterior no modo como a seqüência é mostrada na tela. Contudo, apesar de este fato ser constatado, observa-se neste trabalho que os indivíduos dão prosseguimento ao seu processo de comunicação, referindo-se aos outros, como supostamente estando “lá”, naquele espaço virtual, sem que haja desentendimento. Mais

do que fala ou escrita, há práticas engendradas por um processo altamente relacionado com os instrumentos e signos dos ambientes. Esta questão será mais discutida na seção 4.3.

O segundo ponto é o da distância física, que não parece ser um aspecto tão relevante quanto o do próprio uso dos instrumentos e signos. Em experiência realizada em um determinado momento desta pesquisa pôde-se observar um fato interessante que corrobora a afirmação anterior. Foi observado em um dos usos do Ambiente Virtus, vários alunos em uma mesma sala de aula testando o mesmo chat. Todos eles utilizavam mensagens como “onde está X?”, “X já foi embora?” etc, se referindo a X como alguém que estava na sala (fisicamente), mas sem fazer qualquer confusão com o X que estaria ou não no espaço simbólico. Verifica-se, nesses casos, que há uma forte tendência para se admitir que há não uma prática de escrita à distância, mas uma prática de formas de mediação, independentemente de o recurso ter sido feito para um uso à distância.

O terceiro ponto é o das designações próprias, do tipo de “escrever” que surge na Internet em um recurso como o chat. O termo “teclar” pode mostrar como as práticas textuais forjam um espaço virtual. Em uma das experiências, deparei-me em um dos ambientes do mIRC com a mensagem “vamos teclar?”. No momento não se tinha conhecimento do que isso significava, mas, com a prática, descobri que significava algo como “vamos conversar?”. Algum tempo depois, foi descoberta uma variante do termo teclar, muito usada nos ambientes: “tc”. Nesta pesquisa, nota-se que novas designações, especialmente no chat, possibilitam uma maneira própria de lidar com o espaço virtual. O termo “teclar” pode ser entendido como o pedido de concessão para a abertura de um espaço virtual e até de sua manutenção por um determinado tempo (normalmente, é óbvio que não se requer uma conversa com apenas uma pergunta e uma resposta). A atividade secundária de localização

(construção do espaço) está subentendida nas práticas de uso do chat, como foi falado na seção 3.5. O neófito que não conhece práticas de designações específicas pode causar uma tensão na abertura do espaço ou mesmo a falta de comprometimento para sua manutenção.

Todos os pontos ressaltados enfatizam que no chat o que mais importa analisar, principalmente para o objeto desta pesquisa, não é uma escrita em si, uma fala em si ou mesmo uma prática específica de fala ou escrita a distância. O que mais importa é entender como a forma de comunicação contribui para a formação do espaço virtual, seja ela baseada na escrita ou na fala. Tanto isso ocorre que, a exemplo de Jonsson (<http://www.ludd.luth.se/users/jonsson/D-essay/ElectronicDiscourse.html>), este trabalho evita analisar o chat como uma fala escrita ou uma escrita falada, pois tal atitude representaria o enfoque de uma modalidade, embora inserida em outra. Embora métodos tradicionais de análise da linguagem sejam inspiradores para este trabalho, o fato de eles serem utilizados não incorre em adotar uma posição que afirme que no chat há fala ou escrita, mas de tratar a linguagem como elemento estruturador (embora não deixe de ser mediador) da atividade humana, seja ela a caça, um encontro no shopping ou a construção de um espaço virtual na Internet.

Como foi falado no início desta seção em referência a Vygotsky, a mudança funcional do discurso leva a uma mudança de sua estrutura e isso deve ser considerado (da fala para a escrita, da fala para a fala interior, de uma escrita para outra, de uma sala de aula para um chat etc.) Além disso, o fato de o pensamento não simplesmente se expressar em palavras, mas nelas realizar-se, como também foi falado no início desta seção, ganha uma força acentuada quando se trata de chats, não só por tudo que foi falado anteriormente, mas também e principalmente pelo fato de, no chat, os signos lingüísticos do recurso serem os únicos

elementos compartilhados. De acordo com a postura aqui assumida, os termos próprios de localização ou construção do espaço virtual (os signos lingüísticos com esse fim) serão discutidos a seguir.

4.2 MARCADORES ESPAÇO-VIRTUAIS

Mensagens textuais

A partir de agora, serão denominados marcadores espaço-virtuais todos os signos lingüísticos de localização ou construção do espaço virtual no chat. Os marcadores espaço-virtuais por excelência são as mensagens do chat compartilhadas no ambiente virtual. Estas mensagens designam que alguém está em um chat e, na maior parte das vezes, vêm antecedidas com um termo ao lado, que mostra quem é a pessoa que está no espaço. Geralmente, este termo é um apelido, chamado de *nickname*, que é declarado pela pessoa que envia a mensagem, antes de “entrar” no chat. As pessoas podem colocar qualquer nome no *nickname*. Deste modo, é nítido observar que o espaço virtual, construído interacionalmente, prescinde do fato de o nome ser verdadeiro ou não. Vendo a teoria da atividade em relação ao chat, nota-se que o que é efetivamente compartilhado é o que importa e, neste caso, o compartilhamento é feito eminentemente pelas mensagens textuais. O que vale, então, é o sujeito construído e não efetivamente o que “está do outro lado”. Informações adicionais, nos mais variados formatos, podem existir no chat e ser utilizadas em conjunto com a mensagem (figuras, sons, imagens ou vídeo). Além disso, há modos próprios de enviar a mensagem para cada ambiente: por exemplo, um texto pronto do sistema, que pode provocar ou não uma mudança no compartilhamento (para menos ou mais pessoas) e, conseqüentemente, no espaço virtual.

O que importa saber no momento é que as mensagens, em conjunto com as informações adicionais e os seus modos de enviar, indicam que alguém está no espaço e podem ainda vir explicitadas pelo próprio autor que quem a enviou está no espaço virtual, bem como fazer referência a outras pessoas neste mesmo espaço. Como o texto da mensagem de chat do usuário pode ser feito de várias maneiras, dependendo de como o usuário o escreva e de como interaja com os outros, faz-se necessário não só compreender que a mensagem textual é o elemento por excelência de marcação espaço-virtual, como também investigar determinados elementos utilizados pelos usuários dentro da mensagem textual.

Dêiticos e elementos com função dêitica

Os elementos utilizados pelos usuários em suas mensagens textuais e referidos no último parágrafo são os dêiticos e os elementos com função dêitica. Os dêiticos, ou dêixis (palavra que significa “indicar”, “mostrar”) de acordo com Bluhdorn (1995), são elementos indexicais que nem tanto representam, mas sim indicam (mostram) seus referentes dentro da situação comunicativa. Os exemplos mais comuns de dêiticos são “eu”, “aqui” e “agora”.

O uso de dêiticos possibilita uma menor explicitação de outros elementos discursivos e o falante tem que pressupor que as respectivas informações já estão à disposição do interlocutor. Blühdorn (1995) diz que quem fala sobre um objeto através de dêiticos, já deixa codificadas quatro tipos de informações (a identidade do objeto, sua quantidade, categoria e nome). Em um sessão de chat, se é utilizado o termo “eu”, por exemplo, já estão associadas à pessoa que emitiu a expressão as informações correspondes ao seu nome (geralmente o *nickname*), a quantidade de pessoas (1), a categoria do objeto (pessoal ou pronominal) e a sua

identidade (aquela pessoa já conhecida antes do chat ou aquela sobre a qual se constrói uma idéia pelo que ela havia emitido anteriormente na sessão). Tais informações, codificadas ou implícitas, devem ser levadas em consideração na análise do espaço virtual.

Alguns elementos dêiticos permitem um uso não dêitico (“este”, “aquele”) e, além de palavras, vários meios gramaticais podem funcionar como dêiticos (tempos e modos verbais). Este fato é de suma importância para este trabalho, pois o foco não é tanto entender a linguagem usada no chat para construção do espaço virtual, mas as estratégias ou as funções psicológicas utilizadas para a formação deste espaço. Assim, nota-se que, na análise, tanto quanto os elementos dêiticos propriamente ditos, são importantes os elementos com função dêitica. Apothéloz (2003) diz que um exemplo que comprova este fato é o de que pode ser encontrada uma lista de pares de expressões com o mesmo significado em muitas línguas, sendo uma expressão dêitica e a outra, não. Por exemplo, “hoje” e “naquele dia”, “agora” e “então”, “amanhã” e “no dia seguinte”, “ontem” e “na véspera”, “próximo” e “pouco depois”, “daqui a pouco” e “em seguida”, sendo a segunda expressão do par o elemento não dêitico (algo mais estritamente uma catáfora ou anáfora do que um dêitico), ou seja, um elemento que faz referência a elementos posteriores ou antecedentes.

Aliás, a noção de antecedentes é crucial para este trabalho. A referência ao espaço virtual é feita dentro de uma dinâmica interacional na qual muitas referências podem ser subentendidas no desenrolar desta interação sem uma referência explícita a um elemento do discurso. Por exemplo, se é vista na tela uma mensagem como “cheguei”, subentende-se que a pessoa chegou no espaço virtual, embora não se estivesse falando explicitamente sobre isso em nenhum momento do discurso. O próprio verbo “chegar” induz a uma referência dêitica implícita, adquirindo, portanto, uma função dêitica.

Com o uso de dêiticos, há sempre uma relação e um ponto de referência. Apenas a relação tem que ser obrigatoriamente explicitada. Por exemplo, na frase “Amanhã João estará de volta”, a relação pode ser entendida como distância, rumo para frente, e o ponto de referência é um ponto já disponível, se tem amanhã é porque tem o hoje, o agora. Apothéloz (2003) diz que se deve rejeitar com vigor a formulação segundo a qual um anafórico “se refere ao seu antecedente”. O autor descreve o seguinte exemplo: “Um jovem suspeito de ter desviado uma linha telefônica foi interrogado há alguns dias pela polícia em Paris. Ele ‘utilizou’ a linha de seus vizinhos para ligar para os Estados Unidos por uma quantia de 50000F. *O tagarela* foi levado ao tribunal”. Este exemplo é duplamente interessante pelo fato de, além da retomada do referente (um jovem) ser feita por diversos predicados na seqüência (ter desviado, ter utilizado a linha dos vizinhos), haver a intervenção de conhecimento em um pano de fundo de inferências (a idéia de que 50000F na fatura de telefone corresponde a muitas horas de comunicação). Passando este exemplo para o pano de fundo da atividade de construção do espaço virtual no chat, observam-se situações semelhantes. Em um dos chats do Virtus, depois de várias pessoas entrarem na sala, leu-se a seguinte mensagem “pessoal, vamos esperar o pessoal chegar”. As duas referências “pessoal” não se confundem nem são mencionadas anteriormente. A primeira referência é feita, obviamente, ao pessoal que “já está na sala”. A segunda, é feita às pessoas que ainda iriam chegar e isso foi necessariamente assim interpretado pelo fato de se ter no pano de fundo da atividade de construção do espaço o conhecimento de quantas pessoas iriam participar do encontro.

Funcionamento implícito e explícito dos marcadores espaço-virtuais e relações espaço-tempo-discurso

As interpretações dos elementos dêiticos interagem com a estrutura informacional do texto. Nos recursos textuais da Internet, pode-se ver, constantemente, mensagens que se referem a outras mensagens de uma forma implícita ou explícita. Assim, pode-se referir a pessoas, ao tempo ou ao espaço, se referindo sempre ao discurso. Os dêiticos discursivos, pelo menos como observados nas interfaces textuais, parecem englobar os dêiticos temporais, espaciais e pronominais. Fillmore (1997) refere-se aos dêiticos discursivos como estando relacionados “à escolha de elementos lexicais ou gramaticais que indicam ou também se referem uma porção ou um aspecto do discurso em andamento”.

Há uma estreita relação do tempo decorrido com o espaço do discurso, como tem sido referido neste trabalho. Marcuschi (1996) diz que, levando em consideração o que é discutido sobre dêiticos discursivos, pode-se dizer “o parágrafo seguinte” do mesmo modo que se diz “o dia seguinte”. Os dêiticos discursivos têm mais a função de direcionar focos de atenção do que preservar a continuidade do texto. Sobre as relações entre espaço-tempo e os dêiticos discursivos dentro do texto, Marcuschi (1996) diz o seguinte:

(...) o texto é concebido como uma realidade linearizada e o ponto de referência é sempre aquele onde o autor/falante “está”. Certamente, isto mostra que o texto é um espaço em que as coisas estão distribuídas e situadas (essas coisas são as proposições, os conteúdos etc) de maneira que o texto é uma espécie de recipiente ao mesmo tempo real e virtual. Por outro lado, o texto é também um tempo, seja ele o tempo da ação do produtor (“depois eu falarei sobre isso”) ou do leitor (“como você viu no início de sua leitura”) ou do conteúdo (“aqui não cabe outra posição”). A dêixis discursiva obriga que tenhamos uma noção clara de texto e discurso. (A Dêixis discursiva como estratégia de monitoração cognitiva, p. 3)

De acordo com Fillmore (1997), os dêíticos podem ser definidos também como os nomes dados para aquelas propriedades formais dos enunciados, as quais são determinadas e interpretadas por certos aspectos do ato de comunicação no qual os enunciados em questão tomam parte. Esses aspectos incluem:

- a identidade de interlocutores em uma situação de comunicação, coberta pelo termo **dêixis de pessoa**, que inclui os dêíticos pronominais e sociais;
- os locais nos quais os indivíduos estão, para os quais nós temos uma **dêixis de lugar**;
- o tempo no qual o ato de comunicação é realizado, para o qual há uma **dêixis de tempo**; e
- a matriz do material lingüístico, relacionada às partes precedentes e seguintes do discurso, **as dêixis de discurso**.

A priori, as dêixis que interessariam a esta pesquisa seriam as dêixis de lugar ou, denominadas de outra forma, os dêíticos espaciais. Contudo, como vimos anteriormente, de acordo com as considerações de Marcuschi (1996), os dêíticos discursivos parecem englobar os dêíticos temporais, espaciais e pronominais (dêíticos de pessoa). É notável como este fato ocorre em interfaces textuais de ambientes de chat. Na interface, há um texto construído conjuntamente pelos participantes. As referências dêíticas são baseadas na interface textual e este é o único elemento que os indivíduos compartilham no desenvolvimento da conversação – como também vimos anteriormente. Assim, as referências de pessoa, espaciais e temporais só podem ser baseadas no texto discursivo. Semelhantemente ao que aponta Marcuschi (1996) em relação aos dêíticos temporais, espaciais e discursivos, pode-se, no texto do chat, se referir a um ponto de marcação como sendo uma pessoa (“pedro chegou! olhe a linha acima!), um lugar (“estou aqui!”) ou um tempo (“ele disse isso algumas linhas atrás”). Enfim, todas as

dêixis podem ser entendidas como discursivas e mesmo as de pessoa e tempo podem localizar ou indicar alguém no espaço virtual. Dizer que alguém chegou e apontar uma linha é mostrar uma indicação (apontar uma dêixis, para dizer que alguém está ou esteve “lá”, naquele espaço). Dizer “estou aqui” é uma referência explícita de que a pessoa está no espaço virtual. Dizer que alguém disse alguma coisa e que isso aconteceu algumas linhas atrás é mostrar uma indicação (apontar uma dêixis) para dizer que alguém esteve ou está “lá”, naquele espaço.

Em Jarvela (1982), Fillmore discute as funções das expressões de localização relacionadas às dêixis. Estas funções são as seguintes:

de informação – o falante ou emissor deixa o ouvinte ou receptor saber que uma figura ou objeto particular está em um local particular (“A sombrinha está no chão da cozinha.”). Em termos de chat e de formação espaço-virtual, um exemplo seria o do uso que normalmente ocorre em ambientes com muitos canais (salas), nos quais os indivíduos têm a possibilidade de entrar em mais de um desses canais. Apareceram, então, nas observações deste trabalho, mensagens do seguinte tipo: “X está na sala A”.

de identificação – o falante ou emissor deixa o ouvinte ou receptor saber qual dos objetos possíveis está sendo mencionado e faz isso atribuindo uma habilidade, do ouvinte ou receptor, de associar um objeto com um lugar (“Tragam-me a cadeira que está na cozinha.”). Em relação aos chats, foram observadas mensagens do seguinte tipo: “...as pessoas que estão nesta sala...”

de conhecimento ou pressuposição – pressupõe-se o lugar com o qual o objeto é associado. Neste caso, o falante ou emissor assume que o ouvinte conhece,

independentemente de qualquer informação provida pela expressão, ambos o objeto que o falante tem em mente e o lugar no qual o objeto está localizado (“Tire aquele animal da cozinha.”, “Quem pode olhar para este rosto e não sorrir?”). Foram observadas situações deste tipo nos chats, nas quais se fazia referência às pessoas que estavam no espaço virtual, com uma associação a elementos da interface do ambiente. Por exemplo: “olhe para cima e veja quem chegou”. Exemplos deste tipo se mostram particulares pelo fato de haver, além de um compartilhamento de pressuposições sobre o referido e o “lugar”, também um compartilhamento de pressuposições de funcionamento do ambiente. Em outras palavras, a atividade de construção do espaço virtual utiliza-se da pressuposição de que “o outro” sabe usar o recurso para que determinados fins sejam atingidos. O fato de “olhar para cima e ver quem chegou” supõe saber onde as mensagens se situam e até mesmo que o uso de mecanismos como o da barra de rolagem da interface permite ver mensagens anteriores.

Emoticons e acrônimos

Há sinais de uso específico nas mensagens textuais dos recursos da Internet. São eles os *emoticons* e os acrônimos. Em alguns autores (Setzer, 1996; Sobral, 1999; Tajra, 1998) são observadas referências aos *emoticons* e aos acrônimos em situações gerais e de ensino a distância. Em Ferreira (<http://www.eq.uc.pt/~jorge/aulas/internet/ti-chats.html>), Vieira (http://www.terravista.pt/clubes/ficha_noticia.php?subtheme_id=21&news_id=1050), no site de glossário de termos da Internet http://www.atica.com.br/internet/glossario_a.htm e no site chatmania em <http://chatmania.ubbi.com.br/iniciantes.php> são mostrados e exemplificados os usos gerais dos *emoticons* e dos acrônimos. Com base nos autores e sites citados, é feita a seguinte discussão com o intuito de entender como os sinais dos *emoticons* e dos acrônimos estão relacionados com o espaço virtual.

Os *emoticons* são uma série de combinações de caracteres especiais utilizados para passar emoção ou o tom desejado de uma conversa. Por exemplo, :--(indica desacordo ou tristeza, ;-)) mostra uma piscada de olho, :-o quer dizer espanto e :'-(indica choro. A maneira como as emoções e tons são passados está representada em sua maioria na forma de “carinhas” de lado. Veja que :--(é uma “carinha” de tristeza. Os emoticons não abrem, modificam ou fecham o espaço virtual propriamente, mas acompanham a sua construção. Por exemplo, uma mensagem de “tchau” pode vir acompanhada do sinal ;-)) de modo a dar um tom de fechamento para o espaço. A forma como a linguagem escrita é utilizada na Internet parece tentar suprir a ausência das pistas pragmáticas pertinentes a interação face-face. Desse modo, muito do que o indivíduo imagina em relação ao outro (seu ânimo, seu estado de espírito e suas vontades) pode estar diretamente relacionado à forma como os caracteres dos *emoticons* são combinados. O uso desses caracteres de forma equivocada pode levar a criações também equivocadas da outra pessoa com a qual se está interagindo. No chat, a observação da reação do outro está diretamente relacionada ao modo como se imagina este outro, baseando-se na linguagem utilizada.

Os acrônimos são palavras formadas pelas iniciais de outras palavras. Por exemplo, em uma mensagem textual de chats, utilizados para encontros e amizades, é comum a abertura de espaço com o seguinte acrônimo: “h ou m”. Esta forma de abertura é uma pergunta para saber se a pessoa do outro lado é homem ou mulher. Muitos acrônimos derivam de palavras da língua inglesa:

- btw (by the way): aliás, a propósito, etc. Em geral, inicia um novo assunto.
- fyi (for your information): para sua informação.

- imho (in my humble opinion): em minha humilde opinião.
- rofl (rolling on the floor laughing): rolando no chão de tanto rir.
- rtfm (read the f... manual): leia o maldito manual. Usado quando alguém faz uma pergunta considerada estúpida, que já foi respondida e cuja resposta pode ser encontrada em algum documento.

Observa-se que nem todos os acrônimos estão diretamente relacionados à construção do espaço virtual. Os exemplos citados podem dar o tom, como os *emoticons*, mas não mudar o espaço virtual. Há, contudo, acrônimos ligados às práticas de uso dos chats e que indicam a forma como um espaço virtual é constituído: a forma de sair, de sair por um tempo breve, de sair definitivamente etc. Alguns exemplos:

- afk (away from keyboard): longe do teclado. Serve para dizer que o usuário estará ausente da conversa momentaneamente. São exemplos semelhantes: asap (as soon as possible), bbi af (be back in a few), bbl (be back later), bbs (be back soon) e brb (be right back).
- ayt (are you there): você está aí?
- bak (back at keyboard): estou de volta ao teclado. Há ainda a forma semelhante bay (back at you).
- wb (welcome back): bem-vindo de volta.
- cul8r (c=see, u=you, l8r=later, see you later): até mais, te vejo mais tarde, até logo. Há a forma mais abreviada cul (see you later) e a forma ainda mais abreviada cu (see you).

O último exemplo citado é de particular importância devido à experiência pela qual passei. Em uma situação de finalização de uma conversa em chat da UOL, deparei-me com a mensagem “cul”. Pelo fato de ainda ser neófito no chat, e não entender a mensagem, continuei a fazer perguntas e esperar respostas do interagente. Tal fato mostra que em práticas específicas de uso dos recursos da Internet um fenômeno como o do espaço virtual pode se desenvolver de uma ou outra forma, dependendo das expectativas e pressuposições dos participantes. Nesse caso, entendendo-se a construção do espaço de forma colaborativa nos moldes colocados pela teoria da atividade, observou-se uma tensão de construção do espaço virtual que repercutiu em uma manutenção do mesmo maior do que ocorreria se houvesse expectativas e pressupostos comuns.

Além de *emoticons* e acrônimos, algumas normas são de uso comum no chat. Por exemplo, é desaconselhado o uso de letras maiúsculas pelo fato de se indicar que a pessoa está gritando. Neste caso, como em outros, não é o espaço que é afetado diretamente, mas se acompanha uma maneira de constituição do espaço.

Deve-se chamar a atenção para o apelo da transmissão de aspectos pragmáticos da interação verbal viabilizados na comunicação virtual. A utilização de sinais como os *emoticons* e os acrônimos, bem como de normas próprias de uso, são reflexos da emergência de uma presença atual que se inscreve numa forma de comunicação que, embora não seja face-a-face, emerge num contexto onde o tempo é atual para os pólos transmissores em espaços físicos distintos. O que se pretende com esses símbolos parece ser uma otimização do sentido de aqui e agora, das “faces” no espaço virtual. Sugere-se que, mais uma vez, o uso de chats influencia os processos mentais, na medida em que, ao utilizar sinais e normas

específicos, o usuário pode experimentar um novo sentido de sincronia entre espaço e tempo e referir-se ao significado da presença virtual, como afirmou Levy (1996).

Cuidados na análise dos marcadores espaço-virtuais

Com base em Fillmore (1997), nas recomendações sobre a abordagem de processos de referenciação em Mondada (2003) e principalmente na revisão destes processos em Apothélos (2003), bem como na associação das idéias desses autores com o que foi observado nos chats, estabeleceram-se alguns cuidados a serem tomados na análise da construção do espaço virtual, os quais são os seguintes:

1) Nem todo elemento usado para nomear é necessariamente utilizado para se referir e nem todo elemento utilizado para se referir repercute na construção do espaço virtual. Apothélos (2003) diz que existem, por exemplo, empregos não referenciais dos termos nominais, mesmo dos definidos. Para o autor, em uma frase como “Giscard d’Estaing é o Presidente da República francesa” pode haver duas interpretações. Uma, de uma relação de identidade entre os dois referentes (“Giscard d’Estaing” e “o Presidente da República francesa”) na qual o determinante definido é obrigatório. Outra, da utilização de uma função atributiva (ou predicativa) com o objetivo de fazer uma asserção a propósito do referente designado pela expressão “Giscard d’Estaing”, de modo que não haveria obrigatoriedade de um determinante definido nem a possibilidade de intercambiá-los. Observou-se que mesmo os empregos atributivos - ou seja, aqueles cujo critério de substituição não é a identidade, mas o sentido -, não fazem referência a um espaço virtual no chat. Assim, todos os elementos utilizados para nomear devem passar por uma análise criteriosa, na qual expressões que envolvam estes elementos sejam passíveis de um sentido de construção do espaço virtual.

Expressões que dizem que tal pessoa “é” um determinado atributo em nada contribuem para a formação espaço-virtual. Mesmo expressões que possam ter uma relação com a sessão de chat de um momento atual como “X é muito demorado”, referindo-se ao fato de X ainda não ter chegado, por si sós não designam a construção em questão. Neste caso, seria necessário obrigatoriamente que houvesse a garantia explícita na expressão de um dos participantes que X estaria, por exemplo, prestes a chegar, ou seja, haveria a necessidade não de um verbo de ligação para a expressão nomeada, mas de um verbo de movimento.

2) A propósito do uso dos verbos e de outros termos na mensagem textual, além dos elementos dêiticos, é importante averiguar em profundidade suas relações com o espaço virtual em termos cognitivos ou psicologicamente estratégicos, mais do que a estruturação lingüística simplesmente. Duas situações são exemplares: o uso de verbos de movimentação ou de focalização em lugares e o uso de verbos com outros elementos não propriamente dêiticos.

2.1) Na primeira situação, é conveniente ver como Moreira (1997) entende os verbos de transporte: aqueles que designam o deslocamento de um paciente A de um local x para um local y sob a ação de um agente B. Esta designação seria a mais geral possível para a movimentação. No espaço virtual da Internet, algumas adequações são pertinentes, já que “o paciente A”, de acordo com as experiências desta pesquisa, não se apresenta em nenhum dos movimentos analisados se a ação de B implicar, por exemplo, em levar A. Em outras palavras, o agente B só leva para o espaço virtual ele mesmo e nunca um objeto adicional. Em compensação, as relações do virtual com o físico e do virtual com o virtual se mostram mais flexíveis, no sentido de o sujeito poder se movimentar para muitos lugares virtuais e de uma maneira simultânea. Ele

pode ir de um lugar físico para uma sessão de chat (de um lugar da cidade para um encontro virtual), de um lugar virtual para um lugar físico (sair do chat e dizer que vai pra casa) e de um lugar virtual para outro lugar virtual (de um canal de chat para outro canal ou para uma outra seção de um ambiente virtual). Em termos de simultaneidade, constata-se que, após o indivíduo entrar em um determinado local da Internet, ele pode entrar em outro lugar e continuar no anterior (os canais de chat ou as seções de um ambiente virtual). Também podem ser construídos vários espaços virtuais simultaneamente em um mesmo recurso ou canal de chat, se o indivíduo utilizar, por exemplo, o modo de conversa reservada, como se faz costumeiramente nos chats da UOL.

2.2) Na situação de uso de verbos com outros elementos, é interessante considerar o alerta de Pontes (1992) sobre, por exemplo, como verbos e preposições são usados em conjunto. As preposições *a* e *em* são usadas indistintamente no português falado e escrito e estão presentes em uma série de práticas. A autora citada coloca os exemplos “Ele está à porta” e “Ele está na porta” como formas próprias do português, além de “sentar à mesa” e “sentar na mesa”, este último não sendo aceito pela gramática normativa. Neste trabalho, não há a mínima importância se os termos são aceitos ou não pelo formalismo gramatical. A discussão sobre o uso linguístico de termos que dêem a idéia de “entrar”, “estar”, “sair” etc está unicamente associada às práticas reais das pessoas e à conseqüente repercussão no espaço virtual e, como foi discutido no capítulo anterior, a uma relação de uso dos termos com as práticas mediadas pelos signos e instrumento, que sejam ou não tecnológicos. O que mais importa não é a estrutura da língua para a realização de uma atividade, mas como uma

atividade mediada engendra uma forma lingüística que influencia ciclicamente a atividade.

2.3) Os termos nas mensagens textuais, que fazem referência a um espaço virtual, podem ser entendidos em categorias fora dos dêiticos espaciais e até mesmo em categorias não propriamente dêiticas, desde que tenham uma função dêítica, como já foi enfatizado nesta seção. É necessário caracterizar, portanto, como compreender exatamente os termos usados para caracterização do espaço virtual. Pontes (1992) coloca os exemplos “a vila fica a duas horas daqui” e “a trinta quilômetros” para mostrar como algo como distância, que seria à primeira vista espaço, pode ser medido tanto em função do tempo quanto do espaço. Este trabalho assume, como foi detalhado no capítulo 2, que o espaço aqui tratado é fundamentalmente relacional. Resta, assim, apontar que relação será considerada nos marcadores espaço-virtuais, que podem ter no discurso tanto marcadores pessoais quanto temporais. Já se falou, que todos eles podem ser vistos como discursivos, como meios de focar partes do discurso. Todavia, estes focos não podem ser quaisquer. Eles dependerão fundamentalmente do “sujeito que entra” no espaço virtual, não de uma distância como nos exemplos citados. A relação terá que incluir obrigatoriamente um sujeito.

Como também já foi referido neste trabalho, o espaço no materialismo dialético está sempre em movimento, mesmo o simbólico ou do pensamento. O movimento considerado no espaço virtual é o do sujeito que entra, trafega e sai da Internet ou de um dos espaços trabalhados em seus recursos. Fillmore (1997) e Parret (1986) fazem algumas considerações sobre as relações tempo e espaço e suas confusões. Para eles, o movimento temporal é expresso na língua como movimento do espaço, o tempo acaba por ser interpretado como

espaço e isso poderia ter razões históricas. “Agora” poderia ter uma origem como “aqui” e “depois”, como “na frente”. Parret (1986) argumenta em favor de uma orientação para o ator que, nesta pesquisa, será assumido como o sujeito que entra no espaço virtual da Internet. Ele considera o tempo e o espaço como produtos da competência modal do ator, em que se torna decisivo não o tempo, mas a temporalização. Esta posição é pertinente para esta pesquisa. O indivíduo que entra no chat (no seu espaço virtual) realiza uma ação através da sua competência de uso dos signos lingüísticos próprios ao recurso. É o “indivíduo agindo” que está no centro da formação espaço-virtual. Os elementos dêiticos de referência para a pessoa (eu, tu, ele), para o espaço (aqui, “não aqui”) e para o tempo (agora, “não agora”) podem ser todos entendidos como constituintes do espaço virtual, desde que centralizem a ação do sujeito na localização do espaço. Por exemplo, “veja X algumas linhas atrás” mostra que X chegou a algum tempo, mas também que esteve ou está no chat. De alguma maneira, o espaço virtual foi referido e, em consequência da ação dos sujeitos, é totalmente relacional a esta ação. Mesmo uma afirmação como “a sala está muito cheia” não é tão somente uma constatação de algo fixo, mas o resultado de ações que podem posteriormente mudar o mesmo espaço, pois ele tem movimento, é resultado de transformações, é dialético. Obviamente, um termo com uma função dêitica não pode por si só simplesmente demonstrar a formação espaço-virtual. A análise de um termo com função dêitica merece considerações requeridas nos pressupostos dialéticos desta pesquisa, ou seja, considerações sobre movimento e relações que constroem um espaço. Os marcadores precisam, portanto, ser analisados à luz de como estão relacionados uns com os outros e com o seu contexto em uma dinâmica interacional e dialética.

4.3 DINÂMICA DA INTERAÇÃO NOS CHATS

Em termos de ambientes de chat e dinâmica interacional, tem-se que fazer uma consideração adicional ao uso de dêiticos. Esta consideração está estritamente relacionada à teoria e aos objetivos desta pesquisa. As expressões de localização – os marcadores espaço-virtuais –, precisam estar associados com aspectos transformacionais, com movimento, com mudança. Portanto, o desenvolvimento do fluxo conversacional no chat faz com que precisemos verificar a dinâmica interacional através da observação da inserção de mensagens relacionadas entre si no decorrer do tempo.

Há vários trabalhos com a preocupação de entender como a unidade de análise seria captada melhor na dinâmica interacional. Nos estudos da análise da conversação, é freqüentemente tomada a unidade de análise como o turno ou o turno a turno, como prefere Marcuschi (1991). Em Pomerantz (1997), são tomados como unidade de análise da conversação os pares adjacentes, ou seja, seqüências como pergunta-resposta. Markova (1990) fala em unidade triádica, ou seja, a cada resposta, por exemplo, relacionada a uma pergunta, é necessário que esteja associado um outro turno subsequente. Schegloff diz em Searle (1992) que não é apenas o turno que tem que ser entendido como uma unidade, mas que há componentes de construção do turno que podem atuar como tipos de unidade na sua construção. Há locais nos turnos, como as pausas, que são relevantes para uma transição e que devem ser considerados. Pode-se notar, assim, que no chat precisamos considerar elementos intercalados, fazendo referência a outros elementos na interface textual, e que o ponto de transição é estabelecido quando o usuário envia uma mensagem, ou seja, quando ele a escreveu e pressionou a tecla “enter” ou clicou um botão correspondente a “enviar” a mensagem.

Contudo, a dinâmica interacional geral precisa ser adaptada aos objetivos desta pesquisa. Souza (2001) faz um apanhado geral da dinâmica dos discursos e sugere que a dinâmica das linguagens síncronas em chats seria afetada pelo fato de se juntar características da escrita, como registro e armazenamento, e, ao mesmo tempo, a possibilidade interacional, resultando em estratégias de simplificação apresentadas em grafemas, mas, ainda assim, sendo identificados traços de organização de troca de turnos. Fonseca (2001) aponta duas características que foram observadas nas experiências desta pesquisa em relação à dinâmica interacional dos chats: via única de comunicação e granularidade. A via única de comunicação é a característica de que não há sobreposição de textos entre os interagentes, já que só uma pessoa tem acesso ao canal de comunicação enquanto os outros podem estar digitando ao mesmo tempo. Em termos de espaço virtual, esta característica é importante pelo fato de o indivíduo saber da existência do outro através de marcadores espaço-virtuais dispostos na tela em uma ordem cronológica, que não é exatamente a da produção. Porém, a ordem é da emissão e como o substrato material único é a tela, é a partir da disposição na interface que os indivíduos constroem o espaço virtual, embora saibam que um pode estar produzindo uma mensagem no mesmo tempo que o outro. A granularidade ocorre quando alguém utiliza a estratégia de desmembramento do enunciado em pontos de transição. Tal evento influi na construção do espaço virtual, pois uma mensagem desmembrada faz com que já se tenha a expectativa de que logo após a primeira parte da mensagem, o indivíduo continuará naquele espaço. Barros (2001) ainda diz que na dinâmica da interação de aulas em chats o sistema de troca de turnos sofre uma série de restrições decorrentes do suporte textual. As características de granularidade e via única de comunicação confirmam este fato.

No caso de um indivíduo localizar outro indivíduo através de uma mensagem enviada, pode apenas o cumprimentar (pode dizer “olá”, supondo implicitamente que alguém está no

espaço virtual da interação) e receber um outro cumprimento como resposta. Contudo, os indivíduos também podem se “ver” nesse espaço quando vêem suas próprias mensagens inseridas. Vale aqui salientar as características dialógicas das mensagens no chat. Todo discurso, segundo Bakhtin (1978), se constitui de uma fronteira do que é seu e daquilo que é do outro. Este princípio é denominado dialogismo. O autor fala da produção e compreensão de todo enunciado no contexto dos enunciados que o precederam e no contexto dos enunciados que o seguirão. O dialogismo seria, então, o princípio constitutivo da linguagem, o que quer dizer que toda linguagem, em qualquer campo, está impregnada de relações dialógicas. A concepção dialógica contém a idéia de relatividade da autoria individual e uma ênfase no caráter social da produção e compreensão de qualquer texto. Em Bakhtin (1992), o autor se opõe severamente à idéia de que a comunicação verbal deveria ser analisada sob o ponto de vista das funções de um “ouvinte” e de um “receptor”, como já foi apontado na primeira seção deste capítulo. Este ponto de vista não estaria errado em muitos aspectos, mas não corresponderia a aspectos reais do todo da comunicação verbal. Um ouvinte, para Bakhtin, estaria adotando simultaneamente uma atitude responsiva ativa: concordando ou discordando (total ou parcialmente com o que ouve), completando e se aprontando para executar uma determinada ação, mesmo durante a emissão dos primeiros enunciados. O locutor também seria um respondente, pois, ao emitir um enunciado em algum momento, ele nunca estaria emitindo um enunciado como “o primeiro locutor que rompe pela primeira vez um eterno silêncio de um mundo”. Ele pressuporia a existência da língua e outros enunciados emitidos em outros momentos por ele mesmo ou por outras pessoas. Desta forma, o locutor estaria supondo qualquer enunciado como já sendo conhecido pelo ouvinte de alguma forma. O indivíduo nunca estaria isolado em si mesmo. As palavras de alguém, de acordo com a concepção dialógica, estão sempre contidas de palavras de um outro alguém, mesmo que este outro alguém seja a própria pessoa. O discurso do falante se constitui também do discurso do

outro que condiciona o discurso do “eu”. De acordo com a concepção bakhtiniana, a noção do “eu” nunca é individual, mas social. Bakhtin trata dos processos de formação do eu através de três categorias: o eu-para-mim, o eu-para-os-outros e o outro-para-mim.

No chat, pode-se observar claramente a noção de dialogismo. Quando alguém envia uma mensagem, como “cheguei”, mesmo que outra pessoa não esteja utilizando o ambiente, a pessoa que envia a mensagem a lê e vê que há uma indicação de que ela própria está no espaço virtual. A própria pessoa se comporta como um outro virtual, é ao mesmo tempo emissor-receptor ou escritor-leitor. O indivíduo se mostra, assim, social na sua natureza intrínseca, esteja ele isolado ou acompanhado de outros indivíduos e este fato é bastante acentuado em um ambiente de chat. Ao mesmo tempo, o indivíduo emite sua mensagem na expectativa de que outras mensagens sejam emitidas.

É importante ressaltar que o caráter dialógico faz sentido dentro de uma cadeia de enunciados. Wertsch (1991) enfatiza bastante este aspecto. Segundo este autor, entender um enunciado envolve entender um processo no qual outros enunciados estejam em contato e em confronto. O autor também fala que Bakhtin não limitou a noção de endereçamento (de todo enunciado estar voltado para outro) apenas para os falantes de uma situação discursiva imediata. Esta noção se encontra tanto nos diálogos quanto nas discussões entre diferentes grupos, bem como em um livro. Os enunciados estariam mutuamente endereçados mesmo que estivessem social, temporal ou espacialmente distantes. Neste sentido, podemos observar como diferentes mensagens são dispostas no fluxo conversacional de um chat e como uma sessão tem seu significado a partir do contínuo endereçamento de diferentes mensagens mesmo com os indivíduos estando espacialmente distantes no sentido de estarem distantes fisicamente. Mesmo aquela primeira mensagem da sessão, que pode ser entendida como um

eu-para-mim, adquire contornos de um eu-para-os-outros, considerando que há uma expectativa de que novas mensagens surjam e sejam voltadas para aquela primeira. O outro-para-mim surge nas diferentes mensagens emitidas na sessão do chat.

A partir do que foi exposto, a dinâmica interacional de formação espaço-virtual deve ser observada a partir de relações de intercalação entre as mensagens de chat, mas não necessariamente de intercalação de mais de uma mensagem. Como foi visto, uma mensagem em si carrega relações com ela mesma no sentido dialógico, há atitude responsiva ativa e relatividade autoral. Uma mensagem de chat está relacionada com ela mesma e há momentos na produção textual espaço-virtual em que uma única mensagem é inserida na interface sem que haja outras. Então, os marcadores espaço-virtuais precisam ser analisados na sequência em que estão intercalados ou até na relação que têm consigo mesmo.

Não é o caso aqui de definir dois, três ou qualquer outro limite no número de mensagens intercaladas. Foram observados nas sessões de chat desde casos em que uma única mensagem era inserida até casos em que várias mensagens apareciam intermitentemente se referindo a um mesmo marcador espaço-virtual. No primeiro caso, ocorriam situações nas quais alguém emitia uma mensagem como “cheguei!” ou “olá”, na expectativa de surgimento de outras mensagens que não apareceram, fazendo-se necessário entender que o único marcador espaço-virtual apresentado abria um espaço virtual para um único indivíduo. Em termos dialógicos, nestas ocasiões, o indivíduo abriu o espaço para outros, mas só o concretizou para si mesmo (a mensagem inicial é entendida como um índice de abertura do espaço para a pessoa que está referenciada na própria mensagem e só). No segundo caso, alguns indivíduos se referiam a outros e a si mesmos em sessões com muitas inserções, de até mais de uma hora de interação, de forma intermitente (por exemplo, dizendo que

determinadas pessoas estavam atrasadas ou que eles próprios haviam saído e voltado devido a um problema de conexão). Obviamente, com muitas inserções de diferentes pessoas acontecendo, isto não significa que o caráter dialógico se perde. Mesmo uma mensagem em meio a várias outras mensagens faz com que o próprio indivíduo se localize naquele espaço, mas não sozinho, e sim acompanhado de um ou mais indivíduos.

O que importa na análise é que qualquer marcação espaço-virtual tem um caráter social, ou seja, aquele índice é de alguém, “mesmo que este alguém seja ele próprio”. Outro fator crucial da intercalação diz respeito não só ao que é visto na interface, pois cada mensagem pressupõe um certo tipo de atividade a ser realizada e ela mesma realiza alguma ação. Neste sentido a intercal(ação) é também ação de uma atividade. Várias mensagens intercaladas podem preparar uma ação maior – muitas despedidas podem pressupor a preparação do fechamento do espaço. Contudo, os pressupostos da atividade repercutem no que será feito na sessão e no que está sendo feito em um contexto de ação que engloba intercalação, mas também alguns outros aspectos, propriedades metalingüísticas não observadas na simples seqüência da ação, mas no pano de fundo da atividade que se realiza, a qual só compartilham os indivíduos nela engajados. Tais propriedades serão entendidas genericamente como contexto e serão mais detalhadas a seguir.

4.4 CONTEXTUALIZAÇÃO

A questão da contextualização tem duas discussões a serem consideradas neste trabalho. Uma, é a do poder da contextualização/descontextualização face aos instrumentos e aos signos. A outra, é a própria definição adequada de contexto para a investigação, pois

muitas pesquisas o têm como algo que influencia ou determina a análise, mas poucas vezes se especifica apropriadamente o que é realmente o contexto a que se refere.

Em relação ao poder da contextualização/descontextualização frente aos instrumentos e aos signos, este trabalho não se deterá muito, mas será considerado, como Marcuschi (1994), que não existe uma cultura descontextualizada, seja esta suposta descontextualização proporcionada pela fala, pela escrita ou pelos instrumentos e signos tecnológicos. O autor citado alega que posições que defendem a descontextualização como característica da escrita, como as de Tannen (1992), nos levariam a hipótese de que as estratégias orais ligar-se-iam a um “uso máximo do contexto”, com um “máximo de significação mais implicitada do que asseverada”, ao passo que as estratégias da escrita ligar-se-iam a um “máximo de informação de base explicitada”. Marcuschi (1994) afirma, então, que esta seria uma posição teoricamente inconsistente, pois “condições físicas de produção discursiva não equivalem a condições de elaboração textual”. Em Melo (artigo submetido) são tomados dois pontos a serem analisados sob a ótica do uso do computador e da Internet em relação ao tema contextualização/descontextualização: a escrita e o ambiente físico, os quais são detalhadas da seguinte maneira:

1) A **escrita** vista no computador e em ambientes virtuais com um diferencial de que é programada, mas em re-arrumações contextuais de uma escrita eletrônica, que pode estar ou não associada a outros elementos como figuras e desenhos, não sendo algo mais descontextualizado, e sim contextualizado no domínio do recurso computacional. A idéia é de que não se tira um contexto, se vive outro e o anterior não desaparece, mas é modificado pelo uso de novos instrumentos e signos.

2) O **ambiente físico** é visto como algo preponderante no sentido de se dar um valor maior ao contexto físico de produção para aqueles que defendem a “descontextualização”. Marcuschi (1994) afirma que não há só este contexto físico, há também um contexto de “representação mental” no qual falantes e ouvintes bem como escritores e leitores se encontram. A linguagem perpassa a oralidade, a escrita e o computador. Através do computador e na Internet são realizadas comunicações on-line síncronas e assíncronas com as pessoas localizadas em ambientes físicos muito distantes e às vezes bastante diferentes um do outro. Há de se assinalar, contudo, que a comunicação a distância não é um privilégio da sociedade informatizada. A comunicação a distância já era feita, muito tempo antes, através de cartas e, algum tempo depois, com o uso do telefone. O que caracteriza o uso do computador é poder acumular formas tecnologicamente diferenciadas em um formato próprio da interface computacional. Desse modo, a escrita e mesmo a oralidade apresentada na escrita textual da Internet adquirem novos contornos, pois são re-contextualizadas em um outro ambiente.

Em termos de espaço virtual do chat, portanto, a linguagem e o ambiente não descontextualizam o espaço, mas o re-contextualizam em função do instrumento e dos signos que lhe são próprios. O espaço de vida físico do indivíduo continua intacto e fazendo parte da sua vida. A única diferença em relação aos recursos da Internet e não só do chat é que o espaço é re-contextualizado, permanecendo os outros espaços, seja o físico, o de outro recurso ou mesmo o do mesmo recurso se, por exemplo, o indivíduo estiver conectado a mais de uma sala de chat. Esta questão é semelhante a que foi tratada no capítulo 2, e reforça a idéia de que os teóricos mais ou menos entusiasmados com a idéia de espaço virtual na Internet partem de um ponto de vista equivocado ao pensarem no espaço da Internet como uma alternativa ao espaço da realidade.

Em relação à definição adequada de contexto, verifica-se que frases como “isso depende do contexto” são comuns, mas não enriquecem a análise, principalmente tendo em vista esta pesquisa, na qual categorias dialéticas podem ser contrárias em alguns aspectos, apresentar interdependência, mas precisam ser apropriadamente definidas e relacionadas com o aspecto material. Neste trabalho, é necessário, antes de tudo, eliminar a idéia de contexto como categoria excludente e associá-la ao uso da linguagem textual do chat e de sua interface que, como foi amplamente discutido, são os únicos elementos compartilhados durante as atividades realizadas através deste recurso.

Nesse sentido, Marcuschi (2003) aponta que o mais importante a ser percebido é como se tratam os processos de contextualização, que se dariam em dois níveis: o co-textual e o contextual. O primeiro, compreendido como um processo de determinação do sentido que se produz em relações intra-textuais, imanentes ao texto, em um contexto lingüístico. O segundo, compreendido em um entorno, cognitivo ou situacional. Texto e co-texto precisam ser entendidos como relações dinâmicas e de mão-dupla sem a afirmação de que um está “dentro” e “outro”, fora. O co-textual, mais relativo ao texto, e o contextual, mais relativo à atividade a ser realizada são texto e contexto com relações dinâmicas e processuais. Não é importante dizer se um se insere no outro, mas como estão mutuamente relacionados. É crucial, portanto, ter em mente que as pressuposições na realização da atividade não dependem apenas da seqüência interacional do texto, mas também de outras pressuposições sobre a atividade que será feita ou está sendo feita no chat.

O fato anteriormente mencionado responde a algumas críticas de Searle (1992), ao serem feitas relações com o espaço virtual na Internet. O autor diz que análises do fluxo

conversacional, como a análise da conversação, carecem de uma força interpretativa pelo fato de a estrutura do fluxo interacional não determinar exatamente o que se está fazendo (por exemplo, a estrutura da questão não determinar uma resposta). Neste trabalho, entende-se que a idéia de contexto, assim como está sendo discutida, supre a deficiência de analisar apenas a estrutura da dinâmica interacional. Para exemplificar suas críticas, Searle (1992) diz que quando pergunta “quantas pessoas estão na festa?”, pode obter respostas como “todos que foram convidados chegaram”, “eu contei 123” ou “o salão está cheio”. Assim, o desenvolvimento da conversação e o estabelecimento de sub-sequências estariam relacionados de uma forma diferente da que é definida apenas por pares adjacentes. Para o autor, aceitações e rejeições estariam muito mais relacionadas a causas externas ao fluxo conversacional. A conversação teria que ser dada a partir de uma estrutura de expectativas e pressuposições. Alguma consideração sobre os propósitos seria necessária. Nesta pesquisa, a teoria da atividade em conjunto com a análise do fluxo conversacional supre este problema.

Ao final desta seção será feita uma adaptação do exemplo de Searle (1992) para o espaço virtual no chat, mas é importante que se considere antes como Kleiber (1994) analisa os domínios contextuais, opondo uma abordagem que ele considera padrão (o contexto como algo indispensável à pragmática lingüística e ao interacionismo) a uma abordagem considerada cognitiva (que situa o contexto na memória semântica). A primeira abordagem trata de dar a resposta à questão “quando o contexto se torna necessário?”, à qual são associadas quatro situações:

- a) Tirar a ambigüidade dos enunciados e seus equívocos sintáticos e lexicais – no caso do chat, podemos considerar a afirmação “eu vi X na sala” e entender que

tanto o sujeito quanto X estão na sala no caso do sujeito estar falando no momento de uma interação no chat.

- b) Justificar um efeito de sentido – “ele entrou e saiu” tem um efeito diferente de “ele saiu e entrou” nas condições de chat ao se considerar a primeira afirmação como uma informação de que alguém pode ter apenas participado de uma sessão de chat e, a segunda afirmação, como a informação de que alguém já estava no chat e talvez por um problema de conexão tenha saído, mas conseguiu voltar.
- c) Dar entendimento a um sentido agramatical ou semanticamente desviante.
- d) Complementar uma interpretação – quando alguém no chat diz que a sala está cheia não se duvida qual seja a sala, pois se assume que seja aquela na qual a pessoa que emitiu a mensagem está.

Nos três casos exemplificados, verifica-se que o contexto de atividade em um chat responde às dúvidas sobre as possíveis interpretações. Contudo, há ainda algumas insuficiências da abordagem padrão, que são supridas pela abordagem cognitiva, de acordo com Kleiber (1994). A abordagem cognitiva trata, basicamente, da associação que permite completar um segundo enunciado no contexto de um primeiro. Em termos de chat e espaço virtual foram encontradas em algumas sessões analisadas afirmações como “estou conversando com outra pessoa. A sala está muito cheia”. Normalmente, a sala citada não era aquela na qual se estava conversando com a “outra pessoa”, mas aquela na qual se recebia a informação como um esclarecimento pelo fato de o emissor passar um tempo sem conversar nela. Na análise da formação espaço-virtual é importante observar que estar em outra sala não significa ter saído da qual estava, como já foi discutido em relação ao uso de verbos.

Assim, o contexto não pode ser analisado como algo que se torna necessário apenas para completar o sentido. Ele se torna constitutivo do próprio sentido e deve entrar em ação sempre, passando a ser necessário em todo processo de interpretação, conforme o que diz Kleiber (1994). Este fato é crucial para esta pesquisa e mostra que as pressuposições contextuais não são apenas um elemento de interpretação, mas de constituição contínua do próprio contexto dos participantes. Duranti (1992) diz que se deve tomar como ponto de partida para a análise do contexto a perspectiva dos participantes cujo comportamento deve ser analisado. Vigotski (1996) fala que a intervenção do pesquisador faz com que se entenda melhor os mecanismos internos psicológicos. Tomando esses dois últimos autores, podemos verificar que o pesquisador como participante pode compreender melhor o contexto da atividade, construindo pressupostos em conjunto com os demais. A própria teoria da atividade enfatiza o entendimento e a construção colaborativa.

É importante saber que alguns autores reforçam a idéia de se partir das pressuposições e expectativas que os usuários têm em comum, a exemplo de Goodwin (2000), que define *configuração contextual* como um conjunto localmente relevante de campos semióticos aos quais os participantes são demonstravelmente orientados. Esta noção de configuração contextual não é a de um conjunto hipotético de campos semióticos que o analista deve impor para interpretar o contexto. Para Goodwin (2000), “quando a ação não é investigada em termos de configurações contextuais, domínios do fenômeno são usualmente tratados como tão distintos que são problemas sujeitos a disciplinas acadêmicas totalmente separadas”. Para ele, a cognição precisa ser vista como um processo reflexivamente situado que englobe a capacidade de construção de sinais do indivíduo através da fala, de diferentes tipos de fenômenos semióticos, da seqüência organizacional dos campos semióticos, do ambiente social e da estrutura material. Enfim, os gestos, a linguagem falada e a estrutura material do

ambiente precisam ser analisados como componentes de um processo comum para a produção social do significado e da ação.

Em termos de chat e espaço virtual, é importante que sejam relacionados o papel da linguagem, do material e dos gestos, mas considerando a ênfase que Goodwin (2000) dá ao ambiente físico. Como foi visto anteriormente, considera-se neste trabalho que há uma re-contextualização constante a partir das atividades realizadas com instrumentos e signos e os instrumentos tecnológicos de informação e comunicação trouxeram níveis excedentes desta re-contextualização. Assim, o espaço virtual nos chats pode ser visto como re-contextualização da linguagem, do material e dos gestos do seguinte modo:

- da linguagem – com formas novas da linguagem textual do chat não sendo necessariamente a fala ou escrita tradicionais, mas marcadores espaço-virtuais próprios e fluxo síncrono peculiar mediado pela interface computacional;
- do material utilizado – através unicamente do compartilhamento das mensagens textuais e da interface computacional; e
- dos gestos – conforme discussão empreendida no início deste capítulo em relação a como Vygotsky relaciona gestos com escrita e mesmo entendendo os dêiticos ou os elementos com função dêitica (espaciais, pessoais, temporais ou discursivos) como elementos para apontarem posições no espaço virtual. Sobre este aspecto é importante notar que Fillmore (1997) reforça a idéia de que existe **uma ancoragem dêitica** na interação, ou seja, um entendimento do papel para os quais as sentenças podem servir em situações sociais, ocorrendo no espaço e no tempo. O autor diz que, para se entender a importância da ancoragem dêitica, deve-se considerar uma variedade de casos nos quais as mensagens podem ser

corretamente interpretadas apenas se elas estiverem apropriadamente ancoradas em uma situação de comunicação e onde existam erros e incertezas sobre a natureza desta ancoragem. Uma situação que o autor considera totalmente incerta em relação à ancoragem dêitica é aquela na qual alguém encontra a seguinte mensagem no meio do mar: “Encontre-me aqui amanhã ao meio-dia com um pedaço de madeira deste tamanho”. A ancoragem dêitica no chat dependerá de como se entende o funcionamento da linguagem, do ambiente e da atividade.

Portanto, a análise da formação espaço-virtual deve considerar pressuposições conjuntas sobre o funcionamento da linguagem textual no chat, das mensagens textuais e da interface computacional e dos gestos, da fala e da escrita re-contextualizados no ambiente virtual. Além disso, deve-se considerar pressuposições sobre a atividade que será realizada no chat e sobre o funcionamento do ambiente. As pressuposições sobre a atividade e o ambiente bem como as outras podem ser entendidas como elementos contextuais. Contudo, pressuposições sobre a atividade e o funcionamento do ambiente não são necessariamente formas de linguagem cobertas pelos estudos de fala e escrita, dinâmica interacional e marcadores espaço-virtuais, eminentemente os dêiticos. Assim, no caso desta pesquisa, as definições contextuais à parte serão feitas em relação à atividade e ao funcionamento do ambiente, ou seja, o pesquisador precisará saber que ações (para cada tipo de atividade a ser realizada) e tipo de funcionamento do ambiente (para cada interface de um ambiente específico) os indivíduos supõe compartilhar ou não.

A adaptação do exemplo de Searle, referida no início desta seção é a seguinte: alguém pergunta “quantas pessoas estão na sala?”. São obtidas respostas como “todos já chegaram”, “tem umas 6” ou “a sala está cheia”. Além das análises da linguagem, dos marcadores e da

dinâmica do fluxo, a pergunta e as respostas dependerão de entender o contexto como as possíveis suposições que podem ser assumidas em função de os participantes terem marcado ou não uma tarefa para ser feita, que pode ser ou não programada e como a interface funciona. Pelo que foi anteriormente discutido, pode-se depreender que alguém que faz a pergunta referida tem uma expectativa diferente se for um professor que marcou uma aula ou uma pessoa que abriu um chat para fazer amizades. As respostas também têm expectativas diferentes, dependendo do que a pessoa está fazendo no chat, e a pergunta e as respostas obedecem a formas de visualizam e manipulação do ambiente em que cada pessoa em um determinado momento terá disponível para si.

A tabela abaixo resume as reflexões desenvolvidas neste capítulo, relacionando-as com o espaço de cada uma das fases do psiquismo descritas no capítulo anterior, a partir do momento em que surge a atividade humana. São apontados os elementos da fala e da escrita, dos marcadores de localização, da dinâmica interacional e do contexto nas relações de construção do espaço em cada fase do psiquismo. Como foi referido no capítulo anterior, é importante observar que cada fase não é estanque, é nova, mas possui elementos da anterior. São referidos exemplos específicos do recurso de chat como um instrumento tecnológico.

Fases do psiquismo	Atividade	Atividade mediada por novos instrumentos de comunicação e informação	Atividade mediada por instrumentos tecnológicos
Espaço	Relações de localização geradas pela atividade e pelo surgimento da fala	Relações de localização geradas pela atividade e por novos instrumentos da escrita	Relações de localização geradas pelos instrumentos tecnológicos que permitem uma nova relação com o tempo, devido a uma maior velocidade na transmissão de informações (na televisão, no telefone, nos recursos da Internet) e a formas de mediação específicas.
Fala e escrita	Gestos e memória da oralidade primária (distância local)	Escrita em novos instrumentos e aumento da circulação da informação (distância local e virtual)	Formas de fala e escrita com uma circulação na qual a velocidade de transmissão da informação é menor (mobilização das pessoas em um espaço virtual). No chat, uma forma (interface textual) com fenômenos como o da mão-dupla e da granularidade.

Marcadores de localização	Elementos com função dêitica na fala e gestos de apontar e de movimentação	Elementos com função dêitica inscritos em materiais de registro e referenciando o espaço material e o espaço de encontro na escrita	Elementos com função dêitica, referenciando ou não o espaço material, quando disponibilizado pelo instrumento tecnológico, e construindo um espaço de encontro surgido no uso dos instrumentos. No chat, dêiticos que também referenciam a interface computacional.
Dinâmica	Seqüência temporal da fala	Seqüência temporal síncrona ou assíncrona da leitura do material escrito	Seqüência temporal síncrona ou assíncrona do uso do instrumento tecnológico com o tempo de produção sendo semelhante ao de leitura em alguns casos, mesmo à distância. No chat, com uma linguagem textual síncrona.
Contexto	Das pressuposições da atividade e do uso da língua	Das pressuposições da atividade e do uso da escrita em determinados instrumentos	Das pressuposições da atividade e do uso das formas de linguagem por meio dos instrumentos tecnológicos, bem como do uso dos próprios instrumentos. No chat, pressuposições de uso da interface computacional.

Tabela 2 - Fases do psiquismo, espaço e linguagem

5 CONSTRUÇÃO DA UNIDADE DE ANÁLISE

Neste capítulo, será destacada a unidade de análise do trabalho, construída a partir de todas as considerações colocadas anteriormente, bem como das experiências com o objeto de pesquisa. Antes disso, serão feitas algumas breves considerações relacionadas ao enquadre no qual esta unidade de análise se situa nas ciências de um modo geral e na psicologia sócio-cultural.

Nas ciências, de um modo geral, a despeito do termo “unidade” e do seu teor positivista, este trabalho a trata não como uma unidade em si mesma, mas como o resultado de um processo de investigação simultâneo a uma reflexão teórica. Este processo está no cerne do materialismo dialético. O movimento dialético de investigação material e da volta a uma reflexão, abstração e categorização considera que há concepções de mundo e experiências empíricas que fazem com que, antes mesmo que se chegue ao objeto, já se tenha alguma idéia de como ele pode ser estudado. Há um “tour” de ida e volta da abstração para a investigação. Neste estudo, há um “tour” de uma idéia que se tem de espaço virtual para a interface dos chats (incluindo os recursos lingüísticos e midiáticos) e, neste ínterim, é utilizada a unidade de análise, que faz uma ponte do mais abstrato para o mais material. Como este movimento é de ida e volta, tenta-se entender idealmente o objeto, ou seja, sabe-se que as conclusões não são definitivas, mas se aproximam da realidade, em um adequamento mútuo da forma como se entende o objeto e da forma como se entende a teoria. Não é de se estranhar que este movimento, em meio à ação dos sujeitos, considera as transformações do objeto na interação e, conseqüentemente, o tempo. Assume-se um raciocínio mais abduutivo do que indutivo ou dedutivo, ou seja, consideram-se todas as condições envolvidas em uma totalidade que é voltada para o objeto de pesquisa. Em outras palavras, a unidade é a entidade mínima que

engloba a totalidade, utilizada para se estudar o objeto. Essas considerações resumem em grande parte o que é colocado na literatura (Overton, 2003; Cheptulin, 1982; Kosik, 2002; Vigotski, 1996a, 1996b).

Na psicologia sócio-cultural, adicionam-se os fatos relacionados ao que envolve a cultura dos indivíduos e ao papel do sujeito, bem como do pesquisador. A cultura aqui é entendida em um sentido adotado por Valsiner (2003). Este autor destaca três formas de designar a cultura: 1) como um grupo de pessoas que “pertencem em conjunto a algo” devido a características que compartilham (a pessoa pertence a uma cultura); 2) como uma organização sistemática de sistemas psicológicos individuais (a cultura pertence a uma pessoa) e 3) sem relações de pertinência, mas à maneira como as pessoas e o ambiente estão inter-relacionados. Esta última forma é adotada neste trabalho e a unidade de análise tentará captar exatamente este tipo de inter-relação entre as pessoas e os ambiente de chat, que possam indicar como o espaço virtual está sendo construído. Nesta ocasião, observa-se que os sujeitos, inter-relacionados em suas práticas, constroem formas simbólicas próprias que só podem ser entendidas de forma adequada por quem participa destas práticas. É por isso que esta pesquisa adota a posição do pesquisador como um sujeito também, o que não só está de acordo com algumas considerações em Vigotski (1996a, 1996b), como também com os pressupostos mais gerais do materialismo dialético, ou seja, com a idéia de que o indivíduo que intervém e constrói em conjunto com os demais, entende mais e pode intervir de forma mais efetiva para reconstruir e, assim por diante, em um ciclo sucessivo.

Enfim, a unidade de análise é aqui assumida como a **intercal(ação) de marcadores espaço-virtuais**. Esta unidade está associada a três aspectos considerados fundamentais e discutidos em detalhes maiores no capítulo anterior: os marcadores espaço-virtuais, a

dinâmica da interação e a contextualização. A intercal(ação) está ligada à dinâmica da interação. Os marcadores espaço-virtuais estão ligados aos elementos lingüísticos utilizados na construção do espaço virtual. Sobre como esses aspectos são captados através da unidade de uma forma mais procedimental, serão feitas as considerações a seguir.

Marcadores espaço-virtuais

Para que se verifique como as pessoas fazem referência ao espaço no qual estão inseridas, são identificados elementos textuais lingüísticos (dêiticos) que mostram a composição do espaço virtual a partir da localização das pessoas. Os dêiticos podem estar implícita ou explicitamente expressos, com funções de informação, identificação ou pressuposição nas mensagens intercaladas no fluxo conversacional. Os dêiticos são verificados concomitantemente ao desenvolvimento da conversação e foram extensivamente discutidos no capítulo anterior.

Uma outra consideração relacionada aos dêiticos diz respeito à forma como eles estão presentes na intercal(ação). O fato de se enfatizar “intercal(ação)” nesta pesquisa remete ao que foi discutido sobre a teoria da atividade. Neste trabalho, procura-se investigar uma ação altamente voltada para a criação de um espaço virtual. Há, portanto, uma ação intercalada que repercute na construção do espaço, ou seja, na atividade de construção do espaço, mesmo que ela não seja a principal atividade a qual os indivíduos se direcionam. Contudo, assume-se neste trabalho que qualquer atividade remete a uma forma de localização, de construção espacial, até como um pressuposto para que outras atividades ocorram. Neste sentido, os marcadores espaço-virtuais estão por trás de qualquer tarefa e precisam ser investigados no decurso da interação.

Dinâmica da interação nos chats

São pressupostos fundamentais desta pesquisa as transformações que ocorrem com o objeto e, conseqüentemente, no tempo. O espaço virtual pode ser entendido em grande medida como um tempo virtual como foi discutido nos capítulos 2 e 3. No âmbito desta pesquisa, a linguagem também é entendida como uma atividade processual, ou seja, sujeita a várias transformações no tempo. A intercalação de marcadores espaço-virtuais, ou melhor, a intercal(ação) propriamente dita, capta as transformações no tempo porque sempre é feita uma relação de uma mensagem com marcador com outra mensagem e com expectativas e pressuposições, mesmo em uma única mensagem no chat.

A particularidade dos ambientes de chat relacionada ao tempo, em comparação com outros recursos da Web, está no fato de que a comunicação é feita de forma síncrona. Desse modo, a conversação é estabelecida on-line, o que motiva o tratamento dos chats como uma conversação, mas não exatamente uma conversação convencional, visto que a linguagem do chat assume uma posição que não é propriamente a fala tradicional nem exatamente a escrita, ou seja, há características bem específicas relacionadas ao instrumento, compartilhado com os usuários através da interface.

Contextualização

Como este aspecto não está explicitado na expressão da unidade (intercal(ação) de marcadores espaço-virtuais), algumas considerações a mais são necessárias. A idéia de Fillmore (1997) sobre ancoragem dêitica, descrita no capítulo anterior, mostra que os

elementos dêiticos são totalmente dependentes das suposições de funcionamento da linguagem, da atividade e do ambiente. Em outras palavras, eles não têm que ser entendidos apenas em relação ao funcionamento da linguagem. Devem ser consideradas as suposições sobre o ambiente (no caso, o chat) e sobre a atividade dos indivíduos (o conhecimento em maior ou menor grau do papel de cada um). Saeed (1997) diz ainda que os dêiticos são elementos naturalmente dependentes do contexto e que podem ser entendidos como desvios que necessitam de vários suportes contextuais. No caso deste trabalho, os suportes são os conhecimentos que cada indivíduo tem sobre o funcionamento da interface textual e a respeito das tarefas dos demais.

No capítulo anterior, há uma discussão sobre quando se deve lançar mão da idéia de contexto, com alguns exemplos de chat, mas há ainda a necessidade de se especificar o contexto da pesquisa, no sentido de se saber melhor que expectativas e pressuposições os indivíduos têm para se localizarem no espaço virtual. Em um ambiente de chat não seria provavelmente viável saber da vida de todos os indivíduos em seus aspectos pessoais como idade, sexo, cor ou lugar onde nasceram. Inclusive, na atividade conversacional realizada no chat, os aspectos comuns aos quais os indivíduos recorrem não são geralmente os aspectos pessoais, mas estão inseridos no próprio fluxo da conversação. Por exemplo, em um chat de atividades educacionais para a realização de um curso, os indivíduos podem partir das pressuposições de que há no ambiente professor e alunos e de que serão realizadas tarefas didático-pedagógicas como a discussão sobre algum texto. Essas pressuposições fazem com que os indivíduos se posicionem ou se localizem de uma determinada maneira. Podem ser marcados horários específicos para se discutir algum texto em relação ao qual ficaram dúvidas, que seriam, então, os horários que eles teriam o conhecimento para dar início à entrada no espaço virtual.

Nesta pesquisa, optou-se por investigar ambientes nos quais os indivíduos estão realizando atividades comuns e previamente determinadas, bem como atividades não determinadas anteriormente. Assim, a idade de um indivíduo ou outro aspecto pessoal não seriam algo conhecido em comum pelos participantes do chat, mas a idéia de que as pessoas deveriam se encontrar “lá” para realizar uma determinada tarefa seria uma pressuposição comum específica para algum tipo de atividade a ser realizada em conjunto, previamente definida ou não.

Em chats nos quais atividades não são determinadas a priori, pode-se observar que muitas vezes aparecem indivíduos que não interagem, mas simplesmente inserem mensagens não relacionadas ao tópico conversacional e imediatamente saem do ambiente. Há vários ambientes de chat nos quais são determinadas atividades específicas. Optou-se estudar ambientes de chat do Projeto Virtus da UFPE, entrevistas em chats da UOL e serviços de suporte em chats da UOL. Os chats analisados em atividades não previamente definidas (geralmente as atividades se configuravam simplesmente em encontros) foram os da UOL, do Terra, o mIRC, o Superig, o Paltalk e o Yahoo Messenger.

No caso do Virtus, foram estudadas 30 sessões de chats de dois cursos de capacitação de professores: “Introdução à Informática na Educação” e “Internet e Educação”. Os cursos do Projeto Virtus possuem hipertextos das aulas, seções de avaliação nas quais o professor comenta as tarefas realizadas pelos alunos, seções de envio e recebimento de material para compartilhamento de arquivos, um fórum de debates para discussões assíncronas e uma seção com um ambiente de chat. Na tela do chat, aparece um quadro no qual os participantes colocam seus nomes e há um botão com o nome “Entrar”. Quando o indivíduo coloca o nome

no quadro e clica no botão “Entrar”, aparece uma mensagem abaixo, na interface, dizendo, por exemplo “**pedro ACABA DE ENTRAR NA SALA (21:52:4 em 20-abr-2002)**”. As telas de entrada propriamente ditas são semelhantes à seguinte.

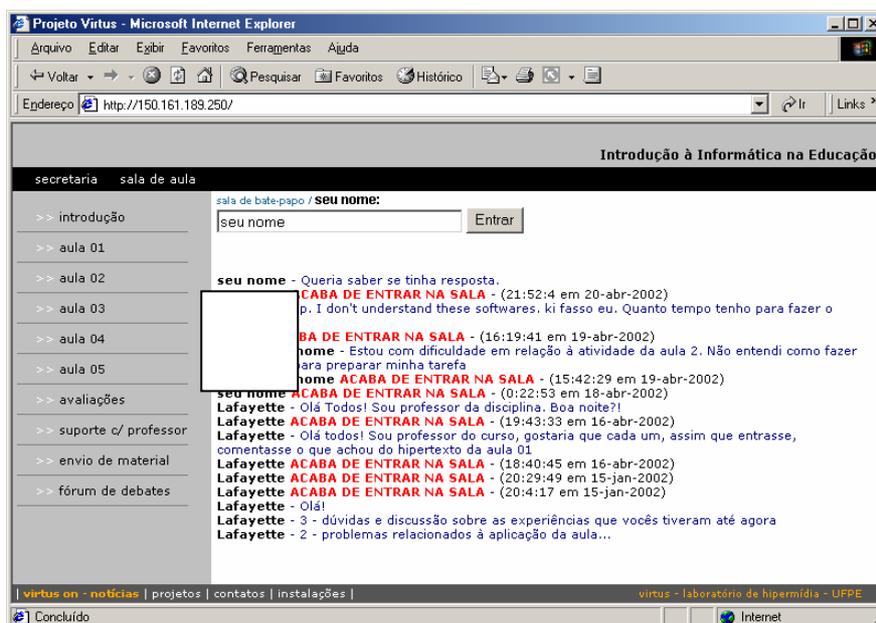


Figura 5.1 -interface de entrada do chat do Virtus

Quando o usuário clica no botão “Entrar” o quadro se modifica, acima dele aparece o nome “Mensagem” e no botão aparece o nome “Enviar”, para que sejam feitas as emissões.

No caso das outras atividades pré-definidas e em duas atividades não previamente definidas (na UOL e no Terra) a interface é bastante similar e se configura como a seguinte.

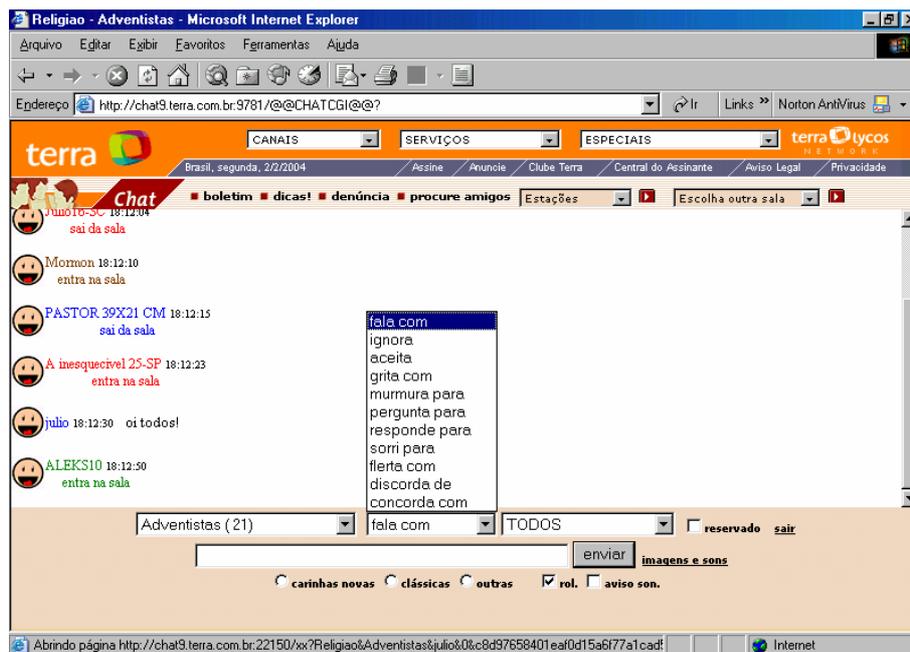


Figura 5.2 - interface de chat do Terra

A interface do mIRC tem as mesmas funcionalidades que a do Terra e até mais algumas. O que interessou neste estudo, contudo, foram os modos específicos de enviar que poderiam repercutir no espaço virtual (privado e direcionado especificamente a alguém).

Nota-se, portanto, que aqui se trata de descrever não só o curso que está sendo desenvolvido, mas também as atividades realizadas com base no que ocorre nas práticas culturais dos participantes e nas peculiaridades tecnológicas do sistema. Dessa forma, deve ser estabelecido o que motiva a discussão, se alguma tarefa foi determinada antes e se algo mais foi combinado entre os participantes fora do contexto do chat, bem como problemas e características do sistema que afetem de alguma forma a situação espacial dos indivíduos. Para que essa descrição fosse melhor especificada, o pesquisador deste trabalho atuou como participante-observador, de acordo com as recomendações de Adler (1998). Nesta situação, o pesquisador se comporta e é analisado como um sujeito da pesquisa, não sendo visto como um mero intervencionista e tendo um papel ativo na interação. Assim, o pesquisador se insere

nas práticas dos sujeitos de modo a construir com eles expectativas e pressuposições comuns e, conseqüentemente, compreender melhor o processo interativo. No caso, o pesquisador atuou como professor dos cursos do Virtus, participante de entrevistas da UOL, usuário nos chats de suporte da UOL e, nos demais casos, como um indivíduo participante de tarefas não especificadas a priori.

A forma como o contexto está intrínseco à unidade de análise é representada pelas funções dêiticas implícitas ou explícitas dos marcadores espaço-virtuais. Como já foi discutido, as funções dêiticas estão vinculadas ao contexto e muito do que é comunicado através delas só pode ser compreendido, no caso deste estudo, se forem feitas associações às pressuposições sobre o tipo de atividade e o funcionamento da interface.

Uma última consideração a ser feita sobre a unidade de análise é não “como ela é utilizada”, mas “para que ela é utilizada”. As pretensões dialéticas desta pesquisa não só no que tangem ao objeto, mas também em relação a como se entende a própria pesquisa, conforme foi apontado no capítulo 1, fazem com que se pense em transformações e diferenças como fatores cruciais. Neste sentido, qualquer tentativa de homogeneização está afastada, bem como reduções estatísticas de classificação. Um estudo efetivo, nesta perspectiva, não procura regularidades ou freqüências. Muito pelo contrário, o que deveria guiar um estudo é o entendimento de como o objeto apresenta diferenciações nas mais diversas condições (Engels, 2000; Cheptulin, 1982; Kosik, 2002; Vigostski, 1996a, 1996b, 2001; Politzer, 1967). A partir desta idéia, há uma idéia associada relacionada a como ver cada momento de transformação do fenômeno e sua categorização. É algo um pouco diferente de como tem sido vulgarmente aplicado o termo “categoria”.

Em Valsiner (2000), essa noção é especificada para psicologia com uma base sócio-cultural. O autor diz que pesquisadores que vislumbram as transformações e as consideram nestas pesquisas vêem a transformação no tempo como uma “infinitude boa”. Isso quer dizer que eles têm uma idéia geral sobre o fenômeno, a partir do qual novas formas podem pertencer a uma mesma categoria na base de sua similaridade geral, apesar de cada nova forma ser única. Em uma abordagem que enfatize as transformações e o desenvolvimento, de acordo com Valsiner(2000), a idéia do devir está presente todo tempo. Em abordagens não desenvolvimentais, um fenômeno não é visto em função de suas diferenças, mas em uma abordagem que privilegie o desenvolvimento, como no caso desta pesquisa, um fenômeno está sempre “se tornando”, embora e até em função disso, mantenha sua identidade.

Foi em função do que foi discutido anteriormente que a unidade de análise desta pesquisa foi construída: para captar as categorias de transformação do espaço virtual, embora essas categorias possam ser entendidas de uma maneira geral sob as mesmas denominações.

A partir da análise, pôde-se observar sete formas de realização das atividades através das quais os sujeitos compartilhavam ou supunham compartilhar algum conhecimento com os demais. Essas categorias foram denominadas conexão, engajamento, emergência, manutenção, imergência, desengajamento e desconexão. Tais categorias dizem respeito, portanto, tanto ao fluxo interacional quanto às estratégias utilizadas para os indivíduos localizarem os outros e a si mesmos e serão discutidas no próximo capítulo.

6 FORMAÇÃO ESPAÇO-VIRTUAL: CONEXÃO, ENGAJAMENTO, EMERGÊNCIA, MANUTENÇÃO, IMERGÊNCIA, DESENGAJAMENTO E DESCONEXÃO

A seguir, um detalhamento das categorias de formação espaço-virtual, de acordo com o que está sendo exposto nesta pesquisa. Em termos de apresentação dos dados, optou-se por mostrar apenas trechos das interações dos chats exemplificadas neste trabalho. Comentários breves de outras situações observadas são apenas citações adicionais de esclarecimento e não são mostrados em destaque como os trechos das interações. Para cada formação espaço-virtual, são analisadas situações nas quais há atividades previamente definidas (aulas, entrevistas e serviços de suporte de uso da Internet), bem como casos nos quais não há atividades previamente definidas (na maioria das vezes, conhecer pessoas). Em ambas as situações, são analisadas as formas como as expectativas e as pressuposições sobre o uso da interface e dos seus signos participam da construção do espaço virtual.

Utiliza-se um exemplo principal para cada situação e são comentadas diferenças que ocorreram em outros casos. No caso do exemplo principal em atividades previamente definidas, foram utilizadas sessões de aulas do Virtus. No caso do exemplo principal, em atividades não previamente definidas, foi utilizada uma sessão de uma sala do Terra. Os chats analisados são, para atividades previamente definidas, do Virtus para aulas e da UOL para entrevistas e serviços de suporte. Para as outras atividades, chats do Terra, do Superig, do Paltalk e do Yahoo Messenger. O mIRC não foi focado neste capítulo porque as análises eram semelhantes às do exemplo do chat do Terra e o Superig, o Paltalk e o Yahoo Messenger

foram escolhidos apenas para focar as diferenças que podem surgir com o uso adicional de áudio e vídeo. A entrevista da UOL também enfoca questões nesse sentido.

6.1 FORMAÇÃO ESPAÇO-VIRTUAL EM CHATS COM ATIVIDADES PREVIAMENTE DEFINIDAS

Conexão e engajamento

A conexão é a mensagem do sistema, indicando que alguém entrou na sala e o engajamento é a primeira mensagem do indivíduo que indica que ele próprio está no espaço virtual. De uma maneira geral, podemos entender que, para saber que está em uma sala, o indivíduo precisa identificar ele mesmo de algum modo.

No caso do chat, o indivíduo precisa se ver marcado no ambiente por ele mesmo. Este é o ponto de partida, o engajamento necessário para que a experimentação do espaço seja realmente efetivada e este fato é tão essencial que o indivíduo precisa se engajar através de uma mensagem, que pode ser representada de vários modos, mesmo que não veja qualquer indício de que alguém já está no espaço virtual.

As atividades previamente definidas são aquelas nas quais os indivíduos sabem do papel do outro ou ao menos sabem que lá haverá funções específicas, como no caso de professor e aluno nos chats dos cursos a distância do Virtus, no caso de entrevistador e entrevistado nas entrevistas da UOL e usuário e analista de suporte (atendente), nos serviços de suporte da UOL.

O caso de o indivíduo não ver qualquer indício de que alguém está no espaço virtual e mesmo assim emitir sua mensagem ocorreu mais em situações de atividades previamente definidas. Nos demais casos, isso ocorria, mas não tanto quanto nos momentos em que já havia uma atividade previamente definida. Além disso, a conexão nesses casos apresentou mais avisos de chegada e cumprimentos do que nas outras situações.

O engajamento é necessariamente a mensagem do indivíduo, não do sistema (que é a conexão) nem uma observação de outro participante, nem também um nome nas listas de *nicknames* de pessoas que estão na sala. Neste caso, os nomes ficam nas listas devido a conexões. O engajamento é uma mensagem ativa, ou seja, o indivíduo precisa perceber que ele próprio está no espaço virtual pelo fato de ele mesmo a ter enviado. Em uma sala física, o indivíduo sabe que está nela pelas relações que tem de si com os limites do espaço. Em uma sala virtual, o indivíduo tem relações dele com o espaço, mas que ele só constatará se tiver a segurança de que o sistema possibilitou sua entrada, através de uma conexão (por meio de um aviso do sistema) e através do engajamento (por meio de sua própria intercalação) com a conexão ou com uma mensagem que se tenha a expectativa que surja). O fato peculiar do engajamento é o seu caráter dialógico, que ocorre em qualquer outra mensagem, mas, no caso de ser um engajamento, mostra-se flagrante para o indivíduo a constatação de que ele mesmo começou a agir em um espaço simbólico. A conexão “abre as portas” para a entrada do indivíduo. O engajamento é a constatação de que o indivíduo “passou pela porta”.

Aulas no Projeto Virtus

O sistema conecta a pessoa através de uma mensagem, dizendo que a pessoa está na sala. No engajamento, em geral, é emitido um aviso de chegada ou um cumprimento. O

engajamento corresponde, portanto, neste caso, à primeira intercalação realizada na abertura da conversação. Deve-se salientar que, considerando o momento no qual o primeiro engajamento ocorre, no exemplo adiante, não há qualquer outra mensagem na interface com a qual o indivíduo possa associar a sua mensagem. É de particular importância este fato no sentido de que atividades programadas, como no caso das aulas aqui exemplificadas, têm não só um conteúdo com uma expectativa própria, mas também um funcionamento no qual as pessoas têm à disposição as informações de quantas pessoas vão chegar na sessão, quando ela ocorrerá e em qual horário, quando vai terminar etc. O primeiro engajamento da sessão, então, é visto como o delimitador que inicia a construção do espaço virtual por um indivíduo e que abre o espaço para todos os indivíduos que chegarão na sala.

O trecho mostrado adiante corresponde a uma reunião marcada por e-mail para acontecer às 19:30 de 8 de janeiro de 2002 dentro do curso de “Internet e Educação”. O professor avisou anteriormente que a discussão duraria uma hora para que fossem tiradas dúvidas sobre o hipertexto da primeira aula e para que fossem discutidos outros assuntos a serem determinados no dia. A partir de 19:21, apareceu a seguinte intercalação.

P2 ACABA DE ENTRAR NA SALA – (19:21:7 em 8-jan-2002)

P2 - Boa noite a todos. Estou aqui para o primeiro contato síncrono como o Professor e demais alunos do curso

Quadro 6.1 – conexão e engajamento em chat do Virtus

A primeira linha é emitida pelo sistema quando o indivíduo fornece seu nome – é estabelecida a conexão. Na segunda linha, P2 engaja-se ao espaço virtual com um cumprimento e informa o motivo de estar lá (“aqui”). No momento em que P2 entra no ambiente, pode-se observar que ele é o primeiro a chegar por volta do horário marcado. Não

havia marcação textual de outras pessoas naquele instante, ou seja, não havia mensagem de outro indivíduo a ser intercalada – apenas o seu aviso de conexão. P2 emite a mensagem na expectativa de encontrar alguém. Não há um par adjacente de uma conversa e nem P2 está construindo uma seqüência a outra mensagem de outra pessoa, mas há um caráter dialógico no seu ato.

Pode-se notar um dêitico implícito no cumprimento de P2. Ele diz “Boa noite a todos” e em seguida completa sua mensagem com a sentença “Estou aqui para...”. Nesta última sentença, o termo “aqui” é explicitado, mas o espaço de encontro se mantém implícito para um eventual interagente, o que significa que o lugar é pressuposto. Há uma expectativa de encontro com outras pessoas e uma referência dêitica ao espaço virtual no qual se está engajado. Apesar de já haver uma conexão e um engajamento ao espaço virtual, ele só emerge quando alguém responde, quando outra pessoa compartilha a suposição do espaço virtual, intercalando outra mensagem.

As funções dêiticas de localização para o cumprimento podem ser entendidas como de conhecimento ou pressuposição. Ao avisar que está “aqui”, P2 dá uma função de conhecimento ou pressuposição ao lugar e, de alguma forma, identifica onde ele próprio está. Fillmore (1997) ressalta que indicações de lugar tomam parte no sistema dêitico de uma linguagem em virtude de as expressões de localização servirem como ponto de referência espacial e que o próprio corpo pode servir como referência.

No caso do chat, não há corpo, existe o papel da interface e, deste modo, poderíamos entender que há também uma função de informação do lugar, quando P2 diz “estou aqui...”, se considerássemos a marcação textual como um lugar do espaço virtual ou a representação

dele. Contudo, as marcações textuais não são lugares nem representações, são meramente indicações (dêiticos propriamente ditos). O ambiente de chat não pode ser uma representação do espaço virtual, mas é uma indexação porque, se assim não fosse, mais de uma marcação textual representaria a mesma pessoa e mais de uma vez em um mesmo espaço.

Evidencia-se que o espaço aqui tratado não é um “lugar aristotélico” e que a linguagem o molda nas relações que faz.

Vale ainda enfatizar o contexto no qual P2 está inserido. Ele ressalta na sua mensagem que haverá um primeiro encontro com os demais alunos e com o professor. Os alunos e o professor sabem de antemão a quantidade de alunos no curso. Há uma expectativa de encontro e com uma certa quantidade de pessoas. Este seria um fato a se enfatizar em um curso ou em um encontro programado no qual houvesse conhecimentos pré-determinados. Nas várias outras sessões analisadas dos cursos do Projeto Virtus ocorreram fatos semelhantes.

Entrevista da UOL

No do quadro 6.2, as conexões e os engajamentos foram entendidos também como os avisos do sistema e as primeiras mensagens dos indivíduos que eles poderiam averiguar.

Contudo, já havia uma mensagem do sistema sem identificação de quem mandou, avisando que uma banda seria entrevistada naquela sessão e que faria um show em São Paulo. O nome da banda e dos integrantes é preservado com XXXX. Esta mensagem não é uma intercalação, já está presente na interface bem antes das intercalações da sessão do chat.

Há várias mensagens do sistema, indicando entradas (conexões com o final “entra na sala...”) e saídas (desconexões com o final “sai da sala...”, que serão explicadas mais adiante), para só depois aparecer uma mensagem do moderador, dizendo a “bojo” (o *nick* do autor desta pesquisa) que sua mensagem fora recebida e seria analisada. Este fato se mostra peculiar, em relação ao Virtus, porque o engajamento do moderador é feito apenas com “bojo” e não com os demais indivíduos que se conectaram à sala (cadastraram seus *nicks*).

Nota-se outro fato peculiar. A intercalação de mensagens de conexão e engajamento do moderador não existe. Ele tem apenas engajamento. Ele se engaja com bojo, que já havia se conectado, e pode ter se engajado com outros indivíduos, desde que isto tivesse sido feito de forma reservada. Esta forma reservada constitui um espaço exclusivo entre os interagentes, o espaço virtual privado, que não é aquele compartilhado por todos os indivíduos da sala.

Bem-vindo ao Bate-papo com Convidados do UOL. Converse agora com XXXX, integrantes da XXXX, sobre o show que farão nesta sexta em São Paulo. Para enviar sua pergunta, selecione o nome do convidado no menu de participantes.
É o primeiro da lista.

(07:13:14) **bojo** entra na sala...

(07:13:45) **maurorecife** entra na sala...

(07:13:47) **bia** entra na sala...

(07:14:01) **RAPPAdura*M*** entra na sala...

(07:14:26) **RAPPAdura*M*** sai da sala...

(07:14:26) **bia** sai da sala...

(07:14:35) **VIVIANE** entra na sala...

(07:14:57)  **MODERADOR** (reservadamente) fala para **bojo**: Sua mensagem foi enviada para o moderador UOL. Caso seja selecionada será publicada sobre um fundo amarelo. Obrigado.

(07:15:13) **pb_em_chamas** entra na sala...

(07:16:19) **La mariquita** entra na sala...

(07:16:24) **gatafoiz** entra na sala...

(07:16:30) **almeidinha** entra na sala...

(07:16:56) **almeidinha** suspira por **VIVIANE**: Quer tc, comigo?

Quadro 6.2 – conexão e engajamento em chat da UOL

Há um espaço virtual privado entre “bojo” e o moderador. A função do moderador é monitorar toda a atividade interativa (quem entrou, o que diz, que perguntas serão as mais adequadas para serem selecionadas etc). Logo, as pressuposições de conhecimento do funcionamento deste ambiente são fundamentais para se entender como adentrar e construir cada espaço virtual, além das pressuposições de uma atividade de entrevista em si. O engajamento compartilhado por todos surge depois. O engajamento do moderador no quadro 6.2 é apenas o que é compartilhado por ele e por “bojo”. O primeiro engajamento compartilhado por todos surge após uma seqüência de intercalações de conexões e desconexões, e é feito por “almeidinha”, que pergunta se “VIVIANE” quer “tc” com ele.

É interessante observar neste ponto a forma como o engajamento surge devido ao uso de modos de enviar do chat do UOL. “almeidinha” intercalou uma mensagem de conexão direcionada especificamente a “VIVIANE”, mas a compartilhou com todos na conexão do espaço virtual. O fato de se ter uma atividade previamente definida de entrevista não implica necessariamente que o engajamento tenha que ser feito com o objetivo de iniciar uma entrevista. Prevaleceu a escolha de um modo de enviar, com uma mensagem direcionada a uma pessoa específica. No caso da aula do Virtus, os engajamentos podem até ser intercalados sem um direcionamento específico para a atividade, mas são ao menos cumprimentos ou expectativas de que alguém chegue para que se prepare para o início da atividade. Obviamente, quando “almeidinha” intercala sua mensagem com “VIVIVANE”, não está preparando nada para a entrevista a ser realizada.

Em relação à forma como os dêiticos são intercalados, é importante frisar que a única diferença notável é a forma como eles estão relacionados com as próprias pressuposições de

uso do ambiente. Quando o moderador se engaja com “bojo”, e não explicita para quem é a mensagem naquele espaço virtual privado, o faz com a condição prévia de ter enviado uma mensagem “reservada” para “bojo”. Há, portanto, uma função dêitica de localização de pressuposição: nem a pessoa nem o espaço específico são explicitados. “almeidinha” também não explicita a pessoa a quem envia a mensagem, na sua mensagem, no espaço virtual. Há, contudo, uma função dêitica de pressuposição que envolve o contexto de conhecimento de uso do ambiente: o modo “suspira por” enviado para todos. O grau de desenvolvimento tecnológico do ambiente requer, assim, hipoteticamente, mais pressuposições de uso quanto mais avançado for ou quanto mais recursos nele houver.

Em uma atividade previamente definida, há uma tendência para quanto mais formal e mais restrita for a comunicação (em termos de modos de uso), mais os engajamentos sejam cumprimentos e aberturas, baseados em avisos de que se está em um determinado lugar. Nos chats do Virtus, há uma formalidade maior em função de uma atividade educacional programada anteriormente com início e fim – o que repercute no espaço na forma em que ele é criado com mais expectativas e cumprimentos –, e há a restrição de só haver comunicação compartilhada por todos – o que repercute no espaço na forma em que ele é também compartilhado por todos.

Suporte da UOL

Na entrevista da UOL, as intercalações das mensagens dos indivíduos podem ter direcionamentos, falas reservadas e outros modos de envio, dos quais as pessoas podem fazer uso, e, como foi visto, elas fazem, sem a preocupação de estarem necessariamente cumprimentando ou avisando que ali estão para uma entrevista, o que repercute na construção

do espaço virtual. Um outro exemplo que corrobora esta hipótese, além dos observados no Virtus e nas entrevistas da UOL, é o do suporte da UOL, representado de acordo com a figura abaixo. A tarja é utilizada para encobrir o nome real do atendente.

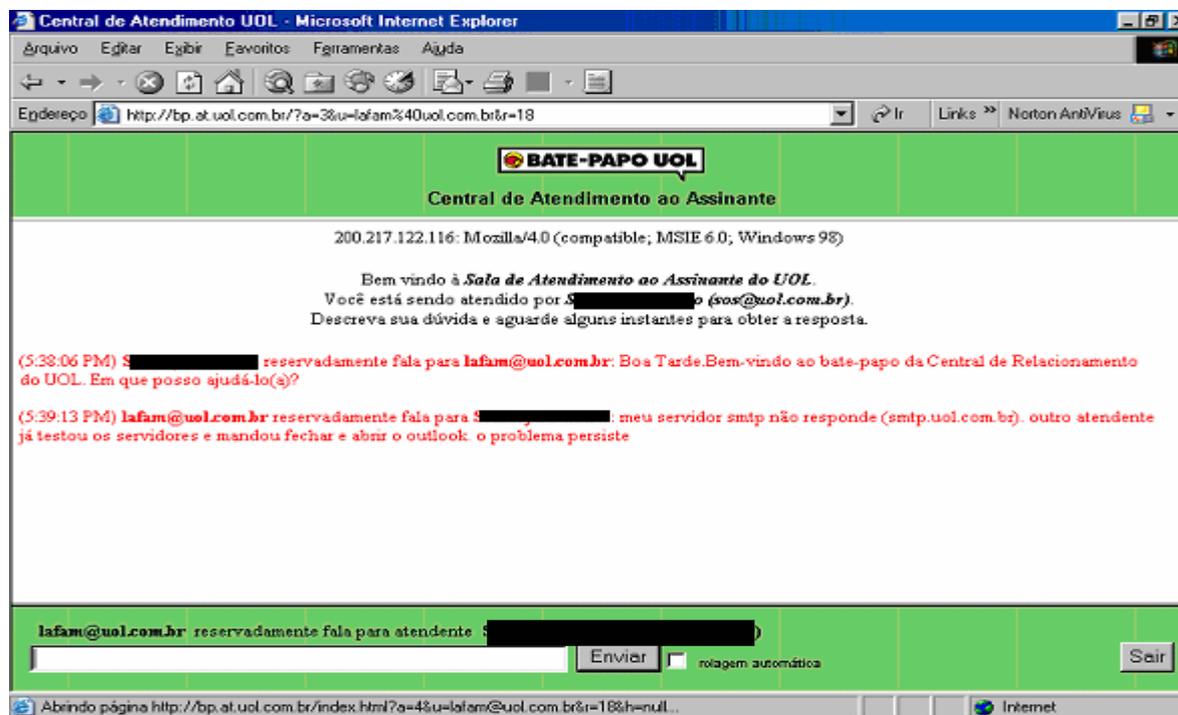


Figura 6.1 – conexão e engajamento em chat daUOL

Nesses ambientes de suporte, há um aviso do sistema com um cumprimento, com uma referência à pessoa que prestará atendimento e com uma indicação do que deverá ser feito naquele momento. Além disso, não há mensagem de conexão, pelo menos para quem é atendido. Obviamente, neste caso, já se espera que alguém esteja conectado ao espaço.

A pessoa que atende pode retomar as informações do ambiente no engajamento do espaço, se o usuário não se engajar antes, e normalmente o faz. Nesse caso, observa-se claramente que o espaço é formalizado e destinado para a atividade de suporte e só há o modo reservado de conversa, mas mesmo assim as informações com cumprimentos e avisos são retomadas, muito mais do que em chats que não têm uma atividade muito formal ou mais

estritamente programada, ou seja, ocorrem mais intercalações que não dizem diretamente respeito à atividade principal, exatamente nos engajamentos dos chats onde há uma atividade mais estritamente definida. Veja que, na primeira intercalação, o atendente retoma o cumprimento no engajamento.

Em vários outros casos de engajamento nas aulas do Virtus, nas entrevistas da UOL e nos suportes da UOL foram verificadas as mesmas relações. Os engajamentos em atividades nas quais há expectativas específicas preenchem alguns requisitos de abertura (cumprimentos e avisos) em relações mais estritamente pré-definidas (aulas do Virtus e suporte da UOL) e dispõem sobre outras informações quaisquer em relações não tão estritamente definidas, mas também pelo fato de o funcionamento da interface possibilitar uma redefinição desses requisitos. Em outras palavras, a atividade e o modo de envio (em termos mais gerais as características tecnológicas do instrumento) contribuem em conjunto para determinar as conexões (ou a falta delas) e o engajamento ao espaço virtual.

Emergência

O conceito de emergência do espaço virtual está associado a um reconhecimento, resposta, observação etc, de uma mensagem de conexão ou engajamento. A emergência surge na interação primeira do desenvolvimento do fluxo conversacional e também é o momento de preparação para que o espaço virtual seja mantido. Os dêiticos utilizados são semelhantes aos da conexão com algumas funções adicionais já que a emergência inicia como a segunda parte do par adjacente da conexão ou do engajamento.

A emergência inicia como uma intercalação a uma conexão ou engajamento, mas não faz parte apenas desta intercalação. O período de emergência do espaço virtual perdura até o momento em que o espaço for efetivamente mantido. A emergência inicia e vai até o fim da abertura da conversação. O indivíduo vê que alguma pessoa se conectou ao espaço e tenta, junto com esta pessoa, fazer emergir um espaço que seja socialmente compartilhável.

Aulas no Projeto Virtus

No caso do exemplo tratado anteriormente da aula do Virtus de “Internet e Educação”, há algumas linhas que se seguem na mesma sessão de chat e que correspondem ao início da emergência. Essas linhas correspondem a cumprimentos e considerações sobre a chegada de outros alunos, por parte de L, o professor do curso. Vejamos as linhas que aparecem na seqüência à conexão mostrada no exemplo anterior.

P2 ACABA DE ENTRAR NA SALA – (19:21:7 em 8-jan-2002)

P2 - Boa noite a todos. Estou aqui para o primeiro contato síncrono como o Professor e demais alunos do curso

L ACABA DE ENTRAR NA SALA – (19:30:21 em 8-jan-2002)

L – Ola P2 e P1, Vamos esperar dois minutos pela chegada de P3

Quadro 6.3 - emergência em chat do Virtus

L cumprimenta P2 e P1 e pede que se espere um pouco pela chegada de outro aluno. Neste momento, L está se referindo a P2 e P1 e, como está se referindo a outras mensagens, também está construindo uma seqüência intercalada. Assim, L inicia um período de emergência.

É importante observar que a linha na qual o sistema mostra a entrada de L é uma conexão, a linha na qual L começa a emitir sua própria mensagem é um engajamento, mas a emergência não é uma linha em si, mas o início da intercalação entre P2 e L

No cumprimento “olá P2 e P1,...”, podemos considerar implicitamente um espaço no qual L, P2 e P1 estão no ponto de vista de L. Podemos entender que L está considerando o seu cumprimento para pessoas que estão em um mesmo espaço de encontro. A função dêitica implícita de localização é de conhecimento ou pressuposição. O que é interessante neste exemplo, é que L inicia a emergência do espaço virtual, tanto se referindo a P2 quanto a P1, supondo que haveria uma intercalação com P1. Vimos, porém, que o encontro tinha sido marcado para as 19:30 e concluímos que P2 foi quem efetuou a primeira conexão e o primeiro engajamento e que foi o único a aparecer naquele momento.

O fato de o engano de L ter acontecido é que algumas pessoas tinham efetivado conexões e engajamentos bem antes da data e do horário marcados, com o intuito de experimentar ou de testar o sistema e não de dar início ao encontro anteriormente marcado. O sistema registrou estas experimentações e testes na interface. Pode-se ver que algumas pessoas até colocaram seus nomes, mas nem sequer emitiram mensagens, ou seja, nem sequer se engajaram ao espaço virtual. Havia a seguinte seqüência antes de P2 entrar.

VIRTUS ACABA DE ENTRAR NA SALA - (13:23:18 em 3-jan-2002)
VIRTUS - Bem vindos à sala de bate-papo da aula de Introdução à Informática na Educação!
L ACABA DE ENTRAR NA SALA - (16:49:10 em 4-jan-2002)
L -Bem-vindos! Observem as datas e o horário de cada mensagem antes de começarem a conversação!
seu nome ACABA DE ENTRAR NA SALA - (12:33:43 em 8-jan-2002)
P1 ACABA DE ENTRAR NA SALA - (12:34:31 em 8-ian-2002)

Quadro 6.4 – seqüência antes de emergência em chat do Virtus

Pode-se observar, portanto, que L assumiu que P1 estava no encontro, mas que a marcação de P1 ocorreu às 12:34. Há problemas contextuais que se referem ao próprio sistema e que afetam a atividade de emergência: marcações anteriores são registradas e continuam na mesma janela, independentemente da hora ou do dia.

Como se pode ver, L se referiu a P1, não por observar a hora, mas por observar a data, que era a mesma do dia do encontro. Isso pôde ser constatado pelos próprios P2 e L em mensagens emitidas algum tempo depois:

P2 – Prof. L. Acredito que a P1 também ainda não chegou

L – Ah, não! Estou enganado. Revi a mensagem de P1 e ela é referente ao meio-dia de hoje!

Desta forma, foi corrigida a falsa atribuição de P1 estar naquele momento, pois L notou que a sua intercalação com P1 não fazia parte daquele instante.

Voltando ao quadro 6.3, vê-se uma referência implícita de L para ele mesmo, no espaço virtual, simplesmente pelo fato de sua mensagem textual poder ser vista por ele próprio. Após o cumprimento, há um complemento dele na marcação quando diz “Vamos esperar dois minutos pela chegada de P3”. Neste texto, L apresenta um dêitico de pessoa implícito (nós) e o localiza no espaço virtual, de modo que se espere um pouco até o momento no qual P3 também entre neste espaço.

O período de emergência é aquele no qual as pessoas estão em conjunto, tentando estabilizar um espaço de encontro. Nestas ocasiões, podem ainda ser feitas algumas

continuidades relacionadas a cumprimentos, referências à espera, comentários sobre se alguém chegou ou não etc. Na emergência, as pessoas ainda não começam a conversar sobre assuntos centrais aos quais vão direcionar a maior parte de sua interação. Outros exemplos de emissões de emergência em outras sessões dos cursos são os seguintes: “oi, vamos iniciar o papo”, “ninguém fala nada?”, “quem começa o assunto?”, “vem alguém mais para a aula?”, “quantas pessoas ainda vão chegar?” e “a sala está cheia!”

Vale a pena caracterizar um pouco mais o período de emergência no sentido de entender a forma como o espaço é preenchido e como é esperado ser preenchido. Quando as pessoas vão chegando a um espaço tridimensional, o ocupam e o preenchem. Nas dimensões físicas, há partes do espaço e as pessoas se posicionam nele, ficando próximas ou distantes umas das outras. Mas será que uma pessoa pode ficar perto de outra no espaço virtual que é objeto desta pesquisa? E as noções de frente, trás, alto, baixo, largo e fundo podem ser apreendidas em uma sala virtual? Segundo Fillmore (1997), noções como essas são usadas para dimensões que se salientam, mas há uma situação diferente para o uso de termos como “denso” ou “cheio”. Assim, um carro pode ser comprido, largo e alto. Uma porta pode ser alta, larga e densa. Uma sala pode ser funda, alta, larga e estar cheia. Pode-se considerar que uma sala de chat pode estar “cheia”, mas não há dimensões salientáveis para que seja caracterizada como um objeto ou um ambiente físico. No máximo, o que pode se dizer é algo do tipo “joão está aqui! dê uma olhada acima”. Nesse caso, o acima se refere a uma marcação textual na interface que, como já vimos, não representa o espaço virtual, mas indica (indexa) a presença de alguém.

Em suma, a emergência designa os momentos de estabilização do espaço virtual e todas as expectativas relacionadas ao seu preenchimento.

Adicionalmente às observações referidas anteriormente, é importante que sejam colocadas as questões de movimento no espaço virtual. Um outro exemplo que se refere de forma intensa ao movimento é o de outra turma do curso de “Internet e Educação” do Virtus, cujos principais trechos estão apresentados no quadro abaixo. As partes destacadas em reticências (...) são de outros momentos que não são da emergência.

P4 ACABA DE ENTRAR NA SALA - (18:25:51 em 19-fev-2002)
P4 as 18:27:20 em 19-fev-2002: li os comentários dos colegas especialmente da P3. acho que vou aprender muito com uma webdesigner.
P4 as 18:30:49 em 19-fev-2002: Observei pelo e-mail do professor, que somos pelo menos em 12 até o momento, inclusive um da Espanha, se não estou enganado.
P4 as 18:32:14 em 19-fev-2002: Aqui em Rondonia ainda são 17:30. Como não tem ninguém na sala, estou de saída. Obrigado.(...)
P3 as 20:4:47 em 19-fev-2002: Ola a todos boa noite.
L as 20:5:40 em 19-fev-2002: Oi P3! Parece q vc já inciou o nosso papo. Ótimo! Vc tem experiência de ensino també,? (...)
P3 as 20:11:4 em 19-fev-2002: Ola gostaria de saber quem esta ai no momento
L as 20:11:15 em 19-fev-2002: P3, vc está aí? (...)
Tenho. Dou aula de webdesinger para a gr as 20:13:11 em 19-fev-2002: dou aula de webdesing para a graduação
P3 ACABA DE ENTRAR NA SALA - (20:14:22 em 19-fev-2002)
P3 as 20:14:45 em 19-fev-2002: Ola ninguem fala nada? (...)
P3 as 20:15:33 em 19-fev-2002: Ola professor. Te mandei um email para o senhor me ajudar. O senhor ainda não me respondeu. (...)
L as 20:18:11 em 19-fev-2002: Oi P5!. dê uma olhada na pauta abaixo, OK? (...)
P3 as 20:22:28 em 19-fev-2002: Com relação ao texto 1, gostaria de discutir aqui as possibilidades hipermediáticas para serem exploradas na EAD via Internet

Quadro 6.5 - emergência com referência a movimentos em outro chat do Virtus

A primeira peculiaridade pode ser notada às 18:32:14. P4, que das 18:25:51 até às 18:32:14 vinha desenvolvendo sozinho uma seqüência, vai finalizando o espaço, dizendo que horas são no lugar onde ele está e justificando sua saída pelo fato de não ter ninguém “na sala” naquele momento. Obviamente, ele assume que “está” na sala, e qualquer outra pessoa que eventualmente visse a sua mensagem teria que “ver” que ele esteve na sala. A construção do seu espaço virtual através da linguagem se faz através de uma ação, realizada através de

uma intercalação das próprias mensagens, mas não se constitui uma emergência propriamente dita, já que não há intercalação de mensagens de indivíduos diferentes.

Pode-se notar que, a partir de uma mesma ação, P4 diz que está em um espaço físico de uma região do Brasil em uma determinada hora e realiza uma marcação na interface. Contudo, ele ainda diz que “não há ninguém na sala” e que “está de saída”. Há várias informações que podem ser depreendidas com o texto de P4: a referência ao seu local físico, a marcação de tempo no seu local físico, a marcação na interface, a marcação de tempo na interface, a referência ao espaço virtual de encontro e a pressuposição de que, naquele momento, haveria a geração de um local de encontro. Em outras palavras, em suas mensagens, mesmo não constituindo uma emergência propriamente dita, P4 vai mantendo um espaço com referência a expectativas e marcações diferentes da construção do espaço virtual

A segunda peculiaridade é identificada na conversação entre L e P3, cujo início pode ser assegurado às 20:4:47, quando L cumprimenta P3. As primeiras intercalações de P3 e L são engajamentos que abrem o início do período de emergência (às 20:4:47 e 20:5:40), quando finalmente outras mensagens são intercaladas (às 20:11:4 e 20:11:15) Em meio à conversa, L procura saber onde está P3 e P3 procura saber onde estão os outros. Acontecem alguns eventos inusitados.

P3 procura saber quem mais está na sala (“gostaria de saber quem mais está aí no momento”) às 20:11:4, e questiona o fato de ninguém falar nada (“Ola ninguem fala nada”) às 20:14:45. Nota-se que P3 se refere a todos às 20:4:47 (“Ola a todos boa noite”), mas que esta referência, de acordo com o que vimos na análise do exemplo anterior, não quer dizer que P3 já esteja encontrando “a todos” na sala. Pode haver apenas uma expectativa de encontro.

Contudo, como se sabe que os participantes se enganam em relação à participação de outros no momento, pelo fato de encontrarem marcações feitas muito tempo antes, de acordo com o que também foi visto no exemplo anterior, é reforçada a possibilidade de P3 imaginar que já haviam outros participantes. Esta hipótese é confirmada quando P3 requisita a participação dos outros às 20:11:4 e às 20:14:45.

Em relação a L, podemos constatar que ele procura saber de P3, às 20:11:15 (“P3, vc está aí?”) e que, às 20:13:11, P3 não está respondendo a L e já está na manutenção (“dou aula de webdesign para a graduação”), mas intercalando o que foi feito às 20:5:40 (“Oi P3! Parece q vc já inciou o nosso papo. Ótimo! Vc tem experiência de ensino també,?”). Nesse caso, apenas até o momento que se constata que P3 iniciou o papo é que ainda é emergência. Este fato ocorreu porque P3 saiu do sistema e, quando entrou (se conectou novamente ao espaço), foi responder a uma pergunta de L, realizada quando P3 ainda estava no sistema. Às 20:13:11, nota-se também que há um problema de inserção do nome, ao entrar no chat.

Os eventos ocorridos com L e P3 sugerem que há problemas agudos de coordenação espaço-temporal, em virtude de a ação ser realizada a partir de pressuposições geradas pela observação da interface, desencadeando expectativas frustradas.

A terceira peculiaridade desta análise está às 20:18:11. L, ao observar a entrada de P5, pede que P5 “dê uma olhada na pauta abaixo”. O uso de dêiticos, focalizando o discurso, como já foi mencionado, faz referência a partes específicas do discurso, mas também a pessoas e a objetos. Há a expectativa, neste caso, de que P5 olhará a pauta, que é uma parte do texto, e há a pressuposição de que P5 saberá como agir para olhar a pauta. Esta ação de P5 envolve o conhecimento de funcionamento da interface (apresentação das mensagens em uma

determinada ordem e uso da barra de rolagem no caso de a pauta não poder ser visualizada naquele instante). Tal fato mostra como os participantes do chat precisam ter pressuposições comuns, bem como os participantes do chat e o projetista do sistema também precisam ter pressuposições comuns. É importante notar que a pauta não é um elemento do espaço virtual. Os elementos do espaço virtual são sujeitos, que se supõe estarem no espaço virtual para realizarem determinadas operações com a interface, mas que o uso de elementos do espaço da interface é sempre feito por sujeitos do espaço virtual.

Em relação às referências a outros recursos e ao tipo de atividade que está sendo desenvolvida, pode-se chegar a uma série de outras constatações. Vejamos, a seguir.

Nas linhas cujos horários marcados são 18:27:20, 18:30:49, 20:15:33 e 20:22:28, aparecem as seguintes afirmações:

- a) “li os comentários dos colegas especialmente da P3. acho que vou aprender muito com uma webdesigner.”, de P4;
- b) “Observei pelo e-mail do professor, que somos pelo menos em 12 até o momento, inclusive um da Espanha, se não estou enganado.”, também de P4;
- c) “Ola professor. Te mandei um email para o senhor me ajudar. O senhor ainda não me respondeu.”, de P3; e
- d) “Com relação ao texto 1, gostaria de discutir aqui as possibilidades hipermidiáticas para serem exploradas na EAD via Internet”, também de P3.

Todas essas afirmações se referem a outros recursos, mas também a outros textos. Há uma intertextualidade explícita, que só pode ser compreendida pelos participantes do curso, devido ao contexto de suas atividades.

A primeira afirmação refere-se ao fórum do curso; a segunda, a um e-mail enviado por L para todos os alunos; a terceira, a um e-mail de um dos alunos enviado para L; e, a quarta, ao hipertexto do curso. Os textos que estão em cada um dos recursos também têm suas formas de construção espaço-temporal, mas o que é importante dizer aqui é a forma como informações textuais dos mais diversos recursos, inclusive daqueles que não estão nos ambientes virtuais de aprendizagem podem contribuir para a construção de um texto e, conseqüentemente, do espaço. As informações de 18:27:20 e 18:30:49 explicitam esta questão de forma mais clara. Quando P4 diz que leu algo de P3, mesmo que em outro lugar, constrói uma expectativa sobre P3 e sobre a sua chegada no chat. Quando P4 diz que viu no e-mail do professor que naquela turma há 12 alunos, constrói não só uma expectativa de encontro, mas uma expectativa de quantas pessoas estarão no encontro virtual, de como o espaço virtual será preenchido. Como cada um dos recursos é utilizado em tempos diferentes, não há como dizer que há uma conversa no ambiente como um todo, mas pode-se afirmar que a ação comunicativa é desenvolvida, tendo como base seqüências e turnos, intercalações enfim; ou seja, não há simplesmente uma conversação, mas há formas de se localizar no espaço virtual que correspondem a vez que cada um tem de se posicionar no texto ou na comunicação do ambiente virtual como um todo, relacionada a outra posição dentro ou fora daquela sessão.

As atividades realizadas nos ambientes têm um foco educacional, de capacitação de professores. Até o momento não se pôde constatar nada a respeito do conteúdo da atividade e

sua relação com a construção espaço-temporal. Contudo, há de se notar que a estrutura na qual as atividades se apóiam contribuem de alguma forma para a ação de construção espaço-temporal dos participantes. A atividade contribui de alguma forma. A própria metodologia dos cursos, com base na integração de recursos e na discussão em conjunto, tem um papel importante na forma como se posicionam os indivíduos. Quando, em um determinado recurso, se faz referência a outros, não se faz simplesmente por fazer. É requerido no início dos cursos, por exemplo, que os alunos façam suas apresentações e comentem seus interesses no fórum. Por isso P4 faz a afirmação já mencionada a respeito de P3, às 18:27:20. É enviado um e-mail, antes do início do curso, com orientações gerais para os participantes. É por isso que P4, às 18:30:49, comenta sobre um e-mail enviado pelo professor. Neste e-mail, pede-se aos alunos que enviem um e-mail para o professor quando tiverem alguma dúvida. Nota-se que P3 enviou um e-mail para o professor, de acordo com o que P3 mesmo diz às 20:15:31. Às 20:22:28, P3 fala do hipertexto do curso. Nas orientações gerais enviadas aos alunos, é mencionado que os chats serão utilizados exatamente para se discutir e tirar dúvidas sobre os hipertextos.

Toda orientação e desenvolvimento da atividade repercutem no espaço virtual na medida em que se constata a movimentação em vários tipos de espaços virtuais. Constatou-se o movimento de outro recurso e de outras seções de ambientes do Virtus, além dos movimentos internos no chat. Um exemplo que mostra movimentos não só do virtual para o virtual, mas do físico para virtual está representado a seguir em entrevista já referida de banda na UOL.

Entrevista da UOL

(07:17:43) **almeidinha** *desculpa-se com VIVIANE*: Que isso mina
 (...)
 (07:18:28) **almeidinha** *desculpa-se com VIVIANE*: De onde você é?
 (...)
 (07:20:07) **almeidinha** *sorri para Drica*: Quer tc, comigo?
 (...)
 (07:20:11) **queroover** *fala para Todos*: que merda, a tecnologia nao ultrapassa o limite do transito de sao paulo
 (...)
 (07:20:25) **almeidinha** *sai da sala...*
 (...)
 (07:22:12) **Moderadora UOL**: Caros, a banda esta a caminho do UOL. Pedimos desculpas pelo atraso e agradecemos a compreensão de todos.
 (...)
 (07:27:27) **bojo** *fala para Todos*: pô, meu! cadê os cara???
 (07:27:53) **Nanã** *fala para bojo*: "os cara tá presu nu transito, manu !"
 (...)
 (07:29:47) **Rib** *fala para -==XXXXNation==*: Adoro vc´s ...Quando vem a Uberlandia
 (07:31:40) **XXXX**: Olá a todos!! Olá Mangue Boys e Mangue Girls. Olá para quem está em São Paulo ou perto da cidade. Boa noite pra quem tá chegando e pra quem já chegou!

Quadro 6.6 - emergência com movimentos entre o físico e o virtual

Às 07:17:43 e 07:18:28, “almeidinha” dá continuidade a sua seqüência de mensagens, fazendo referência a “VIVIANE” no espaço virtual. Faz o mesmo com “Drica” às 07:20:07, para sair às 07:20:25.

É importante notar que ocorre uma emergência com intercalação de mensagens de uma pessoa em relação a conexões e não em relação a engajamentos. O que acontece de interessante são as várias mensagens com referência a espaços ou possíveis outros espaços não sendo da Internet. Às 07:18:28, “almeidinha” perguntou de onde “VIVIANE” é.

Esse fato é muito comum, principalmente em chats onde não há atividades previamente definidas. Como a atividade de entrevista não tinha dado sinal de início, várias pessoas agiram de forma semelhante a de um chat de encontros.

Outras referências a outros lugares físicos e sua relação com o virtual ocorreram do seguinte modo. “querovover”, às 07:20:11, fala do trânsito de São Paulo, com a possibilidade de se referir à demora do início da entrevista pelo fato de os entrevistados não terem ainda chegado.

O próprio moderador entra com uma mensagem às 07:22:12, pedindo desculpas pela demora. O moderador ainda manda uma mensagem de emergência específica para “bojo”, autor desta pesquisa, constituindo a emergência de um espaço privado virtual. Às 07:27:27 este pesquisador emerge com uma pergunta sobre a localização da banda (“pô, meu! cadê os cara???”) e às 07:27:53 “Naná”, através de uma emergência de um espaço virtual privado, responde que a banda está no trânsito (“os cara tá presu nu transito, manu !”).

É interessante notar aqui uma correspondência de forma de falar típica da cidade de São Paulo, não importando se os indivíduos interagentes são da cidade ou não. Às 07:29:47 há referências a ações em lugares físicos, sugerindo a expectativa do movimento físico-virtual-físico. Finalmente, às 07:31:40, os membros da banda, em meio a um período de emergência, se conectam ao espaço virtual de modo que se possa iniciar a entrevista.

É importante adiantar que no momento da chegada da banda, os seus integrantes se engajam ao espaço virtual de uma maneira bem particular, altamente relacionada à forma como a interface está sendo utilizada pelo moderador. Há o início de uma emergência, considerando a intercalação da mensagem da banda com a de outros indivíduos. Aparece o vídeo dos integrantes da banda na interface, no quadro direito da interface, que está coberto para que a imagem seja preservada.

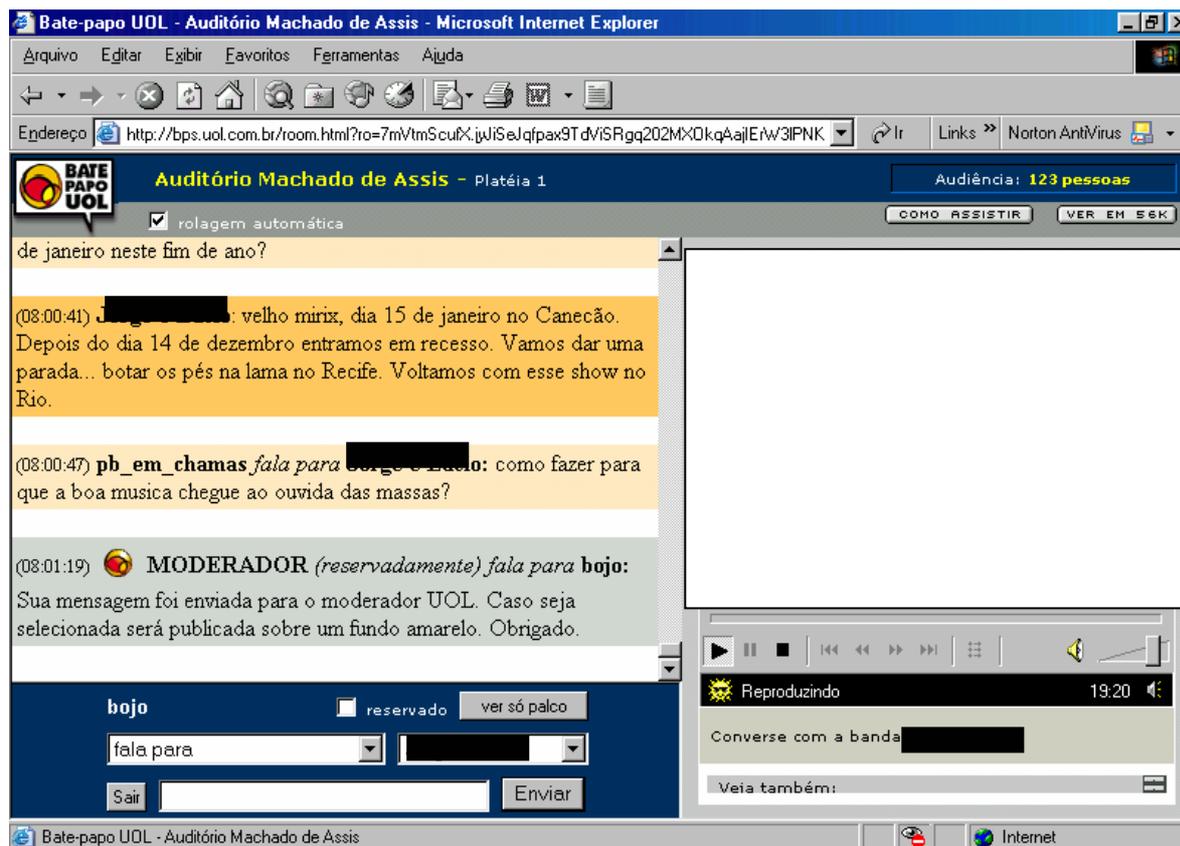


Figura 6.2 - emergência em entrevista da UOL com áudio e vídeo

Os recursos da entrevista da UOL possibilitam que se veja a imagem dos entrevistados e também se ouça o que eles dizem. Porém, as perguntas são lidas pelo moderador e passadas em voz alta para a banda que também responde em voz alta. O moderador, então, digita o que foi falado, em geral de uma forma resumida com o nick dos integrantes da banda (aqui será referido como XXXX). Tal fato faz ver não só as formas diferenciadas e as intercalações de modos diferenciados que podem surgir, mas também que a entrada da banda (“XXXX”) no espaço virtual ocorre através da forma engajada deles, podendo ser mediada por outra pessoa, no caso, o moderador. O fato de o moderador digitar as mensagens e, de certa maneira, também entrar no espaço virtual com a mensagem que digita, perde seu grau importância, na perspectiva deste trabalho, devido à simbolização do espaço virtual. Como se sabe, o espaço virtual está altamente relacionado ao uso do instrumento (a uma forma física na interface),

mas a sua constituição é simbólica. “XXXX” pode entrar no espaço virtual, mesmo sem digitar algo ou até sem ver a tela do computador, desde que sua ação instrumental seja mediada.

Em relação às funções dêiticas nas intercalações em todos os casos de movimentação, é crucial observar que os movimentos de um lugar para outro são feitos indiscriminadamente pelos sujeitos. Não há separação entre a forma de se referir a movimentos dentro do virtual, nem separações entre a forma de se referir aos movimentos físico-virtual e vice-versa. As indexações dêiticas, além de serem indiferenciadas, são intercambiáveis.

Suporte da UOL

Não só a título de confirmação da forma como a atividade mais previamente definida e também mais formal especifica um tipo de espaço com formação espaço-virtual própria, é importante que sejam analisadas as duas primeiras linhas do exemplo ainda colocado na explicação sobre conexão e engajamento:

(5:12:22 PM) XXXXXXXX reservadamente fala para lafam@uol.com.br: Boa tarde e bem-vindo ao bate-papo da Central de Relacionamento do UOL. Em que posso ajudá-lo(a)?

(5:13:16 PM) lafam@uol.com.br reservadamente fala para XXXXXXXX: meu servidor smtp não responde desde ontem (smtp.uol.com.br)

Observa-se, neste caso, uma emergência estritamente formal, altamente encadeada com cumprimentos e, ao mesmo tempo, já voltada para a realização da atividade previamente definida do chat (o suporte). Nesse momento, pode-se dizer que o período de manutenção

também já se inicia, enquanto que a emergência, ao mesmo tempo que inicia, termina. O atendente pergunta em que pode ajudar e a resposta se refere a um problema técnico. Nota-se um espaço emaranhado no sentido em que engajamento, emergência e manutenção estão bastante próximos. A própria mensagem de lafam@uol.com.br já apresenta momentos de manutenção, embora seja também a entrada efetiva e engajada do participante, através da qual ele pode estar no espaço (indexando-se para si e para os outros) e respondendo a um engajamento (criando uma situação de emergência). Adiante, a categoria “manutenção” será melhor detalhada.

Manutenção

O conceito de manutenção está relacionado a intercalações que fazem com que o espaço virtual seja mantido. Após a emergência, o espaço virtual adquire uma estabilidade relativa e as intercalações ocorrem não mais para simplesmente as pessoas se localizarem, mas para que outros assuntos em pauta sejam desenvolvidos e para que o espaço permaneça.

Aulas no Projeto Virtus

No contexto dos cursos a distância do Virtus, a manutenção é de grande importância, pois os assuntos são necessariamente discutidos em volta de algum ponto central determinado pelo professor ou atendendo a alguma necessidade didática do curso.

Ainda no exemplo que está sendo tratado, seguem-se três linhas após a emergência, que representam a manutenção, as quais são mostradas adiante.

P2 ACABA DE ENTRAR NA SALA – (19:21:7 em 8-jan-2002)

P2 - Boa noite a todos. Estou aqui para o primeiro contato síncrono como o Professor e demais alunos do curso

L ACABA DE ENTRAR NA SALA – (19:30:21 em 8-jan-2002)

L – Ola P2 e P1, Vamos esperar dois minutos pela chegada de P3

P2 – Sou Professor do Departamento de XXXX e estou interessado em aplicar tecnologia Educacional

L – Por enquanto, adianto para vocês a pauta do que podemos conversar nesta sessão, que sugiro que seja a seguinte...

L – 1 –dúvidas sobre o hipertexto da aula 01, 2-discussão sobre nossa experiência em tecnologia educacional e 3-perspectivas em relação ao curso

Quadro 6.7 - manutenção em chat do Virtus

Observa-se que P2 se apresenta e mostra seu interesse em aplicar tecnologia educacional. L refere-se à pauta da sessão e a descreve. É importante ressaltar um fator crucial na manutenção: a sua relativa estabilidade. Quando se diz que há uma “relativa estabilidade” quer se dizer duas coisas. Uma, é que o espaço é mantido, mas depende da relação com mensagens anteriormente construídas e que prepara condições para que outras mensagens sejam intercaladas. No exemplo em tela, quando L descreve o assunto a ser discutido, prepara caminho para um determinado direcionamento na conversação no sentido de que o espaço continue sendo mantido. Em outras palavras, a manutenção precisa ser entendida como estando em contínuo desenvolvimento em um compartilhamento mútuo entre os indivíduos, o qual está relacionado ao tipo de atividade que os indivíduos estão realizando ou a alguma expectativa.

Outra questão relacionada à relativa estabilidade da manutenção é que assuntos específicos são conversados, mas características de outros conceitos, como as da emergência e do engajamento, podem ser retomadas. Alguém pode lembrar da possibilidade de outra pessoa chegar, alguém pode chegar atrasado e reiniciar os cumprimentos, alguém pode ser desconectado do sistema devido a algum problema técnico e anunciar a sua volta ao entrar de

novo no espaço etc. Este fato mostra novamente, e seguindo a abordagem aqui proposta, que alguns dos conceitos expostos não devem ser entendidos como estágios fixos. Sempre pode haver uma retomada, no caso, da conexão, da emergência e do engajamento.

Outra questão de grande importância é o tipo de referência espacial de uma mensagem de manutenção. Quando P2, no exemplo em pauta, diz “Sou professor do...”, podemos entender que P2 diz que é professor do departamento XXXX e que continua naquele espaço pelo simples fato de ter emitido uma mensagem. Quando o indivíduo intercala mensagens na seqüência, após a conexão e o engajamento, também está dizendo que se mantém naquele espaço virtual. Assim, podemos subentender que há uma função dêitica de localização implícita de conhecimento ou pressuposição.

Remete-se, a partir da observação anterior, outra questão: a referência dentro do espaço. Como já vimos, esta referência não é baseada em um corpo, mas em uma marcação textual e tem uma função dialógica. O indivíduo diz para si e para os outros que continua “ali” no sentido de manter um espaço interacional e é por isso que dizemos que ele continua a indexar o espaço. Supõe-se que o contexto dos cursos do Virtus ajuda a delimitar a noção de manutenção compartilhada entre os participantes. No caso de chats com atividades não previamente definidas, a situação é um pouco diferente, como será visto adiante.

A idéia de manutenção do espaço virtual, portanto, é vista como aquela na qual as pessoas, eminentemente, mantêm a interação e, conseqüentemente, o espaço virtual, sem uma preocupação explícita de se localizarem e estão conversando sobre um outro conteúdo mais específico.

Entrevista da UOL

(07:31:41) **querover** *fala para franzemoraes*: que nada meu, ribeirão eh cidadão e interior de sp eh massa, fala mal não...te pego na saída,rs

(07:31:53) **Naná** *fala para XXXX*: oi, "meninos" da XXXX ! quais são as novidades para esse show ??

07:31:53) **Naná** *fala para XXXX*: oi, "meninos" da XXXX ! quais são as novidades para esse show ??

(07:32:33) **D3_RJ** *sai da sala...*

(07:32:56) **XXXX**: Nanã, o público pode esperara a melhor apresentação da XXXX! Estivemos fora do país recentemente. Estamos numa fase muito importante. Este show vai dar origem ao DVD e esperamos todo o público para a gravação do show!

(07:32:56) **bojo** *fala para XXXX*: oi?! q significa blunt of judah?

(...)

(08:07:33)  **MODERADOR** (*reservadamente*) *fala para bojo*: Sua mensagem foi enviada para o moderador UOL. Caso seja selecionada será publicada sobre um fundo amarelo. Obrigado.

(...)

(08:09:21) **bojo** *fala para XXXX*: q acharam da declaração de ariano suassuna de q vcs juntavam uma coisa linda (maracatu) com uma coisa feia (rap)?

(08:09:21) **Diego** *sai da sala...*

(08:12:16) **XXXX**: bojo, este é o pensamento dele. Ele é bem purista. Não podemos agradar a todos. Acredito que para certas pessoas, algumas coisas não devem ser mexidas. Talvez ele tenha medo do novo... e muita gente teme o desconhecido. Ariano quer manter tudo aquilo do jeito que é. Quer manter as tradições vivas. Nós queremos levar nosso trabalho pra todo mundo, com novos formatos. Com isso, estamos levando - até para o próprio pernambucano - que não conhecia. Tudo isso se deve pelo grito-manifesto que fizemos na década de 90.

Quadro 6.8- manutenção em entrevista da UOL

Esta situação mostra períodos bem claros de manutenção, representados pelas perguntas dos sujeitos e respostas de XXXX. Há apenas um fato peculiar a ser salientado. Como foi visto anteriormente, a utilização de som e vídeo proporciona que sejam vistos os entrevistados e que se ouça o que eles falam com o moderador. Em alguns momentos, ocorrem perguntas a XXXX que aparecem intercaladas ao som e não ao texto. Tal fato é

decorrente de um certo tipo de funcionamento tecnológico, que repercute no espaço virtual de modo que os participantes podem mantê-lo com base não só no que vêem, mas também e até antes, com base no que ouvem.

Acrescido ao fato mencionado, está o uso de um espaço virtual privado entre o moderador e os participantes. No exemplo tratado, observa-se que o moderador, às 08:07:33, intercala uma mensagem de manutenção privada a “bojo”, o autor desta pesquisa, referindo-se à possibilidade de uma mensagem que “bojo” enviara a XXXX ser selecionada. A mensagem foi selecionada depois e compartilhada com todos às 08:09:21. Nesse momento, ouviu-se o moderador falar com os integrantes da banda sobre a pergunta e eles hesitarem, ficarem parados, conversarem entre eles e só depois responderem para o moderador que publicou um resumo do que foi falado às 08:12:16.

O espaço virtual, portanto, foi transformado em um tempo captado não só pelo registro em texto, mas também pelo áudio e pelo vídeo. As expectativas não só foram geradas do mesmo modo pelo que foi ouvido, mas pelo que foi calado, pelo silêncio “registrado” (confirmado no áudio e no vídeo) e não simplesmente no texto. A manutenção do espaço aconteceu por uma diversidade de fatores que atuavam em conjunto. As referências dêiticas, mais pessoais neste caso, ocorreram por outras formas de mídia além do texto. Os integrantes da banda, ao serem ouvidos, mesmo não olhando para o computador e interagindo diretamente com o moderador, davam suas respostas às pessoas que realmente haviam feito as perguntas, seja por uma referência explícita do moderador ou por uma referência explícita dos próprios integrantes da banda. Na manutenção, há dêiticos específicos não para expectativas de chegada, cumprimentos ou preparação do espaço, mas dêiticos para organização de quem já está no espaço.

Suporte da UOL

A manutenção da UOL, nas situações de serviço de suporte, é extremamente clara. Os indivíduos participantes, apesar de explicitarem momentos de engajamento e emergência, estão tão envolvidos na atividade, que buscam resolvê-la sempre, conseqüentemente tentando solucionar um problema de utilização da UOL e subsidiariamente, criando um momento claro de manutenção, como pôde ser visto, inclusive, no exemplo anterior. Em alguns momentos, este pesquisador tentou fugir de assuntos da manutenção, mas ou os atendentes não respondiam ou simplesmente paravam com o funcionamento do sistema.

Imergência, desengajamento e desconexão

A imergência corresponde a um fechamento na conversação. É a partir desta idéia que as pessoas se preparam para encerrar a sessão de chat e se desconectar do espaço virtual. São, normalmente, emitidos avisos de despedida ou cumprimentos. A imergência se desenvolve até o momento do desengajamento, podendo estar entremeada na manutenção e vice-versa.

Em síntese, a imergência é uma preparação para se fechar um espaço e culmina com um desengajamento, que tem conseqüências bem diferenciadas da desconexão. A desconexão é uma mensagem de alguns sistemas que avisam que o indivíduo se desconectou do espaço. Em outras palavras, que não estão mais com seu programa em funcionamento

No exemplo a seguir, podem ser vistas algumas intercalações de imergência e uma emissão final de desengajamento de uma das sessões de chat desenvolvidas em um curso de

“Introdução à Informática na Educação”. No momento, L, que é professor do curso, e pesquisador deste trabalho, está finalizando uma discussão com P1, um aluno.

P1 ACABA DE ENTRAR NA SALA - (20:57:19 em 8-mai-2002)

L - Ok. P1, infelizmente parece que nosso tempo está esgotando. De qualquer forma, qualquer dúvida específica que tenha, pode me manda um e-mail. Há mais algo que vc deseje comentar agora? Só mais uma coisa: as datas para entrega dos trabalhos estão boas para vc?

P1 - Probleminhas de conexão aqui também... Estou nesse curso exatamente buscando base para outros projetos melhores.

P1 - Certo, foi proveitoso para mim. Vou enviar a tarefa agendada para hoje daqui a pouco. Muito obrigada. Se precisar eu peço socorro pelo fórum. Até breve.

L - Então Boa noite!

P1 - Boa noite!

Quadro 6.9 - imergência e desengajamento em chat do Virtus

Nota-se que há um aviso do sistema, dizendo que P1 chegou. P1 havia saído do chat devido a algum problema tecnológico do sistema e retomou a discussão, inserindo seu nome. Inclusive, P1 avisa na terceira linha que teve problemas de conexão “também”. Durante esta sessão de chat, outros alunos tiveram problemas semelhantes e não deram continuidade à discussão. Na segunda linha, L avisa que “o tempo está esgotando”, faz considerações sobre outras eventuais dúvidas e pergunta sobre as datas de entrega dos trabalhos. Essas considerações de L sugerem o início de um período de imergência. P1 intercala uma mensagem, avisando sobre os problemas do sistema e, na mesma intercalação, fala sobre projetos que deseja fazer, associando o que diz com um assunto sobre projetos, discutido na manutenção. P1 arremata sua mensagem com uma emissão seguinte, intercalando o que diz com o que L falou na segunda linha, ou seja, P1 diz que “foi” proveitoso – finalizando em conjunto com L a sessão do chat, se refere também às datas dos trabalhos (“tarefa agendada”) e afirma que, se precisar, pede ajuda no fórum. P1 ainda inicia os cumprimentos finais com um “Até breve”. Finalmente, o fechamento culmina com os desengajamentos de ambos, L e P1, através de intercalações finais de cumprimentos de “boa noite”.

Em relação ao uso dos dêiticos nas mensagens intercaladas, podemos fazer três considerações sobre o exemplo exposto.

Em primeiro lugar, P1 foi desconectado do sistema e entre a manutenção e a imergência intercalou uma mensagem de emergência. P1 recorreu a um novo aviso de localização (“Probleminhas de conexão aqui também”). O “aqui” em questão pode ser entendido como “a minha parte no compartilhamento de um espaço virtual”, mas também como o local físico, pois os problemas de saída do sistema ocorrem muitas vezes devido a problemas de natureza tecnológica. Considerando que o “aqui” é a “minha parte no espaço virtual”, podemos entender que há uma recorrência à emergência do espaço. Pode haver, então, uma função dêitica de conhecimento ou pressuposição, sem que o “aqui” seja explicitado. De qualquer forma, um problema de saída do sistema sempre acarreta a saída do espaço virtual.

A segunda consideração diz respeito aos cumprimentos finais e as suas eventuais relações dêiticas implícitas. Foi considerado que na emergência do espaço virtual há localizações implícitas. Do mesmo modo, pode-se fazer esta consideração em relação à imergência, mas com uma função diferente, pois não há apenas uma localização das pessoas. Há, principalmente, uma referência implícita de que as pessoas não estarão mais naquele “local”. Em outras sessões de chat, foram observados muito comumente não só os cumprimentos e despedidas, mas avisos explícitos de que as pessoas estariam indo embora. Por exemplo, antes dos cumprimentos finais, eram recorrentes mensagens como “estou indo embora”, “estou de saída” ou “vou embora”. Há, portanto, em muitas situações, uma

preparação para os cumprimentos finais. No exemplo atual, a emissão “Até breve” de P1 pode ser entendida como tendo esta função de preparação.

Vale a pena salientar como se dá o uso de verbos de saída e de chegada na imergência e na emergência, tanto quanto no engajamento e no desengajamento. É típico o uso de verbos como “vir” ou “ir”. Esses verbos, usados sem referência a um local, têm funções de localização de conhecimento ou pressuposição (chegar a algum local e ir a algum local). Quando se usa o verbo “ir” se supõe que alguém está e que, logo depois, não mais estará em algum lugar. Se alguém diz “vou embora” quer dizer que vai embora do “espaço virtual”, no caso dos ambientes de chat.

Fillmore (1997) faz observações importantes sobre as referências dêiticas em verbos como os que aqui foram mencionados. Segundo o autor, o verbo “vir” supõe o entendimento de um lugar onde tanto o falante quanto o destinatário são localizados no tempo de codificação e no tempo de referência. O verbo “ir” seria determinado pelas lembranças do narrador do movimento como sendo para a localização em um tempo de referência de característica central no episódio, para o qual a sentença tem referência. O verbo “vir” pressupõe um local de chegada comum, mas o verbo “ir”, não necessariamente. O espaço virtual, como qualquer outro tipo de espaço, pode ter uma noção de movimento associada a ele e as pessoas constroem esta noção quando intercalam suas mensagens textuais. A noção de movimento é adquirida, no caso do chat, na própria linguagem e só assim ela pode ser adquirida. Como já foi mencionado em outras categorias, nessas situações, pode ocorrer toda uma estratégia de movimentação entre o físico e o virtual.

A terceira consideração em relação ao uso de dêiticos nas mensagens intercaladas é relativa ao cumprimento final. Este cumprimento pode ser entendido como sendo o desengajamento. Ele delimita a sessão de chat em conjunto com o engajamento. É a última mensagem da pessoa que saiu do espaço virtual assim como a conexão é a primeira mensagem da pessoa ao entrar no espaço. Apesar das analogias, há uma função dialógica e uma função dêitica implícita no desengajamento que se diferenciam muito das respectivas funções na mensagem de engajamento.

O engajamento tem todo um caráter dialógico que o embasa, mas que não é tão preponderante no desengajamento. No desengajamento, pode-se considerar o caráter dialógico e também as funções de intercalação ou associação com outras mensagens já emitidas. No engajamento, há apenas a expectativa de intercalações de outras mensagens. Da mesma forma que falamos em relação ao uso dos verbos “ir” e “vir”, podemos entender que o engajamento e o desengajamento se diferenciam pelo tipo de função dêitica implícita de compartilhamento, que sugerem, as quais envolvem uma suposição que precisa considerar a referência que existe na mensagem em conjunto com o local no qual estão tanto emissor quanto destinatário.

No engajamento, a referência e os locais nos quais os participantes estão têm a mesma consequência que tem o uso do verbo “vir”. No desengajamento, a referência e os locais têm a mesma consequência do uso do verbo “ir”.

Em relação à desconexão, especificamente neste caso, é importante considerar a sua característica tecnológica que, tanto quanto a conexão, dependem exclusivamente do sistema. No caso do Virtus, não há desconexão, mas, no surgimento dela, há de se considerar as suas relações de entrada e saída como foi feito anteriormente.

Entrevista da UOL

(08:14:04) **velho mirix** *fala para XXXX*: como conseguem fazer discos diferentes e todos terem a cara da nação?

(08:15:30) **XXXX**: velho mirix, citando Fred Zero4, você não pode perder sua identidade. As diferenças entre os discos é bem importante para nós. A gente sempre está redeado de coisas novas.

(08:16:12) **XXXX**: Pilotem suas próprias cabeças. Convidamos a todos que compareçam no show, para a gravação do nosso DVD.

(08:16:12) **Moderadora UOL**: O Bate-papo UOL agradece a presença da XXXX e de todos os internautas. Até o próximo!

(08:16:24) **XXXX** *sai da sala...*

(08:16:24) **pb_em_chamas** *sai da sala...*

(08:16:42) **^_^polyana^_^** *sai da sala...*

(08:16:50) **querover** *sai da sala...*

Bem-vindo ao Bate-papo com Convidados do UOL. Converse agora com os integrantes da banda XXX sobre o lançamento do disco XXX. Para enviar sua pergunta, selecione o nome do convidado no menu de participantes. É o primeiro da lista.

(08:23:35) **Mano Quix - H2P** *entra na sala...*

(08:23:38) **Osmar de Poá São P** *entra na sala...*

(08:23:56) **Mano Quix - H2P** *sai da sala...*

(08:24:25) **thoco** *entra na sala...*

Quadro 6.10 – imergência, desengajamento e desconexão em chat da UOL

No exemplo em que ocorrem as situações anteriormente descritas, há apenas de se salientar a especificidade em relação à interface e à forma como ela é utilizada. Nota-se que às 08:14:04 e às 08:15:30 ainda prevalecem momentos de manutenção. Às 08:16:12 começa a surgir um momento de imergência, pois “XXXX” emitem uma recomendação e um convite, não respondendo mais diretamente a ninguém, mudando o assunto exatamente no final do período previsto. Como esta é a última mensagem de “XXXX”, ela é caracterizada também como um desengajamento. O moderador, em seguida, emite um aviso de agradecimento e se despede. O fato desta imergência e dos desengajamentos ocorrerem tão abruptamente está

relacionado com o uso do instrumento: a interface começou a ser utilizada para a entrevista com atraso e já se estavam entrando em um tempo (espaço) de uma entrevista seguinte. É tanto que não são todas as desconexões que são feitas. Para quem não as fez, o sistema simplesmente os ignora e depois de um tempo passa para a próxima entrevista.

O caso de suporte da UOL ocorre muito semelhantemente. A diferença básica é que se tem uma situação mais formal tão voltada para o momento de manutenção que os atendentes se despedem e não retomam a conversa a não ser se for para perguntar se o usuário tem mais dúvidas. Da forma semelhante ao que ocorreu com a manutenção, este pesquisador tentou manter a conversa em outro tom, mas ou os atendentes não respondiam ou simplesmente paravam com o funcionamento do sistema ou mesmo emitiam mensagens de imergências, mas perguntando se o usuário ainda queria resolver algum problema técnico.

6.2 FORMAÇÃO ESPAÇO-VIRTUAL EM CHATS COM ATIVIDADES NÃO

PREVIAMENTE DEFINIDAS

Conexão e engajamento

Em atividades nas quais as funções das pessoas não são pré-definidas (como a de conhecer pessoas), o engajamento pode apresentar muitos cumprimentos e avisos, mas o não uso de cumprimentos e avisos também ocorre. Este fato pode ser comprovado com o uso de um dos chats do Terra, descrito adiante. A conexão, como depende do sistema, ocorre de forma idêntica à que foi explicada nos chats com atividades previamente definidas.

Engajamentos no Superig, no Paltalk, e no Yahoo Messenger foram utilizados apenas para se comentar as diferenciações à parte mais relacionadas ao uso do instrumento do que à não especificação da atividade. Todos os exemplos procuram focar os primeiros engajamentos observados pelo pesquisador deste trabalho nas sessões que participou.

No chat do Terra, no qual foram experimentadas situações de encontros pessoais, foi verificado que, mesmo em salas nas quais havia um nome ou um tema de um assunto específico, a interação podia ocorrer apenas para encontros. Tal fato repercute em um chat com uma atividade não previamente definida porque as pessoas que se engajaram abrem o espaço não só com cumprimentos e avisos, mas também com informações de outra natureza.

		A PAZ DO SENHOR MEUS IRMÃOS
	alex 18:12:03	
	Julio16-SC 18:12:04	sai da sala
	Mormon 18:12:10	entra na sala
	PASTOR 39X21 CM 18:12:15	sai da sala
	A inesquecivel 25-SP 18:12:23	entra na sala
	julio 18:12:30	oi todos!
	ALEKS10 18:12:50	entra na sala
	alex 18:13:14	sai da sala
	Maria Izabel 18:13:26	entra na sala
	Anônimo2 18:13:40	entra na sala
	andresc 18:13:58	entra na sala
	julio 18:14:15	alguém aqui é realmente adventista?
	D@niel Cg 18:14:17	sai da sala
	morena 18:14:24	entra na sala
	Maria Izabel 18:14:31	fala com tombo-rj oi td bem

Quadro 6.11 - conexões e engajamento em chat do Terra

Pode-se identificar duas intercalações de engajamento neste exemplo em meio a uma série de conexões e desconexões: uma é o cumprimento de julio (o *nickname* do autor desta pesquisa) às 18:12:30, a outra é o cumprimento de Maria Izabel às 18:14:31. O aviso de Alex na primeira linha não pode ser caracterizado como engajamento porque não há uma garantia para o autor desta pesquisa de que, no momento em que apareceu seu aviso, este era a primeira mensagem de Alex após ter entrado no sistema. Por outro lado, o aviso de Maria Izabel é um engajamento claro, pois o sistema avisa que ela chegou às 18:13:26 e logo após, às 18:14:31 aparece a primeira mensagem textual dela. Em situações como essas, observou-se que muitos engajamentos poderiam ser intercalados sem que necessariamente fosse efetivada a construção do espaço virtual de forma mutuamente participativa.

Como é pressuposto desta pesquisa, não só a entrada e saída das pessoas na forma de engajamentos e desengajamentos são o que determinam a construção do espaço virtual, mas as intercalações delas em uma atividade colaborativa. Se assim isso não ocorrer não se pode nem dizer que a pessoa tentou constituir um espaço com outra pessoa, mas apenas que intercalou mensagens que, no máximo, possibilitaram um espaço para si mesmas.

A relação dêitica implícita de pressuposição do espaço ocorre como em qualquer outro engajamento nos cumprimentos apresentados assim como as pressuposições de uso do instrumento e dos signos lingüísticos textuais. Engajamentos como os exemplificados ocorreram em situações de encontro não só em outras sessões de chat do Terra, como também da UOL, do mIRC, do Superig, do Paltalk e do Yahoo Messenger.

As situações de engajamento nos chats do Superig, do Yahoo Messenger e do Paltalk ocorreram em atividades não previamente definidas, mas se tentou relacionar adicionalmente como tecnologias adicionais como as de som e de vídeo contribuíam na formação do espaço virtual. Observou-se claramente, e atendendo os pressupostos aqui especificados, que aberturas de engajamento poderiam ocorrer tanto através de mensagens textuais quanto através de emissões de áudio.

O vídeo, assim como as figuras nestes e em outros chats não constituíram engajamento. A explicação é a seguinte. A localização do próprio indivíduo remete a relações que ele pode fazer dele mesmo com o próprio ambiente, mas as únicas relações nas quais ele realmente é ativo, engaja-se na requisição de um espaço virtual (reconhece-se atuando nele), são aquelas realizadas através da fala e do texto. A sua própria imagem é apenas um vídeo que não implica o compartilhamento do espaço do indivíduo com o outro, do mesmo modo que em uma situação física. Uma pessoa pode estar ao lado da outra fisicamente e não compartilhar, ou seja, comunicar e ser comunicada sobre o espaço compartilhado.

Algumas particularidades, contudo, podem ser observadas em função de como o ambiente disponibiliza modos de intercalação para os interagentes. Vejam-se os exemplos adiante para o Superig (com espaço para foto, controle de áudio, vídeo e texto formatado), o Paltalk (com áudio – ordenado em fila com ícones de mãozinhas para que se fale, ficando com o ícone de microfone quando se está falando – e com vídeo – ativado a partir de comando do usuário nos ícones com câmera e disponibilizado em três imagens na coluna mais à esquerda) e o Yahoo Messenger (com vídeo – disponibilizado a partir de comando do usuário e permissão de quem cede a imagem – e áudio – disponibilizado no botão “falar”):

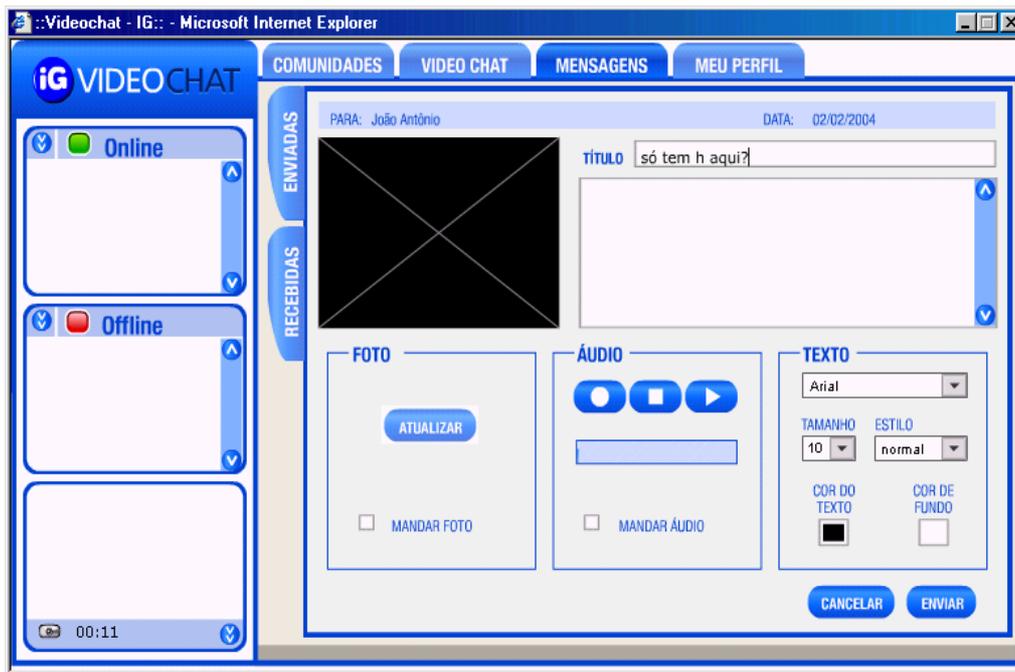


Figura 6.3 - entrada de dados de chat do Superig com áudio, vídeo e foto

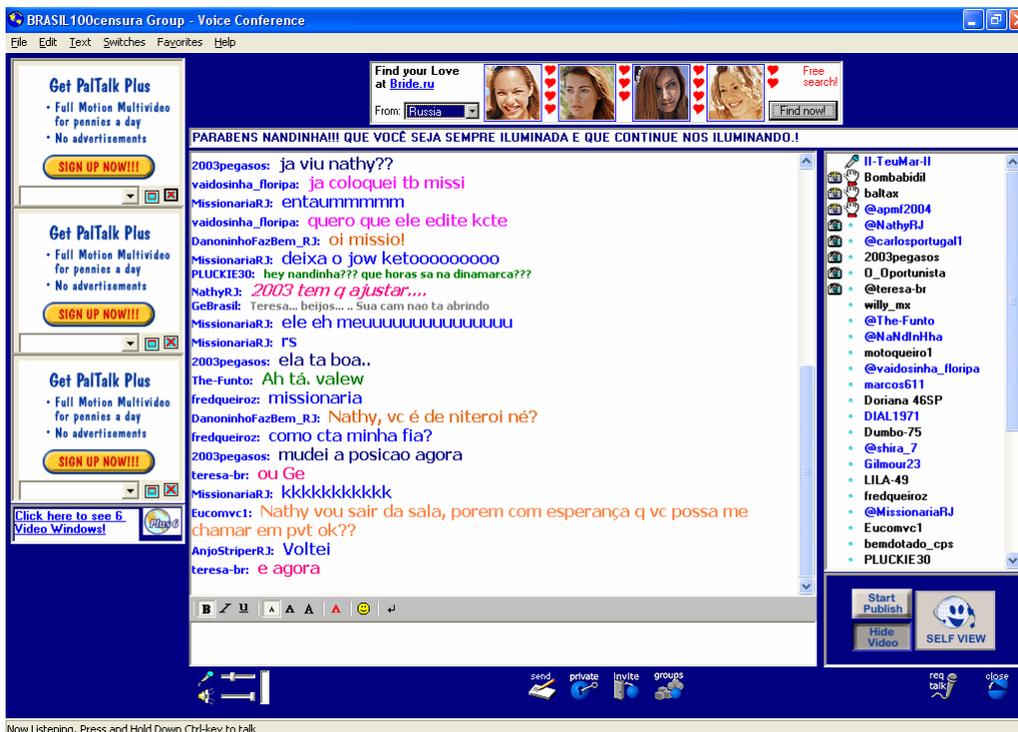


Figura 6.4 -interface do Paltalk com possibilidade de áudio e vídeo

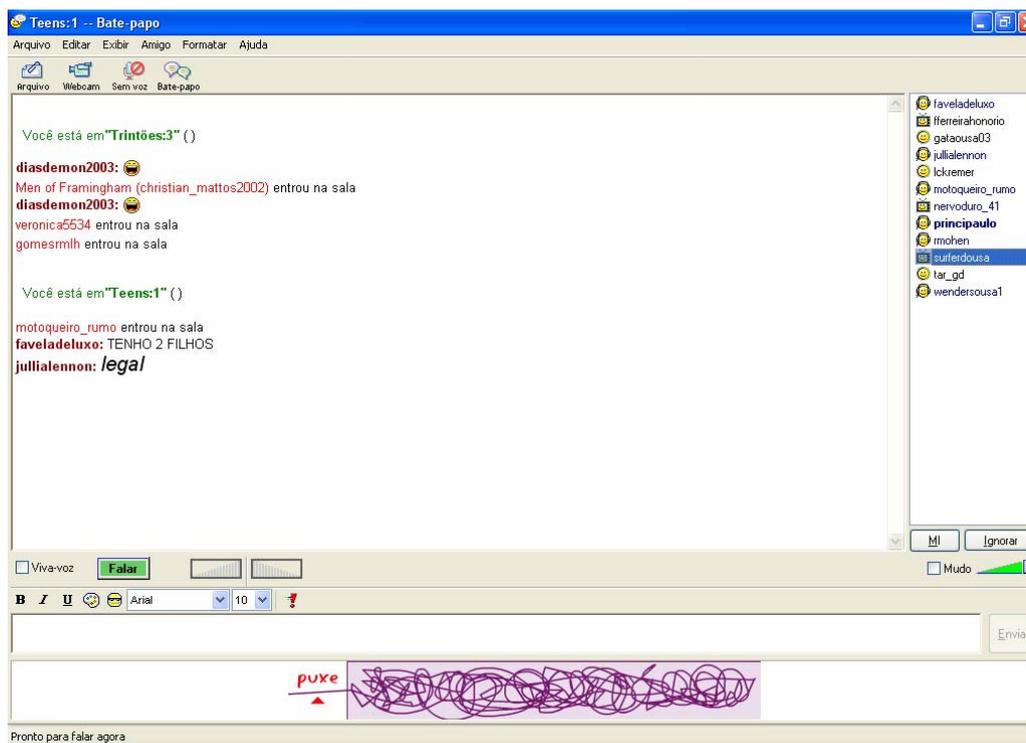
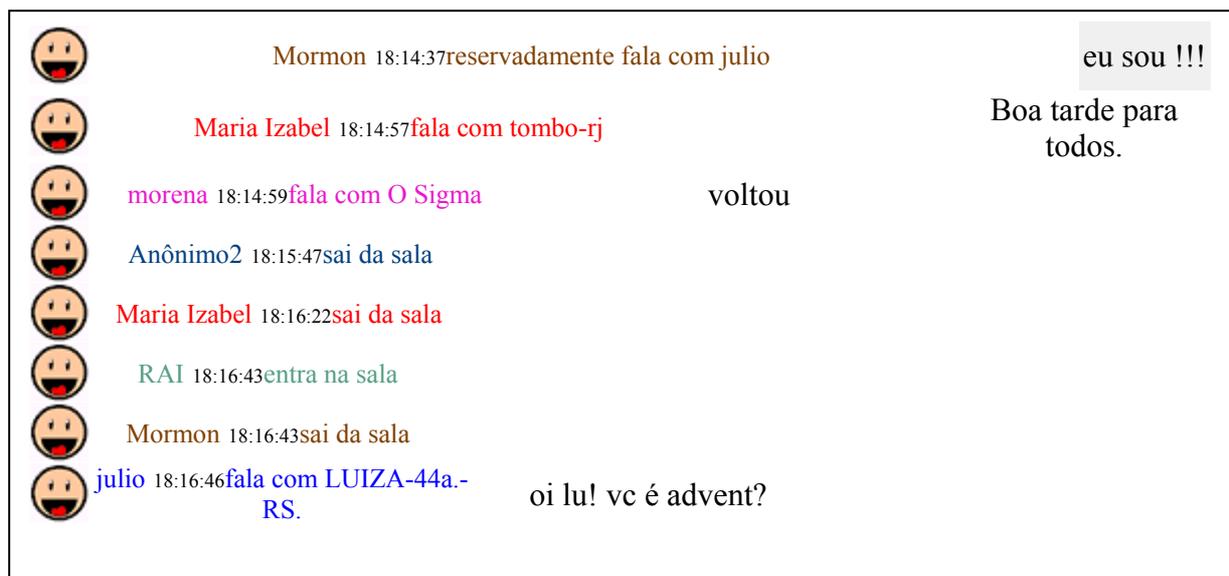


Figura 6.5 - interface do Yahoo Messenger com possibilidade de áudio (falar) e vídeo (webcam)

Emergência e manutenção

Em atividades nas quais as funções das pessoas não são previamente definidas, há uma certa dificuldade de estabelecer até quando ocorre a emergência, ou melhor, a manutenção inicia muitas vezes na própria emergência. Este fato é plausível, pois nas atividades previamente definidas se estabelece um fluxo interacional na intercalação de mensagens na emergência até o momento em que a “conversa” sobre o que vai ser feito ali realmente ocorre.

Em atividades não previamente definidas, o próprio objetivo da atividade pode estar no âmbito da emergência, ou seja, localizar, cumprimentar e conhecer pessoas. Veja-se a seqüência do chat do Terra adiante.



The screenshot shows a chat window with the following messages:

- Mormon 18:14:37reservadamente fala com julio
- Maria Izabel 18:14:57fala com tobo-rj
- morena 18:14:59fala com O Sigma
- Anônimo2 18:15:47sai da sala
- Maria Izabel 18:16:22sai da sala
- RAI 18:16:43entra na sala
- Mormon 18:16:43sai da sala
- julio 18:16:46fala com LUIZA-44a.-RS.

Additional text in the chat:

- eu sou !!!
- Boa tarde para todos.
- voltou
- oi lu! vc é advent?

Quadro 6.12 - emergência em chat do Terra

Como se pode observar, há várias intercalações, reconhecimentos e cumprimentos. Às 18:16:46 não há uma mensagem desses tipos. Há uma chamada a “lu”, mas relacionada a um conteúdo mais específico: a religião de “LUIZA-44a.-RS”. Por isso, mesmo se tratando de um chat de atividade não previamente definida, esta mensagem não é considerada uma emergência, pois há uma diferença em relação a uma emergência típica. A pergunta “vc é advent?” não é um cumprimento ou simplesmente uma forma de localização. O assunto muda em relação à emergência e a localização dêitica é implícita na pergunta que está intercalada à mensagem de emergência, engajamento ou conexão. Nos chats do mIRC, Superig, Paltalk e Yahoo Messenger aconteceram situações idênticas às explicadas, anteriormente. A diferença básica no Superig, Paltalk e Yahoo Messenger é que as intercalações podem ser feitas entre texto e áudio, só texto ou só áudio.

Imergência, desengajamento e desconexão

Será tomado como base o mesmo exemplo anteriormente tratado, do chat do Terra, com o intuito de mostrar uma seqüência na intercalação das outras categorias até chegar à

emergência, ao desengajamento e à desconexão. As situações para os outros chats analisados em atividades não previamente definidas são semelhantes, com a única diferença de que nestas atividades acontecem poucas emergências. Às vezes, ocorrem desconexões abruptas e às vezes nem isso, pois se consegue observar que a pessoa saiu devido a um aviso do sistema, sem qualquer outra mensagem desta pessoa. Situações no mIRC, Superig, Paltalk e Yahoo Messenger obedecem as mesmas observações anteriormente colocadas.

	Mormon 18:14:37reservadamente fala com julio	eu sou !!!	(...)
	julio 18:16:46fala com LUIZA-44a.-RS.	oi lu! vc é advent?	(...)
	LUIZA-44a.-RS. 18:18:21reservadamente fala com julio	Desculpe,mas agora estou ocupada.Mas sou adv. sim.	(...)
	julio 18:16:46fala com LUIZA-44a.-RS	oi lu! vc é advent?	(...)
	LUIZA-44a.-RS. 18:18:21reservadamente fala com julio	Desculpe,mas agora estou ocupada.Mas sou adv. sim.	(...)
	julio 18:19:01fala com LUIZA-44a.-RS.	luiza vc está em outros canais?(...)	(...)
	LUIZA-44a.-RS. 18:19:49reservadamente fala com julio	Tc c/ outro irmãosinho... .	(...)
	julio 18:21:31fala com LUIZA-44a.-RS.	luiza o "44a" é de que?	(...)
	LUIZA-44a.-RS. 18:22:13reservadamente fala com julio	sou coroa,é a minha idade.	(...)
	julio 18:23:56 reservadamente fala com LUIZA-44a.-RS.	ah! vc está falando com muita gente neste canal"? está em mais de um?	(...)
	LUIZA-44a.-RS. 18:25:28reservadamente fala com julio	É tu e mais outro irmãosinho... .	(...)
	LUIZA-44a.-RS. 18:27:42reservadamente fala com julio	Qual tua idade irmãosinho?	(...)
	julio 18:28:59reservadamente fala com LUIZA-44a.-RS.	30. gostou?	(...)
	LUIZA-44a.-RS. 18:36:24reservadamente fala com julio	Oi.Posso te atender mais tarde.Não gosto de fikr c/ 2 ao memsmo tmpo.Isto pra mim,parece c/ traição.adultério.falsificação... .	(...)
	julio 18:38:08reservadamente fala com LUIZA-44a.-RS.	ok	(...)

Quadro 6.13 – emergência, desengajamento e desconexão em chat do Terra

No chat do Terra, de acordo com o quadro anterior, pode-se fazer as observações que se seguem. O que se tentará colocar aqui é apenas um fato peculiar que pode ocorrer nas imergências e desengajamentos, quando se parte de determinados engajamentos, emergências e manutenções, levando-se em consideração as várias formas de transformação do espaço virtual e onde elas podem ou não culminar. Em outras palavras, se mostrará que determinadas categorias não compartilhadas, e neste caso esta situação é similar nas demais, podem culminar no fechamento do espaço em fluxos bem diferenciados, o que repercute em espaços diferentes.

Na situação tratada, os parênteses representam momentos de conexão, engajamento, emergência ou manutenção compartilhados por todos e uma ou outra tentativa de manutenção privada. São situações que ocorrem como a de 8:14:37, na qual “Mormom” responde a um pergunta anterior de “julio”, formando uma manutenção em um espaço privado. “julio”, no entanto, tenta manter espaço com “LUIZA-44a.-RS”, como se pode ver às 18:16:46 que, embora não seja uma mensagem privativa, é direcionada a uma única pessoa. É importante verificar que há situações em que as pessoas compartilham apenas partes de formações espaço-virtuais de outros, podendo criar no compartilhamento um outro tipo de formação. Seguindo a seqüência, pode-se verificar que “Julio” e “LUIZA-44a.-RS” constroem períodos de manutenção conversando sobre o fato de o outro estar em mais de um canal e sobre idade. O fato de uma pessoa poder estar em um espaço virtual sem sair de outro já foi discutido neste trabalho. O que importa neste caso específico é que o espaço privado de “Julio” e “LUIZA-44a.-RS” culmina às 18:36:24 e às 18:38:08 quando o primeiro interagente fala da impossibilidade de atender no momento e, o segundo, diz “Ok”.

O que se pode depreender neste último caso é que imergências e desengajamentos podem não ocorrer em uma interação mais do que as outras categorias. Durante toda a intercalação, podem surgir categorias entremeadas, mas nas três primeiras fica sempre aberta a possibilidade de uma mensagem inserida no meio ser ou não de fechamento do espaço (imergência, desengajamento e desconexão). Em chats com atividades não previamente definidas este fato ocorre ainda mais devido a um comprometimento menor e, conseqüentemente, em razão de haver uma possibilidade maior de descomprometimento com o fechamento, mesmo quando as três primeiras categorias foram desenvolvidas.

6.3 ALGUMAS CONCLUSÕES SOBRE A FORMAÇÃO ESPAÇO-VIRTUAL

A título de resumo e de considerações gerais sobre a análise realizada serão feitas algumas observações a seguir no sentido de mostrar a que conclusões específicas sobre a formação espaço-virtual este trabalho chegou.

A unidade de análise empregada neste trabalho requereu alguns ajustes no sentido de adequar suas perspectivas de uma forma mais efetiva, relacionando a dinâmica da interação no chat com os elementos de função dêitica e preservando o contexto da atividade de construção do espaço e da atividade para a qual os indivíduos se direcionam, bem como as suposições de uso da interface. As conclusões a seguir se baseiam nos ajustes feitos na unidade de análise para comentar fatores relacionados à dinâmica da interação, a como esta dinâmica está relacionada com os elementos de função dêitica e ao contexto da atividade.

Em relação à dinâmica da interação

Inicialmente, pensava-se na intercalação entre os marcadores que não fossem efetuadas pelo mesmo indivíduo (entre o indivíduo e o sistema na conexão e na desconexão e entre e entre o indivíduo e outras pessoas nas demais categorias). Posteriormente, verificou-se que poderiam ser consideradas as expectativas das intercalações e até uma situação de intercalação de um indivíduo com ele mesmo. Essas duas situações são discutidas adiante.

- Poderia não haver conexão do sistema nem mensagens de outros indivíduos. Considerou-se, então, que nesta como em qualquer situação há a expectativa de que outra mensagem seja intercalada. Este é o sentido dialógico peculiar do engajamento, pois mesmo que ocorra em uma sessão com uma única mensagem, carrega em si a razão de ser entendido com um significado social. Se não houver intercalação de outra pessoa ao engajamento, ele é feito de forma que é criado um espaço virtual para um único indivíduo. Não há intercalação efetiva, mas este engajamento é feito na expectativa de que haja uma intercalação. Se não fosse assim, seria perdido até o sentido de um recurso de chat.
- São consideradas intercalações de outras pessoas ou expectativas destas intercalações, mas há uma situação na qual se admite a intercalação como sendo do próprio indivíduo. Neste caso, é considerado que há intercalação, pois não se tem mais o indivíduo que entra e fica no espaço. Tem-se também o indivíduo que sai e isto é particularmente importante neste trabalho pelo fato de o indivíduo ser considerado em suas relações com o espaço e pela maneira como ele é suposto não só pelos outros, mas pelo próprio indivíduo. Cada um se projeta e assume-se “espacialmente diferente” ao entrar em relação a como se projeta ao sair.

Como as duas situações apresentadas estão relacionadas com o engajamento, que também tem intercalações que funcionam como nas demais categorias, esta categoria configurou-se como aquela que é mínima e essencial, que está em todo tipo de funcionamento observado na construção do espaço virtual deste trabalho. Se houver apenas a conexão (eminentemente técnica), ocorre somente um “abrir a porta”, mas, estabelecido o engajamento, constata-se que o indivíduo “passou pela porta”.

Recursos tecnológicos (por exemplo, de áudio e vídeo) e formas de apresentação da interface (por exemplo, visualização ou não de conversas anteriores) contribuíram para determinadas dinâmicas de construção do espaço virtual em termos de definição de como as mensagens seriam intercaladas.

Uma forma particular de intercalação foi verificada na ação instrumental mediada, através da qual o indivíduo entrava no espaço, mediado por outro indivíduo, sem a necessidade de usar ou ver diretamente o computador.

Os movimentos virtual-virtual, virtual-físico e físico-virtual não só constataram a relação intrínseca entre o mundo simbólico e o mundo físico como o quanto seria inapropriado dicotomizar estes dois mundos. Há o substrato material básico que é a interface, apresentando as intercalações. Mesmo no caso dos movimentos virtual-físico e vice-versa, se uma mensagem diz que uma pessoa vem de algum espaço (físico) e depois nota-se que esta pessoa está no espaço virtual do chat (simbólico) devido ao aparecimento da mensagem desta pessoa, observa-se que um movimento foi constatado devido à intercalação dessas duas mensagens. Os marcadores internos às mensagens textuais, no caso das relações do físico com o virtual, não fazem muita diferença, pois são utilizados indiscriminadamente. “Encontrar-se

aqui” é no mesmo local dos interagentes no momento da interação, assim como “encontrar-se lá” é em um local diferente, fisicamente ou virtualmente falando. Maiores considerações sobre os marcadores internos às mensagens são feitas adiante.

Em relação a como a dinâmica da interação está relacionada com os elementos de função dêitica

Foi observado o seguinte: as mensagens textuais, marcadores espaço-virtuais por excelência, apresentaram intercalações claras entre as mensagens. Os demais marcadores espaço-virtuais - os elementos com função dêitica como os dêiticos, as anáforas e os verbos (nos quais há dêiticos implícitos)-, estão intercalados na sessão de chat da seguinte forma. Um elemento com função dêitica está dentro de uma mensagem textual. Esta mensagem está intercalada com outra mensagem. Logo, aquele elemento com função dêitica está intercalado a esta outra mensagem. Uma mensagem X que responde a um cumprimento de uma mensagem Y e que inicia com o texto “oi fulano, chegamos aqui para...” exemplifica as relações de intercalação do seguinte modo: a mensagem X, o cumprimento “oi”, o dêitico pessoal/textual “fulano”, o verbo “chegar” e o dêitico “aqui” estão todos intercalados à mensagem Y. Procurou-se não entender os elementos com função dêitica com um significado intrínseco, mas como eles contribuem no espaço virtual dentro de um processo de construção do espaço, de acordo com os fundamentos desta pesquisa. Estabelecida esta direção, alguns elementos com função dêitica não foram “verticalmente” explorados e se mostraram com funções bem similares dentro de uma mesma mensagem.

Nas conexões e nas desconexões, os textos estão prontos no sistema e o uso de verbos como “entrar” e “sair” é bastante comum, assim como o termo “sala”. Na dinâmica de

construção do espaço, tal fato não provocou variação na forma como os sujeitos usavam seus termos, pois eles aplicavam estes termos invariavelmente, tanto em chats nos quais havia quanto nos quais não havia conexão e desconexão. Além disso, também invariavelmente, foram utilizados mais dêiticos implícitos ou com função de pressuposição e não termos específicos como “sala”. Contudo, considerando o uso que os sujeitos fazem dos marcadores espaço-virtuais internos às mensagens textuais, podem ser tiradas algumas conclusões relacionadas com as categorias de formação espaço-virtual. Deste modo, estará sempre se pensando na dinâmica desses marcadores na construção do espaço virtual e não no significado deles intrínseco a uma mensagem. As conclusões são as seguintes:

- No engajamento, esses marcadores internos estão: 1) implícitos em cumprimentos e avisos de chegada (alguém se referindo a alguém em algum espaço – dêiticos implícitos espaciais e pessoais); 2) pressupostos em dêiticos espaciais; e 3) implícitos em “verbos de chegada”.
- Na emergência, estão da mesma maneira que no engajamento, mas surgem quando há pelo menos uma pessoa diferente intercalando as mensagens. Logo, a função desses marcadores internos deixa de ser apenas de que uma pessoa se engaje, mas também de tornar o espaço interativo.
- Na manutenção, esses marcadores internos deixam de existir, com exceção dos marcadores com função dêitica pessoal, que aparecem não tanto para construir o espaço, mas para organizar e manter um espaço relativamente estabilizado. Quando outros marcadores espaço virtuais são utilizados, esta estabilidade é perdida.

- Na imergência, esses marcadores internos estão: 1) implícitos em despedidas e avisos de saída (alguém se referindo a alguém em algum espaço e geralmente a si mesmo – dêiticos implícitos espaciais e pessoais); 2) pressupostos em dêiticos espaciais; e 3) implícitos em “verbos de saída”.
- No desengajamento, estão da mesma maneira que na imergência, mas localizados exatamente na última mensagem, antes de o indivíduo efetivamente sair do espaço (fechar o programa).

É importante observar que em todas as categorias, elementos com função dêitica temporal ou discursiva podem ser entendidos como elementos de construção do espaço virtual. Por exemplo, chegar em um determinado momento ou estar em uma determinada linha também pode ser entendido como “chegar” ou “estar” em um determinado espaço. É importante também observar que um elemento com função dêitica ao espaço virtual pode ser obtido indiretamente através de um elemento com função de referência a uma parte da interface, como no caso de uma mensagem textual qualquer. Tais fatores já foram discutidos no capítulo 4.

O que se pode entender de uma maneira mais geral sobre os elementos com função dêitica é que eles parecem ser usados mais implicitamente e com função de pressuposição exatamente para se referir a conceitos de espaço mais abstratos e simbólicos. Há uma diferença em se referir a um determinado objeto que está em um determinado espaço físico de se dizer “cheguei” ou “cheguei aqui” no chat. Esta forma de se referir e ao mesmo tempo construir um espaço virtual no chat parece ser, inclusive, o que dá maior entendimento sobre este espaço no contexto de uso do recurso.

Em relação ao contexto da atividade

Pode-se concluir o seguinte: há uma atividade para a qual os indivíduos se direcionam, há a atividade de construção do espaço e a atividade de uso do instrumento. Esta última foi entendida dentro de expectativas e pressuposições de uso da interface. A atividade para a qual os indivíduos se direcionam foi entendida como aquela que relaciona o papel que se supõe que as pessoas podem ter ou não. Foi importante constatar que em chats nos quais havia uma suposição do papel das pessoas (chats com atividade previamente definidas), durante a interação podia ocorrer que se ignorasse este papel e o espaço começava a ser construído como em um chat sem atividade previamente definida. Em outras palavras, não era que os chats com atividades previamente definidas tivessem o espaço construído como em um chat sem atividade previamente definida. O que acontecia é que o chat com atividade previamente definida começava a funcionar, pelo menos provisoriamente, como um chat sem atividade previamente definida.

Chats com e sem atividades previamente definidas repercutiram diferentemente na construção do espaço em relação a como as categorias apareciam ou não e o quanto ocupavam em relação à construção total do espaço. Conseqüentemente, essas atividades também repercutiram na distribuição e no aparecimento dos marcadores espaço-virtuais. A disponibilização de determinados recursos, como os de construção de um espaço virtual privado, concorreu para que a atividade e conseqüentemente a formação do espaço tivesse uma determinada configuração. Assim, o tipo de atividade tanto quanto a atividade de uso do instrumento concorreram para a construção do espaço virtual. O tipo de atividade em relação a sua especificidade e formalidade também contribuíram para um certo tipo de formação

espaço-virtual, pois nos momentos em que havia uma maior especificidade e formalidade, as categorias pareciam estar melhor definidas mesmo que estivessem entrelaçadas, como é o caso dos serviços de suporte técnico da UOL.

7 Contribuições e trabalhos futuros

O que um trabalho pode trazer de contribuição não se resume às conclusões sobre sua análise nem à visão de um fenômeno em si. Acredita-se não só que a visão de um novo fenômeno pode trazer novos resultados como que pode estimular novas visões de se tratar outros fenômenos. Além disso, o próprio percurso da pesquisa é uma contribuição importante no sentido de se entender como o trabalho é embasado e como ele se depara com situações diferenciadas. Essas considerações serão feitas adiante no intuito de ressaltar as contribuições desta pesquisa.

Em primeiro lugar, há a contribuição sobre como o espaço virtual na Internet pode ser compreendido. Neste trabalho, foram ressaltadas as formas de se tratar o fenômeno, considerando os signos, os instrumentos e a atividade através de um norteamento histórico, no qual o desenvolvimento do psiquismo foi tratado em função da utilização pelo homem dos seus primeiros instrumentos até à utilização dos novos instrumentos tecnológicos de informação e comunicação, incluindo os recursos da Internet. Foram também detalhadas as estratégias psicológicas de construção do espaço virtual, considerando especificamente o recurso de chat. Essas contribuições se inserem na forma como este trabalho tratou em si o fenômeno do espaço virtual da Internet e como concluiu as análises das interações voltadas para a construção deste espaço, especificamente em chats. Algumas conclusões a respeito da análise foram tratadas na última seção do capítulo anterior. Entende-se que esta nova visão psicológica do espaço virtual na Internet traz contribuições não só para a psicologia, mas que mostra um novo horizonte de como podem ser consideradas as questões do virtual em outras áreas do conhecimento, já que o debate tem sido fundamentalmente filosófico, sem margem para discussões em outras áreas.

A nova visão do espaço virtual na Internet ou do ciberespaço é a contribuição básica desta pesquisa, mas há também a contribuição de cunho teórico-metodológico, que vê a teoria como algo tão ligado à metodologia que não faz sentido falar de uma sem considerar reciprocamente a outra. Esta abordagem não é novidade nas pesquisas, inclusive em psicologia, mas a re-visitação às bases do enfoque aqui empregado (a psicologia sócio-cultural), inclusive aos fundamentos das bases (no materialismo dialético), possibilitou que se tomasse uma posição fortemente direcionada aos princípios aqui tratados (como a materialidade, a transformação e a luta contra as visões dicotômicas). Esses princípios foram utilizados para se tentar ver dialeticamente e em conjunto tanto o fenômeno quanto a pesquisa. Este posicionamento é visto como uma contribuição, já que enfatiza radicalmente algumas orientações, como a do pesquisador como sujeito, e a necessidade de que estudos sobre a linguagem sejam retomados. A posição do pesquisador foi algo tomado fortemente das bases do materialismo dialético e a necessidade de novos estudos sobre a linguagem foi algo constatado durante a pesquisa, já que nem o materialismo dialético nem propriamente a psicologia davam conta desses estudos. Assim, além de algumas posições na psicologia terem sido revistas, mesmo algumas posições de Vygotsky e Leontiev, foi constatada a necessidade de adequação do trabalho ao objeto e vice-versa, de modo que fica como contribuição o alerta de que as pesquisas podem e devem estabelecer suas próprias metodologias sem deixar de lado alguns princípios, que devem ser fortemente adotados. Tal atitude evita o ecletismo desenfreado, a cópia de modelos prontos para a constatação de sua utilidade em detrimento do próprio entendimento do fenômeno e até mesmo tanto o reducionismo quanto o relativismo, na medida que se trata com maior fidedignidade o objeto, sem deixar de considerar questões cruciais não próprias ao objeto em si, mas necessárias a sua compreensão.

A relação da nova visão do espaço virtual na Internet com as questões de cunho teórico-metodológico deste trabalho possibilita algumas outras considerações sobre a dialética materialista e o objeto desta pesquisa, as quais são a seguir descritas. É reconhecida a idéia de Vygotsky de construir uma psicologia marxista. Ele se baseou em Marx, que construiu o materialismo histórico para fazer a mediação entre o materialismo dialético e a compreensão da formação social e econômica de sua época, realizando isso através da obra “O Capital”. Vygotsky, então, sentiu a necessidade de construir “o capital da psicologia”, ou seja, uma forma de mediação entre o materialismo dialético e a compreensão da formação dos processos psicológicos superiores, os quais são mediados por signos. Vygotsky alertou para que as bases materialistas e dialéticas não fossem adotadas diretamente e também para que não se confundisse a forma de mediação dos estudos psicológicos com a forma de mediação dos estudos marxistas, ou seja, para que fossem construídas categorias adequadas e realmente voltadas para a psicologia. Este trabalho não tem a pretensão de construir “um capital do espaço virtual na Internet”, mas entende que pode contribuir para que este fenômeno seja estudado sobre as bases do materialismo dialético, considerando também as teorias psicológicas que estão fundamentadas nestas bases, já que este espaço virtual é visto como um fenômeno psicológico. Desse modo, a relação entre espaço virtual na Internet e a abordagem teórico-metodológica deste trabalho possibilita que outros estudos considerem esta relação e mostra alguns caminhos nesta direção (na posição do pesquisador, na análise da linguagem, na construção de uma unidade de análise etc). Neste sentido, esta pesquisa tenciona contribuir para um novo programa de estudos no qual seja traçada uma agenda na qual vários trabalhos possam ser realizados, alguns não necessariamente ligados às questões de espaço, mas decorrentes do que foi refletido no processo da pesquisa. Alguns trabalhos futuros podem incluir:

1) **A investigação de como o espaço virtual na Internet é construído através de outros recursos, além do chat**

Como foi discutido neste trabalho, o chat, como um instrumento no qual determinados signos podem ser utilizados com características bem específicas, possibilita que o espaço virtual seja construído de uma forma que demanda modos específicos de investigação determinados. Outros recursos como a Web, os e-mails, as listas de discussão e, hoje em dia, os blogs e as redes sociais podem ser estudados quanto à construção do espaço à luz deste trabalho, considerando, obviamente, as suas especificidades. Além disso, há o papel da atividade em cada recurso a ser investigado. O papel de atividades específicas na construção do espaço virtual na Internet pode ser tomado como um parâmetro no qual novos estudos investiguem o fenômeno de uma maneira mais verticalizada e, portanto, mais profunda do que foi feito até aqui. Podem ser, por exemplo, mais detalhadamente especificadas as atividades educacionais, enfocando como o recurso é utilizado para determinadas tarefas como uma pesquisa ou para o ensino de um determinado conteúdo como o de matemática e se entender as especificidades de construção do espaço.

No sentido de mostrar não só que trabalhos futuros podem ser tratados sob a influência desta pesquisa, mas que novos trabalhos já estão assim sendo desenvolvidos, daqui adiante serão mostrados alguns exemplos de como estou desenvolvendo alguns deles. No caso da investigação de outros espaços virtuais, estou analisando **espaços na Web em sites de serviço bancário**. Um fator para se trabalhar esta análise, reside no fato de que os sites de banco se baseiam nas suas páginas em dispositivos de entrada, saída e permanência, de forma a maximizar o conforto do usuário e a segurança, sem que um prejudique o outro. É entendido que este fator está bastante relacionado à construção do espaço virtual, ou seja, faz-se

necessário investigar como o uso da interface está associado a estratégias psicológicas de construção do espaço, sem deixar de considerar, obviamente, os recursos lingüísticos próprios aos hipertextos. No caso, já foram identificadas as necessidades de uma metodologia diferenciada que inclui a filmagem da interface através de programas do tipo Screencam em conjunto com a intervenção ao usuário sobre o que ele pretende fazer em determinadas ações. Conhecimentos de outras áreas como a de design e interação homem-máquina também parecem ser bastante apropriados. A análise do uso real e não simulado, atendendo as bases teóricas aqui empregadas, parece ser também bastante útil no sentido em que se pretende dar um retorno sobre como as formas práticas de uso estão relacionadas às propriedades necessárias a um site de banco, criando-se, neste caso, novas categorias para um melhor entendimento do fenômeno.

2) Estudos sobre como a psicologia sócio-cultural está relacionada com suas bases no materialismo dialético

Entende-se que este trabalho abriu uma discussão sobre como as bases do materialismo dialético podem ser retomadas em prol da psicologia sócio-cultural. Muito se fala sobre como as idéias de Vygotsky devem ser interpretadas e sobre os vários equívocos de interpretação, bem como a respeito das dificuldades de se saber quais seriam as idéias reais do teórico. Até mesmo suas relações com Leontiev são motivos de controvérsia, incluindo a forma como a teoria de um estaria associada com a teoria do outro. Este trabalho acredita que re-visitar as bases em suas fontes e os fundamentos do materialismo dialético ajuda a compreender melhor a questão, mas não só isso. A re-visitação acompanhada ao mesmo tempo do vislumbre a um determinado objeto de pesquisa traz conseqüências mais decisivas. Assim, este trabalho fez alguma re-visitação, mas sempre pensando como ela poderia

contribuir para a compreensão do espaço virtual na Internet. Este procedimento é fiel aos princípios aqui adotados e admite as especificidades da dialética nas mais diversas áreas do conhecimento e nos diversos objetos de estudo. A dialética de Marx não determina totalmente a de Vygotsky, assim como a de Vygotsky e a de Leontiev não determinam totalmente a do espaço virtual na Internet. Com receio de que tal fato aconteça, parece que alguns pesquisadores fogem das bases materialistas e vão procurar teorias estranhas ao universo dialético. Este trabalho acredita contribuir na conscientização de que as bases teóricas referidas precisam ser retomadas e com o vislumbre referido ao objeto de estudo.

Ainda no sentido de mostrar que trabalhos com o direcionamento descrito não só podem ser realizados, mas já estão sendo realizados, será feita referência a como estou procurando compreender melhor, mas também de uma maneira geral, como as fundamentações dos teóricos russos estão associadas com a psicologia. Foi tomado um objeto abstrato a ser vislumbrado: o conceito. Com base nele, estão sendo re-estudados os conceitos empregados na psicologia sócio-cultural (mediação, instrumento, signo, zona de desenvolvimento proximal, conceito espontâneo, conceito científico etc) e como cada um deles está associado aos princípios do materialismo dialético. Um conceito como zona de desenvolvimento proximal, por exemplo, pode ser revisto à luz da dialética especificamente materialista, do conceito de potencial, do conceito de atual, da noção de conhecimento e transmissão e das definições de história e cultura. Acredita-se que se referir a conceitos da psicologia sócio-cultural sem um conhecimento das bases nas quais esta psicologia está alicerçada pode resultar se não em idéias distorcidas, limitadas, e o que é pior: em aplicações equivocadas. Esta busca nas bases pretende ter como resultado um **artigo teórico de re-visitação ao materialismo dialético**.

3) Estudos mais específicos sobre o papel da linguagem na construção do espaço virtual

Este trabalho acredita que traz não só à psicologia, como também à lingüística, contribuições específicas e que, as considerando, podem ser realizados novos trabalhos. As reflexões sobre as relações entre fala e escrita, a dinâmica da linguagem, os elementos de referenciação com função dêitica e o contexto estão inseridas em uma maneira de ver a linguagem como algo que não se basta por si, mas que, para entendê-la, é necessário que sejam buscados outros elementos. Estes outros elementos meta e paralingüísticos também não se bastam, pois é a partir da linguagem que se nota a necessidade de que eles sejam buscados. Sem a linguagem, esses elementos nem seriam pensados. Toda esta discussão está envolvida, na visão deste trabalho, na tônica dada ao materialismo dialético. Foram buscadas e reforçadas idéias que tentam fugir das dicotomizações. Também foi visto que a linguagem pode até ser um primeiro passo para a busca da realidade, mas não é a construção da realidade em si, é algo que contribui para que se possa dar-lhe um contorno. No caso deste trabalho, as várias formas de mediação foram consideradas, além dos signos lingüísticos, como a própria manipulação da interface, e a atividade na qual os indivíduos estavam envolvidos. Houve, então, a constatação de que algo peculiar ocorrera: o espaço virtual foi construído através das várias mediações. Isso não quer dizer que a realidade não existe, mas que é construída. Este trabalho ressaltou a construção do espaço virtual como uma atividade psicológica, mas o diferenciou da realidade física, que é material e existe objetivamente. A questão crucial não é a de entender a realidade de maneira dicotomizada, mas de entender que ela é mediada essencialmente por uma atividade lingüística e psicológica. Desse modo, sem deixar de ser mediação, a linguagem pode ser entendida também como uma atividade na qual vários recursos são utilizados além dos eminentemente lingüísticos. Com esta visão de linguagem,

vários trabalhos podem ser pensados em termos de como o espaço virtual é construído. O funcionamento da linguagem (da sua dinâmica, dos seus elementos e de sua relação com o contexto) deve envolver cada recurso de forma diferenciada e a atividade principal.

Estão sendo realizados alguns trabalhos com o enfoque descrito anteriormente. Esta pesquisa não se limitou a coletar dados dos chats que estão referidos nos textos. Também foram feitas análises em chatterbots (programas ou robôs que se comunicam nos chats) e em chats nos quais os usuários utilizavam a língua inglesa. Como há uma série de especificidades com esses dados, eles foram reservados para trabalhos futuros: um de **construção do espaço na interação com chatterbots** e outro de **construção do espaço nos chats de língua inglesa**. Tais considerações são importantes devido às especificidades dos elementos lingüísticos textuais. Nos chats em inglês, mostraram-se especificidades no uso de determinados elementos (como as preposições) sem, no entanto, ser perdida a idéia de espaço que é aqui defendida. Essas considerações são colocadas com o pressuposto de que há tanto “uma verbalização do espaço” quanto uma “espacialização da linguagem”, ou seja, tendo em vista a linguagem como uma atividade.

As contribuições anteriormente ressaltadas e as linhas de trabalhos sugeridas caem basicamente nas áreas de psicologia e lingüística, com uma ênfase para a primeira no item 2 e com uma ênfase no item 3 para a segunda. O item 1, dependendo de como for realizado, pode estar ligado a qualquer uma das áreas, bem como a outras áreas, como as que serão citadas adiante. Com o intento de mostrar, como foi referido no capítulo 1, que áreas como psicologia e lingüística não se encerram em si mesmas e de fugir da idéia de que elas existem principalmente para construírem redefinições de si próprias, este trabalho procurou ampliar o leque de suas contribuições, considerando a experiência e outros projetos relacionados. Esta

ampliação resultou em reflexões sobre contribuições e indicações de trabalhos futuros na área de educação, especialmente no ensino a distância, e na área de informática, especialmente nos estudos de interface e interação homem-máquina, e serão discutidas a seguir.

4) Estudos em educação e ensino a distância

O uso de novas tecnologias na educação tem suscitado uma série de debates e um dos mais presentes é exatamente o do novo papel do professor face às questões do espaço. Pode-se delimitar este debate em duas vertentes. Uma, que discute os novos espaços que professores e alunos devem ocupar, seja na instituição, fisicamente falando, ou na Internet, e como estes novos espaços repercutem nos novos papéis. A outra vertente é mais específica e diz respeito às próprias metodologias de ensino a distância e a como estas metodologias estão relacionadas com a idéia de espaço. Acredita-se que há uma série de debates acadêmicos sobre essas duas vertentes, mas que eles não envolvem exatamente as idéias expostas neste trabalho. As idéias sobre espaço virtual na Internet aqui desenvolvidas podem contribuir para esses debates. Adiante, é exemplificado o modo como este trabalho pode contribuir nas discussões sobre educação.

Em relação à primeira vertente – novos espaços e novo papel do professor:

Especificamente em relação aos professores e o seu papel na Internet em um novo espaço, é importante que novas perspectivas sejam assumidas. Segundo Kenski (<http://www.ufba.br/~prossiga/vani.htm>), “a apreensão do conhecimento na perspectiva das novas tecnologias eletrônicas de comunicação e informação, ao ser assumida como possibilidade didática, exige que, em termos metodológicos, também se oriente a prática

docente a partir de uma nova lógica.” De acordo com Kerckhove (1995), uma solução ideal para isso seria a de mudarmos nossas percepções e não apenas as nossas teorias. Os professores necessitam manter a sua prática docente e ao mesmo tempo renovar o seu conhecimento. Eles precisam construir, aperfeiçoar e renovar os seus conteúdos e procedimentos didáticos. Ao mesmo tempo, precisam de atualização, capacitação e especialização. Ainda segundo Kenski (<http://www.ufba.br/~prossiga/vani.htm>), a esses professores devem ser dadas oportunidade de conhecimento e capacitação com as novas tecnologias de modo que em suas práticas eles façam escolhas conscientes sobre a melhor forma de lidar com um novo espaço e em um tempo determinado. Há ainda o fato de que o professor é, muitas vezes, submetido ao que é ditado pelo mercado tecnológico e suas políticas. Dessa forma, Kenski (<http://www.ufba.br/~prossiga/vani.htm>) acrescenta que “uma das soluções para esse impasse está na possibilidade de o professor também assumir um papel na equipe produtora dessas novas tecnologias educativas”. Este trabalho também vê esta possibilidade, a qual será mais discutida e melhor relacionada com as questões do espaço nas contribuições relacionadas à informática. Quanto às oportunidades e à capacitação dos professores, neste trabalho concorda-se com o que foi anteriormente discutido. Contudo, as várias aplicações de cursos de capacitação de professores e as discussões na literatura não parecem preparar o professor para um espaço tal como foi tratado nesta pesquisa, ou seja, com os fundamentos e análises do tipo que foram aqui apresentados (Marques, 1999; Candau, 2001; Sampaio, 1999; Oliveira, 2003; Belloni, 2003; Valente, 2003; Bettega, 2004; Preti, 2000; Jambeiro, 2002). De qualquer forma, é importante questionar, como Nova (2002), se a existência de um único espaço básico de aprendizagem, como a sala de aula presencial, é, de fato, o mais adequado dentro de um mundo em que a territorialidade convive cada vez mais com outros espaços de troca e produções simbólicas, proporcionadas pela tecnologia.

Os trabalhos nos quais estou envolvido incluem a preparação de um **curso de especialização para professores** no qual as várias disciplinas (que tratam de linguagem, cultura, cognição e metodologia do ensino) poderão considerar as questões espaciais e um **curso de capacitação de “criação de comunidades virtuais de aprendizagem”**, uma versão já desenvolvida no Virtus, no qual são empregados conhecimentos técnicos (softwares) para a criação dessas comunidades, considerando-se também as questões espaciais.

Em relação à segunda vertente – metodologias de ensino a distância:

Entender o espaço virtual na Internet em um determinado recurso e tentar verificar como ele pode ser tratado para que possam ser maximizadas as possibilidades de ensino a distância é uma tarefa bastante importante no contexto prático do ensino. A partir deste trabalho, podem ser especificadas formas de utilizar o recurso, considerando o espaço como foi aqui tratado. A explicação sobre o uso do recurso, levando em conta a formação espaço-virtual no chat é um fator que pode e deve ser considerado. Nos cursos citados anteriormente, há discussões com os professores, por exemplo, sobre uma aula no chat e a formação espaço-virtual, bem como sobre as formas de se maximizar e otimizar a categoria manutenção, além de como as referências organizam um texto “espacial” no chat, no qual é organizado determinado tipo de conhecimento. Algumas referências bibliográficas tratam de espaço e metodologia de ensino, mas em grande parte o que fazem é discutir modelos de ensino e sua transposição para a Internet. Peters (2001), por exemplo, trata de modelos de distância e proximidade no espaço e de como esses modelos resolvem “os problemas” do distanciamento físico.

5) Estudos em interface e interação homem-máquina

Este trabalho pode trazer contribuições para pesquisas específicas na área de informática ao se pensar na relação do ambiente computacional com a construção do espaço virtual. Algumas áreas de informática lançam mão de conhecimentos em psicologia, mas não na linha em que este trabalho seguiu. Trabalhos específicos nas áreas de interface e interação homem-máquina tratam de espaço e tempo, mas não de acordo com a noção que esta pesquisa defende. Assim, este trabalho pode trazer contribuições para se analisar e construir interfaces de uma maneira nova. Em outras palavras, analisar como os indivíduos constroem o espaço na Internet também pode ser entendido como analisar a interface em uso. Considerações gerais sobre o estudo de interface e a relação deste trabalho com outros que tratam de interface e espaço serão apresentadas adiante.

A bibliografia geral de interface e interação homem-máquina entende que as contribuições da psicologia estão inseridas em questões como percepção e processamento de informação (Mandel, 1997). Além disso, a forma como a abordagem é tratada engloba guidelines (dicas estruturais - como a da apresentação adequada de locais para a entrada de dados), modelos que o usuário tem de como utilizará o sistema em comparação com os modelos do programador e do designer, testes de usabilidade (como o usuário responde ao sistema), evolução das interfaces, metáforas, entre outros tópicos (Mandel, 1997; Shneiderman, 1998). Contudo, esta forma de abordagem não trata a interface a partir de algo como a teoria da atividade, que engloba instrumentos, signos e ação simultaneamente. Não há também uma forma de ver espaço como é proposta neste trabalho. Em Shneiderman (1998), tempo e espaço são tratados como relações diferente-igual de lugar e tempo. Logo, interações assíncronas como as do chat, são entendidas como de tempo igual e lugares diferentes. Obviamente, tal direcionamento é bem diferente do desta pesquisa, a qual pode contribuir

para que se veja como a interface media relações para a atividade de construção de um espaço compartilhado. Este trabalho enfatiza a perspectiva da atividade, assim como Winograd (1996), que afirma que nós usamos ferramentas computacionais não simplesmente porque elas são “amigáveis” (um conceito já desgastado em informática), mas para que elas nos acompanhem em nossas tarefas, e as abandonamos quando o esforço requerido para que elas dêem algum retorno excede nosso “limite de indignação”. Trabalhos como o de Kaptelini (1994), relacionam, inclusive, teoria da atividade com interface.

A atividade mais específica de construção de um espaço, contudo, tal como é aqui apresentada parece diferente da perspectiva dos estudos de interface e interação homem-máquina. Para exemplificar, são citados a seguir alguns trabalhos que tratam de interface e espaço. Benford (1996) analisa os ambientes computacionais segundo os critérios de transporte, artificialidade e espacialidade. A artificialidade para ele seria a demanda pelo espaço físico dos participantes, a qual ele vê em graus, comparando, por exemplo, a teleconferência com os ambientes virtuais para aprendizagem colaborativa. O aspecto simbólico não é tratado como tem sido feito aqui. Harrison (1996) divide espaço de lugar e diz que o primeiro é onde a pessoa se localiza e, o segundo, onde vive. Para ele, sistemas colaborativos devem ser tratados como uma noção de “lugar” e não de espaço. Como vimos nas análises dos chats, a atividade dos indivíduos está bastante relacionada com o espaço e as formas de localização persistem, mesmo que sejam observadas ações que não sejam propriamente de localização. Portanto, esta divisão parece perder em grande medida como a realidade funciona. Erickson (2000) trabalha com projetos de sistema que apresentem a visualização da atividade tanto quanto dos participantes, a partir de propriedades do mundo físico que dão suporte às situações face-a-face. Contudo, mais do que a visualização interna de como os indivíduos interagem no sistema, o autor investiga a relação de grandes grupos de

pessoas que estão distribuídas nas redes de computadores. Kraut (2002) tem um trabalho de particular importância no qual ele analisa a visualização do espaço compartilhado na interface, incluindo como os usuários utilizam dêiticos para se referir a seu mundo e como adaptam seus discursos para vários níveis de visualização. Este último trabalho pode ser complementar ao anteriormente referido no sentido de se pensar como melhores interfaces podem ser construídas para suprir a falta de formas adequadas de referência realizadas pelos sujeitos.

Há uma série de outros trabalhos sobre espaço e interface que estão sendo estudados. O que se pode adiantar, em geral, sobre a relação desta pesquisa com esses trabalhos, é que uma regra de sucesso ou não sucesso para o encontro no espaço simbólico da Internet (constatada pelas ações e discursos mostrados no espaço físico da interface) pode orientar não só os testes de usabilidade, como também o desenvolvimento de sistemas para a Internet. Um trabalho que já está sendo feito neste sentido é o de **construção de um ambiente para o ensino de matemática** no qual princípios de entrada, manutenção e saída do sistema estão sendo associados com princípios de entrada, manutenção e saída do espaço virtual. Este trabalho é uma extensão de um sistema já existente que trata do ensino de matemática a partir da manipulação de objetos pelos alunos, para que enunciem as propriedades matemáticas desses objetos (Melo, 2000c).

8 Considerações finais

Este capítulo não é denominado “conclusão” a exemplo do primeiro, que não é denominado “introdução”. Considera-se que qualquer trabalho é uma continuidade de outras pesquisas, de experiências próprias e dos outros, assim como é também um esforço que atua de forma recíproca com a teoria e a prática. Esta forma de mostrar a pesquisa se traduz em um empenho para mostrar que, se a realidade é dialética, o objeto e a pesquisa em si também o devem ser. Obviamente, este trabalho não está acabado. As contribuições referidas no capítulo anterior são uma tentativa de mostrar não só que pode haver uma continuidade, como também de que ela já está acontecendo. Um trabalho não acabado mostra também que há limitações. Tais limitações precisam ser re-avaliadas na continuidade do trabalho. Na verdade, esta é a forma como se concebe aqui o que é um trabalho científico: algo que se tenciona melhorar sempre, que muda continuamente. Esta é a visão também que considera o que existe no sentido de tentar explicar como acontece, sem exercícios preditivos ou busca de verdades definitivas. O tema que me propus, que me pareceu bem instigante, surgiu com uma vontade muito grande de também entender a linha da psicologia em que atuo. Esta tarefa também não está terminada e nem se pretende que esteja. A única certeza é de que há aqui um grande anseio para continuar estudando o virtual, com as bases aqui utilizadas e também a partir de outras áreas do conhecimento.

Essas áreas, algumas discutidas durante todo este trabalho, outras sugeridas no capítulo anterior para trabalhos futuros – e que já estão contribuindo em pesquisas atuais –, e ainda outras que não foram aqui contempladas devem ser tratadas em prol de que não se pense em ciência como algo pronto e de que se reflita também a favor de um norteamento específico. O fato de trabalhar com áreas diferentes não significa que se deva ter um trabalho

generalista, pois tais áreas devem contribuir para um estudo aprofundado. A superficialidade acontece não quando se trabalha com áreas diferentes, mas quando o objeto de estudo não é devidamente caracterizado. Deve-se, inclusive, pensar que trabalhos não contemplados em uma pesquisa podem trazer vertentes ricas, mas também que algumas linhas devem ser escolhidas e outras sacrificadas. Não se pode trabalhar em demasia com todas as áreas existentes.

Mesmo não sendo sugeridos em trabalhos futuros, outros temas podem ser relacionados com o que é tratado nesta pesquisa, especialmente com a idéia de espaço virtual e com as bases materialistas dialéticas. Por exemplo, Levinson (2003) trata de espaço, linguagem e cognição fazendo uma ampla discussão que relaciona várias civilizações até aspectos cerebrais à idéia de construção do espaço. A sua idéia de quadro de referência aloentríco e egocêntrico é semelhante ao que é discutido nesta pesquisa com relação à comparação físico/virtual. O espaço relacionado com a disposição e a organização cerebral é um outro assunto a ser salientado e Levinson (2003) também trata. A relação cérebro e espaço físico é um assunto em pauta hoje em dia nas discussões sobre “cognição incorporada”, como na recente tradução de Varela (2003), que traz ainda outras reflexões relacionadas até mesmo a meditações e ao budismo. Barwick (2003) por sua vez traz à tona a questão do espaço sob o ponto de vista de um neomaterialismo que critica as visões do ciberespaço, muitas delas veiculadas com grande sucesso na mídia. A importância material e ao mesmo tempo as funções sociais dos recursos do ciberespaço é algo tratado na perspectiva de gêneros em Marcuschi (2004).

Todos esses trabalhos citados, sejam ou não aproveitados em trabalhos futuros decorrentes desta pesquisa, merecem atenção igualmente pelas questões instigantes que

despontam, isto é, pelo fato de fazerem pensar na riqueza que os fenômenos psicológicos, tecnológicos e lingüísticos suscitam e, conseqüentemente, trazerem à luz a necessidade de se pensar diferentemente sobre a própria forma que esses fenômenos devem ser pensados. Copiar modelos para simplesmente observar sua utilidade e buscar freqüências para apenas mostrar uma quantidade não condiz com uma visão útil e ao mesmo tempo não proporciona o prazer que o estudo deve proporcionar. Aliás, nenhum grande cientista fez grandes descobertas assim. Isso só serviu para encher as estantes dos departamentos e vangloriar interesses do “mercado” de titulação acadêmica.

Repetindo em suma o que foi aqui defendido, mas com outras palavras, a ciência e agora a pesquisa sobre o espaço virtual precisam de princípios fortes e aplicações adequadas para se ver o que está por trás do fenômeno e, neste caso, as bases do materialismo dialético em conjunto com diferentes áreas científicas trazem um caminho promissor para que tal fato ocorra.

Bibliografia

- Adler, P. A. (1998). *Observational Techniques*. Em Denzin, N. e Lincoln, Y (eds.), *Collecting and interpreting qualitative materials*. Oaks: Sage.
- Andery, M.A. (2002). *Para compreender a ciência*. São Paulo, Rio de Janeiro: EDUC, Espaço e Tempo.
- Antaki, C; Billig, M.; Edwards, D.; Potter, J. *Discourse Analysis Means Doing Analysis: A Critique Of Six Analytic Shortcomings*. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.shu.ac.uk/daol/articles/v1/n1/a1/antaki2002002-paper.html>. Último acesso em 6 de fevereiro de 2004.
- Apothéloz, D. (2003). Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. Em Cavalcante, M. M., Rodrigues, B. B. e Ciulla, A. (Orgs.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto.
- Bakhtin, M. (1978). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- Bakhtin, M. (1992). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Barros, K. S. M. de (2001). Características organizacionais de aulas pela Internet. Em Urbano, H. et al, *Dino Preti e seus temas – oralidade, literatura, mídia e ensino*. São Paulo: Cortez.
- Barwick, D. (2003). Neomaterialismo e a morte do sujeito. Em Irwin, W. (org.), *Matrix – Bem-vindo ao deserto do real*. São Paulo: Madras.
- Baudrillard (2002). *Tela total: mito-ironias da era do virtual e da imagem*. Porto Alegre: Sulina.
- Belloni, M. L. (2003). *Educação a distância*. Campinas, SP: Autores Associados.

- Benford, S., Brown, C., Reynard, G., Greenhalg, C. (1996). Shared spaces – transportation, artificiality and spaciality. *Computer supported cooperative work'96*, 77-86.
- Bergé, P., Pomeau, Y., Dubois-Gance, M. (1996). *Dos ritmos ao caos*. São Paulo: Unesp.
- Bettega, M. H. (2004). *Educação continuada na era digital*. São Paulo: Cortez.
- Blühdorn, H. (1995). Dêixis, cognição e estrutura textual. *Cadernos de Letras*, 11, 147-152
- Campello, S. R. B. B. (2000). *Ensino e usabilidade na Web*. Dissertação de Mestrado aprovada no Departamento de Psicologia da UFPE. Recife: UFPE.
- Candau, V. M. (2001). *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender*. Rio de Janeiro: DP & A.
- Chartier, R. (2001). *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed.
- Chatmania.com.br: buscando por salas de chat...* [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://chatmania.ubbi.com.br/iniciantes.php>. Chatmania. Último acesso em 6 de março de 2004.
- Cheptulin, A. (1982). *A dialética materialista – categorias e leis da dialética*. São Paulo: Alfa- Omega.
- Cicognani, Anna. *Design Speech Acts: "How To Do Things With Words" in Virtual Communities*. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.arch.usyd.edu.au/~anna/papers/caadf97.html>. Último acesso em 6 de março de 2004.
- Crystal, D. (2001). *Language and the Internet*. Cambridge: University Press
- Davydov, V. V. e Radzikhovskii, L. A. “Vygotsky’s theory and the activity-oriented approach to psychology”. Em J. V. Wertsch (ed.), *Culture, communication and cognition: vygotskian perspectives*. Nova York, Cambridge University Press, 1985.

- Dreyfus, H. (2001). *On the Internet*. London, New York: Routledge.
- Duarte, N. (2001). *Vigotski e o “aprender a aprender”*: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas: Autores Associados.
- Duranti, A e Goodwin, C. (1992). *Rethinking kontext – Language as an interactive phenomenon*. Cambridge: Cambridge University.
- Engels, F. (2000). *A dialética da natureza*. São Paulo: Paz e Terra.
- Erickson, T. e Kellog, W. A. (2000). Social translucence: an approach to designing systems that support social processes. *ACM Transactions on Computer-Human Interactions*, 7, No. 1, 59-83.
- Ferreira, J. L. *Tecnologias da Internet: Chats-irq, icq e webchats* [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.eq.uc.pt/~jorge/aulas/internet/ti-chats.html>. Último acesso em 6 de março de 2004.
- Fillmore, Charles J. (1997). *Lectures on deixis*. Stanford: CSLI.
- Fonseca, L. (2001). Alocação de turnos em salas de chat e em salas de aula . Em Menezes, V. (Org.) *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte: FALE-UFMG.
- Friedrich, J. (1999). La rencontre Léontiev-Vygotski: quelques concepts clés. Em Clot, Y. (ed.). *Avec Vygotski*. Paris: La Dispute.
- Goodwin, C. (2000). Action and embodiment within situated human interaction. *Journal of Pragmatics*, 32, 1489-1522.
- Harrison, S. e Douris, P. (1996). Re-place-ing space – the roles of place and space in collaborative systems. *Computer supported cooperative work '96*, 67-76.
- Havelock, E. (1995). A equação oralidade-cultura escrita: uma formula para a mente moderna. Em D. R. Olson e N. Torrance (Eds.). *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo:

Ática.

Henry, J. (1998). *A revolução científica e as origens da ciência moderna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Internet, o que é, o que oferece, como conectar-se [online] Disponível na Internet via WWW. URL: http://www.atica.com.br/internet/glossario_a.htm. Editora Ática. Último acesso em 6 de março de 2004.

Jambeiro, O. (2002). *Internet e educação a distância*. Salvador: EDUFBA.

Jarvella, R. J. (1982). *Speech, place, and action: studies in dêixis and related topics*. New York: John Wiley & Sons.

Johnson, Steven (2001). *Cultura da Interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Jonsson, E. *Electronic Discourse on speech and writing on the Internet*. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.ludd.luth.se/users/jonsson/D-essay/ElectronicDiscourse.html>. Último acesso em 6 de fevereiro de 2004.

Kant, E. (2002). *Crítica da razão pura*. São Paulo: Martin Claret.

Kato, M. A. (1996). *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística*. São Paulo: Ática, 1996.

Kenski, Vani M. *Polêmicas Contemporâneas - Novas Tecnologias, o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente*. [on line] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.ufba.br/~prossiga/vani.htm>. Último acesso em 13 de outubro de 2000.

Kerckhove, D.(1995). *A pele da cultura - uma investigação sobre a nova realidade eletrônica*. Lisboa: Relógio d'água.

- Kleiber, G. (1994). Contexte, interpretation et mémoire: approche estándar vs approche cognitive. *Langue Française*, 103, 9-22.
- Koch, I. V. (2000). *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto.
- Konder, L. (1987). *O que é dialética*. São Paulo: Brasiliense.
- Kosik, K. (2002). *Dialética do concreto*. São Paulo: Paz e Terra.
- Kraut, R. E., Gergle, D., Fussell., S. R. (2002). The use of visual information in shared visual spaces: informing the development of virtual co-presence. *CSCW'2*, 31-40.
- Lacey, H. (1972). *A linguagem do espaço e do tempo*. Perspectiva.
- Leontiev, A. N. (1978). *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Leontiev, A. N. (1979). The problem of activity in Soviet Psychology. Em Wertsch, J. (ed.). *The concept of activity in Soviet Psychology*. New York: M. E. Sharpe.
- Levinson, S. C. (2003). *Space in language and cognition*. Cambridge: Cambridge University.
- Lévy, P. (1996). *As tecnologias da inteligência – o futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Editora 34.
- Lévy, P. (1997). *O que é o virtual ?* São Paulo: Editora 34.
- Lévy, P. (2003). A revolução contemporânea em matéria de comunicação. Em Martins, F. M. & Silva, J. M. da (Orgs.) *Para navegar no século XXI*. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs.
- Mandel, T. (1997). *The elements of user interface design*. Canadá: John Wiley & Sons
- Marcuschi, L. A. (1991). *Análise da conversação*. São Paulo: Ática.
- Marcuschi, L. A. (1994). Contextualização e explicitude na relação entre fala e escrita. *Anais do I Encontro Nacional sobre Língua Falada e Ensino*. Universidade Federal de Alagoas, 14 a 18 de março de 1994, 27-48.

- Marcuschi, L. A. (1995). *Fala e escrita: relações vistas num continuum tipológico com especial atenção para os dêiticos discursivos*. Texto do II Encontro nacional sobre fala e escrita realizado em Maceió, AL.
- Marcuschi, L. A. (1996). A dêixis discursiva como estratégia de monitoração cognitiva. Texto apresentado no GT de Lingüística de texto e Análise da Conversação durante o XI Encontro Nacional da ANPOLL em João Pessoa, PB.
- Marcuschi, L. A. (2001). *Da fala para a escrita – atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez.
- Marcuschi, L. A. (2002). *Gêneros textuais emergentes e atividades lingüísticas no contexto da tecnologia digital*. Texto do Grupo de Estudos Lingüísticos do estado de São Paulo realizado em São Paulo, SP.
- Marcuschi, L. A. (2003). Notas de aula.
- Marcuschi, L. A. & Xavier, A. C. (orgs.) (2004). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Markova, I. (1990). A three-step process as a unit of analysis in dialogue. Em I. Markova & K. Foppa (eds.), *The dynamis of dialogue*. New York: Springer-Verlag.
- Marques, M. O. (1999). *A escola no computador – linguagens rearticuladas, educação outra*. Ijuí, RS: UNIJUÍ.
- Melo, L. B. & Meira, L. (2003b). A construção do espaço mediada pela linguagem textual de chats em ambientes virtuais de ensino na Internet (p. 64). In *Anais*, 33. *Reunião anual da Sociedade Brasileira de Psicologia*, 2003, Belo Horizonte, MG. Belo Horizonte, MG: Sociedade Brasileira de Psicologia.
- Melo, L. B. & Meira, L. (no prelo). Construção do espaço virtual: interação mediada por ambientes de chat e estratégias cognitivas de localização. *Cadernos de Estudos*

Linguísticos, 47.

Melo, L. B. (2003a). Argumentação na Internet: uma investigação do discurso argumentativo produzido em um ambiente de chat (p. 251). In *Anais*, 4. Congresso Brasileiro de Psicologia do Desenvolvimento, 2003, João Pessoa, PB. João Pessoa, PB: Universitária.

Melo, L. B. (artigo submetido). *Re-contextualização da atividade humana: da linguagem oral à comunicação textual no computador e na Internet*.

Melo, L. B., Ferreira, J. M., Pontes, J. D. A. (2000c). Um software educacional para o descobrimento de propriedades matemáticas (p.126). In *Anais*, XX Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Computação, 2000, Curitiba, PR: Champagnat.

Miguel, A. & e Zamboni, E. (1996). *Representações do espaço: multidisciplinaridade na educação*. Campinas: Autores Associados.

Mondada, L. (1994). *Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir: approche linguistique de la construction des objets de discours*. Tese de doutorado, Université de Lausanne, Lausanne.

Mondada, L. e Dubois, D. (2003). Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. Em Cavalcante, M. M., Rodrigues, B. B. e Ciulla, A. (Orgs.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto.

Moreira, L. F. D., Silva, R. F. da, Blühdorn, H. (1997). Verbos de transporte e a focalização de lugares. *Linha d'Água*, 12, 39-50.

Nova, C. (2002). Tempo, espaço e sujeitos da educação a distância. Em Jambeiro, O. *Internet e educação a distância*. Salvador: EDUFBA.

Oliveira, E. G. (2003). *Educação a distância na transição paradigmática*. Campinas, SP: Papyrus.

- Olson, D. R. (1997). *O mundo no papel - as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita*. São Paulo: Ática
- Olson, David R. (1995). *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática.
- Overton, W. F. (2003). Understanding, explanation and reductionism: finding a cure for Cartesian anxiety. Em Brown, T. & Smith L. (Orgs.) *Reductionism and the development of knowledge*. London, New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Parret, H. (1986). Tempo, espaço e atores: a pragmática do desenvolvimento. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 10, 17-38.
- Parrish, Richard. *Conversation Analysis of Internet Chat Rooms*. [on line] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.polisci.wisc.edu/~rdparrish/Chat%20Rooms%20for%20Web%20Site.htm>
Último acesso em 28 de abril de 2002.
- Penrose, R. (1993). *A mente nova do rei: computadores, mentes e as leis da física*. Rio de Janeiro: Campus.
- Penrose, R. (1998). *O grande, o pequeno e a mente humana*. São Paulo: UNESP/Cambridge.
- Peters, O. (2001). *Didática do ensino a distância – experiências e estágio da discussão numa visão internacional*. São Leopoldo, RS: Unisinos.
- Pietre, B. (1997). *Filosofia e ciência do tempo*. Bauru, SP: EDUSC.
- Politzer, G. (1967). *Princípios fundamentais de filosofia*. São Paulo: Fulgor.
- Pomerantz, A. (1997). Conversation Analysis: an approach to the study of social action as sense making practices. Em van Dijk, Teun A.(org.), *Discourse as social interaction*. Oaks: Sage.

- Pontes, E. (1992). *Espaço e tempo na língua portuguesa*. Campinas: Pontes editores.
- Preti, O. (2000). *Educação a distância - construindo significados*. Cuiabá: Plano.
- Ribeiro, F. de O. *O espaço crítico de Virilio* [online] Disponível na Internet via WWW. URL: http://www.revistacriacao.hpg.ig.com.br/o_espaco_critico_virilio.htm. Último acesso em 10 de abril de 2004.
- Ryle, G (1984). *The concept of mind*. Chicago: University of Chicago Press
- Sampaio, M. N. (1999). *Alfabetização tecnológica do professor*. Petrópolis: Vozes.
- Saeed, J. I. (1997). *Semantics*. UK, USA: Blackwell.
- Searle, J. R. (1992). Conversation. Em Searle, J. R et al (Orgs.) (*On Searle on conversation*). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Searle, J. R. (2000). *Mente, linguagem e sociedade*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Searle, John R. (1992). (*On Searle on conversation*). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Setzer, V. & W., Kon, F. (1996). *Introdução à rede Internet e seu uso*. São Paulo: Edgard Blucher Ltda..
- Shneiderman, B. (1998). *Designing the user interface: strategies for effective human-computer interaction*. EUA: Addison-Wesley.
- Silva, A. de S. & Ferreira, L. *Z ou como estar imerso no espaço digital*. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und/404_6.htm. Último acesso em 16 de abril de 2004.
- Sobral, A. (1999). *Internet na escola, o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola..
- Souza, R. A. de (2001). O discurso oral, o discurso escrito e o discurso eletrônico. Em

- Menezes, V. (Org.) *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte: FALE-UFMG.
- Tajra, S. F. (1998) *Informática na Educação - Professor na Atualidade*. São Paulo: Érica.
- Tannen, D. (1982). Oral and literate strategies in spoken and written narrative. *Language*, 58, 1-21.
- Thuillier, P. (1994). *De Arquimedes a Einstein – a face oculta da invenção científica*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Valente, J. A. (2003). *Educação a distância via Internet*. São Paulo: Avercamp.
- Valsiner, J. (2003). Culture and its Transfer: Ways of Creating General Knowledge Through the Study of Cultural Particulars. In W. J. Lonner, D. L. Dinnel, S. A. Hayes, & D. N. Sattler (Eds.), *Online Readings in Psychology and Culture* (Unit 2, Chapter 12), (<http://www.wvu.edu/~culture>), Center for Cross-Cultural Research, Western Washington University, Bellingham, Washington USA.
- Valsiner, J. e van der Veer (1993). The including of distancing: the concept of “zone of proximal development” and its interpretation. Em Cocking, R. e Renninger, K. (Eds.) *The development and meaning of psychological distance* (pp. 35-62). Hill Sdale: Laurence Erlbaum.
- Van Der Veer, R.& Valsiner, J. (1996). *Vygotsky: uma síntese*. São Paulo: Unimarco e Loyola.
- Varela, F. J., Thompson, E., Rosch, E. (2003). *A mente incorporada – ciências cognitivas e experiência humana*. Porto Alegre: Artmed.
- Vieira, A. *LOL, ROTFL e outros acrônimos* [online] Disponível na Internet via WWW. URL: http://www.terravista.pt/clubes/ficha_noticia.php?subtheme_id=21&news_id=1050.
Último acesso em 6 de março de 2004.

- Vigotski, L. S. (1996a). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (1996b). *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2001). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Virilio, P. (1993). *O espaço crítico*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Virilio, P. (2003). O resto do tempo. Em Martins, F. M. & Silva, J. M. da (Orgs.) *Para navegar no século XXI*. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs.
- Vygotsky, L. S. (1998). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Wertheim, M. (2001). *Uma história do espaço de Dante à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Wertsch, J. (1991). *Voices of the mind: a sociocultural approach to mediated action*. Cambridge: Harvard University.
- Wertsch, J. V. e Smolka, A. L. B. *Continuando o diálogo: Vygotsky, Bakhtin e Lotman*.
- Winograd, T. (1996). *Bringing design do software*. Stanford: Addison Wesley.
- Zingano, M. (2002). *Platão e Aristóteles – os caminhos do conhecimento*. São Paulo: Odysseus.